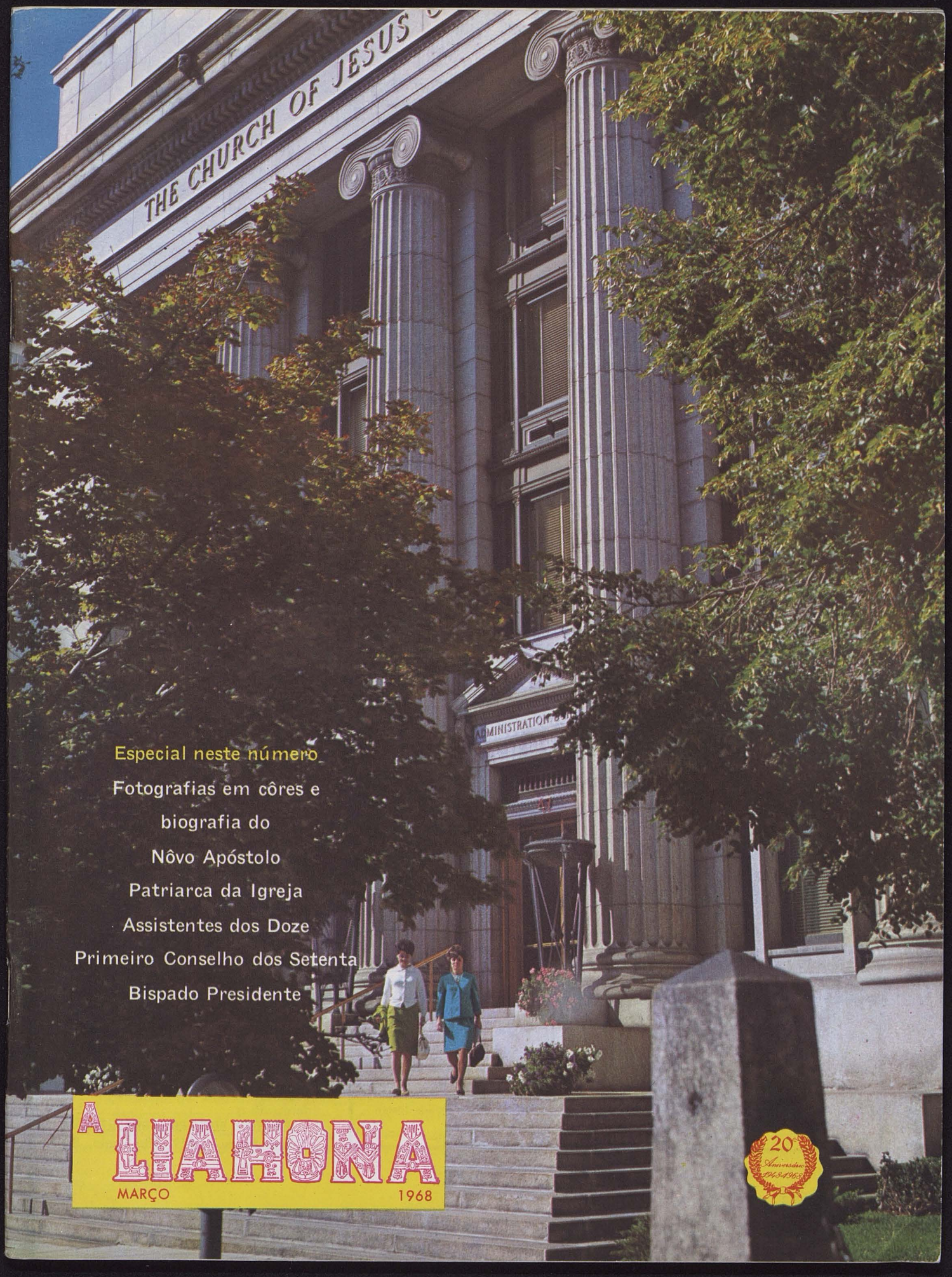


Especial neste número
Fotografias em côres e
biografia do
Nôvo Apóstolo
Patriarca da Igreja
Assistentes dos Doze
Primeiro Conselho dos Setenta
Bispado Presidente

A LIAHONA

MARÇO 1968

20 Aniversário 1948-1968



Mensagem de

Harold B. Lee

membro do Conselho dos Doze

Freqüentemente, hoje em dia, os homens vivem tão afastados das coisas espirituais que, assim como sucedeu em Jerusalém, conseguem ouvir apenas um ruído quando o Senhor fala a seus ouvidos carnais, ou a suas mentes sem som audível, ou ainda através de seus servos autorizados, os quais quando orientados pelo Espírito são como a sua própria voz. Em conseqüência disso, não recebem sabedoria inspirada, nem adquirem a certeza íntima de que o Senhor falou através de seus servos.

Os profetas do passado aprenderam, como todos devemos saber, a comunicar-se com Deus pela oração, a falar com Êle e receber respostas dadas pelo Senhor de diversas maneiras. Conhecer a Deus, e a Jesus Cristo a quem Êle enviou (João 17:3), como disse o Senhor a seus discípulos, é seguir um caminho certo que leva à vida eterna na presença dêsses sêres glorificados.

Neste Número

Mensagem de Inspiração. Harold B. Lee	2
A Verdadeira Gratidão. David O. McKay	3
Uma Conferência Memorável. Henry A. Smith	4
O Poder da Oração. N. Eldon Tanner	6
A Melhor Coisa do Mundo. Becky Stuart	10
Aquêles que Perseveram até o Fim. Belle S. Spafford	13
Os Servos do Reino de Deus. Biografias	16
Seção das Crianças	29
A Zebra Quadriculada	
Quinta-Feira Maluca	
Receitas de Muitas Terras	
O Bispado Presidente Fala Sôbre o Sacramento.	46
". . . Mesmo pelo Estudo. . .". D. Chris Poulos	48
Os Filhos do Convênio. X Lição de Genealogia	52
A Partir de Cumorah - XXII. Hugh Nibley	54
História da Igreja no Brasil - III. Sylvio G. Vazzoler	56
Quarenta Anos Depois. George F. Lippelt	58

Capa

Estamos satisfeitos em poder apresentar nêste número 23 fotografias coloridas e breves biografias de um nôvo apóstolo, o Patriarca da Igreja, os Assistentes do Conselho dos Doze, o Primeiro Conselho dos Setenta e o Bispado Presidente. Novas fotos foram tiradas com êsse propósito e as biografias foram escritas pelos membros da equipe de *The Improvement Era*.

Vol. 21 - Março de 1968 - Número 3

A LIAHONA

Publicação Mensal editada pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Editor
Hélio da Rocha Camargo
Redator
F. Máximo

Centro Editorial Brasileiro
R. São Tomé, 520 - V. Olímpia
CP 19079, São Paulo, SP - Tel. 80-9675

Estaca São Paulo
R. Iguatemi, 1980
São Paulo, SP

Missão Brasileira
R. Henrique Monteiro, 215, São Paulo, SP, CP 862, Tel. 80-4638

Missão Brasileira do Sul
R. Gen. Carneiro, 490, Curitiba, Pr.
CP 778, Tel. 4-8016

Missão de Construção
R. Itapeva, 378, São Paulo, SP
Tel. 33-6761

"A LIAHONA" — Órgão Oficial da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em língua portuguêsa, acha-se registrado sob o número 93 do Livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4.857 de 9-11-1930. Composto por Interlinograf, R. dos Andradas, 127. Fotolitos: Lastri S/A, R. da Independência, 362/382. Impresso nas oficinas da Mácron - Indústria Gráfica Ltda., R. das Fiandeiras, 66. São Paulo, SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar sòmente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas tôdas as colaborações para apreciação da redação e do "staff" internacional do "Unified Magazine".

Subscrições: Tôda a correspondência sôbre assinaturas deverá ser dirigida ao: *Departamento de Assinaturas*, Caixa Postal 19079. Assinatura anual para o Brasil: NCr$ 5,00; para o Exterior, simples: US$ 3,00; para o Exterior, via aérea: US$ 7,00. Preço do Exemplar avulso em nossa Agência: NCr$ 0,50; exemplar atrasado NCr$ 0,80. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando o antigo e o nôvo endereço, devendo-se aguardar 8 semanas para o processamento postal.

Importante

Tôda a correspondência deve ser endereçada a

CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO
Caixa Postal 19079, São Paulo, SP



A Verdadeira Gratidão

Presidente David O. McKay

A gratidão é mais profunda que o agradecimento. E o primeiro passo para ela é o reconhecimento. A gratidão é a plenitude do reconhecimento. Êste pode constituir-se meramente de palavras. A gratidão é demonstrada em atos.

Parece-me que seria bom analisarmos melhor nossa atitude para com as bênçãos pelas quais devemos ser mais gratos — não apenas as temporais, como colheitas e lucros. Podemos ter uma gratidão inteiramente egoística, se pensarmos apenas no sucesso que coroou nossos investimentos, se sòmente agradecermos as boas colheitas e expressarmos reconhecimento apenas por ter alcançado renda suficiente para pagar os impostos.

Existem aquêles para quem as coisas vão bem. O círculo familiar permanece completo. Nenhuma doença perniciosa penetrou em seu lar. A prosperidade deixou seus traços e sua mesa foi posta com fartura. Há carne na despensa e mantimento no celeiro. Devido a isso, essas pessoas imaginam que são gratas; mas tal gratidão é a essência do egoísmo. Baseia-se em circunstâncias; inspira-se no céu límpido e nos bons ventos, sendo portanto tão instável e eventual como as sucessões de luz e sombra.

Se essas condições circunstanciais de confôrto e prosperidade pessoal forem em si as bases da gratidão, como poderemos encontrar motivo de alegria na adversidade?

A história passada apresenta relatos bem tristes. Houve perdas e dores, reveses, privações e mágoas. Em que, nessas circunstâncias, encontra-se motivo para reconhecimento? A despensa vazia, a mesa mal provida, o lar desolado, a cadeira vaga, o primeiro túmulo no cemitério não deixam lugar para gratidão?

Esta é uma pedra de tropêço para muitas almas honestas. No amargor da adversidade é que nos defrontamos com o teste real de nossa gratidão, a qual, triunfante sôbre condições meramente físicas e externas, encontra sua fonte de agradecimento no próprio Deus. Ela independe das circunstâncias; ultrapassa a superfície da vida, alegre ou triste, para se alicerçar no próprio Criador.

Deixando de lado a prosperidade, consideremos alguns aspectos pelos quais todos, ricos e pobres, enfermos e sãos, podem expressar gratidão. As realidades da vida, no final das contas, são as coisas que trazem alegria e felicidade; e demasiado número de pessoas deixa de apreciar essas realidades.

Uma grande realidade pela qual devemos ser gratos é a vida em si. A vida é um mistério para a maioria de nós, mas devemos todos ser gratos por ela. É o maior dom que Deus pode dar ao homem. E não há pessoa, por mais pobre que seja, por mais deformada, que não deva ser grata por ela.

Um segundo dom fundamental pelo qual devemos demonstrar gratidão é o livre arbítrio que nos foi concedido por Deus — essa liberdade garantida pela lei fundamental da terra. Sinto-me grato por saber que muitos membros da Igreja e tantas outras pessoas em geral, reconhecendo o fato de que as posses materiais sòzinhas não trazem felicidade, começam a apreciar mais do que nunca as coisas de maior valor. Estou feliz por desfrutar com meus amigos dessas coisas valiosíssimas. Para mencionar apenas algumas, diria que sou profundamente reconhecido por:

Em primeiro lugar, uma origem digna e um nome valoroso.

Segundo, fé permanente num Ser Supremo e na divindade de Jesus Cristo.

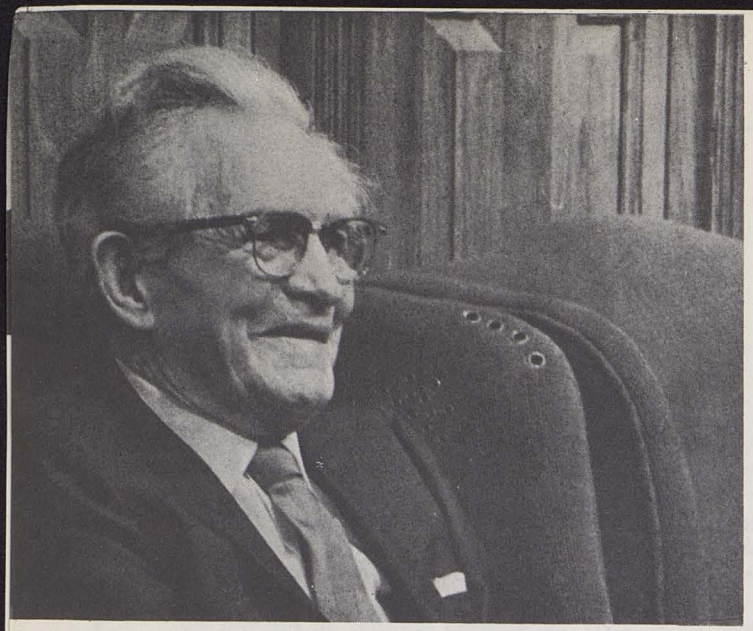
Terceiro, pela capacidade e oportunidade de desfrutar os dons de Deus manifestados na Natureza. Tôdas as maravilhas da criação são minhas, bastando apenas que as contemple e busque.

Quarto, por gozar relações familiares harmoniosas — parentes e amigos leais. Aquêle que possui um só amigo que seja é rico e eu possuo muitos que se demonstraram sinceros e leais.

Quinto, pela oportunidade de prestar serviço à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

E, acima de tudo, pelo conhecimento de que um Pai bondoso e cheio de amor dará orientação e apoio a todos os que o procurarem sinceramente.

Expressemos sempre gratidão pelas oportunidades de prestar serviço na Igreja — de servir ao próximo, não a nós mesmos. Se deseja ser feliz, torne alguém feliz. Esta é uma lei fundamental de Cristo e a Igreja foi organizada de forma tal que tôda a pessoa tem oportunidade de prestar serviço a alguém de forma ordenada. Lembremo-nos de que "quando fizestes a um dêstes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes." (Mat. 25:40.)



O ponto alto das sessões de abertura da Conferência Geral de Outubro foi a mensagem de inspiração do Pres. McKay. O Pres. MacKay celebrou o seu 94.º aniversário em 8 de setembro de 1967.



Entre as sessões, os santos tiveram a oportunidade de conhecerem outros membros de diferentes partes da Igreja. A esta conferência compareceram representantes de tôdas as estacas da Igreja.



Presidente Brown na abertura de uma das sessões da conferência. Na foto pode-se ver tôdas as autoridades gerais assentadas diante do púlpito.

Uma Con

O pano desceu sôbre uma das mais memoráveis conferências gerais da história da Igreja.

O tema de maior destaque foi o caráter mundial da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, tanto do ponto de vista das mensagens inspiradas como do exercício do voto, pelas congregações de santos.

A 137.ª Conferência Geral Semi-anual foi aberta na sexta-feira pela manhã, com uma exposição sôbre o tema básico, a unidade, salientada pelo presidente David O. McKay para o discurso de abertura. O amado líder da Igreja compareceu à primeira sessão mas, de acôrdo com recomendação de seus médicos, permaneceu em casa durante as outras reuniões, assistindo os programas pela televisão.

Suas três mensagens à conferência incluíam ainda uma exposição apresentada na Reunião do Sacerdócio e uma palestra de encerramento, na tarde de domingo. Essas três mensagens foram lidas por seu filho Robert R. McKay.

Diversos oradores mencionaram o caráter universal da Igreja, mas sua expansão foi realmente evidenciada pela designação de 69 Representantes Regionais dos Doze, que receberam o apoio da congregação na sessão de sexta-feira à tarde.

Ao mesmo tempo em que as autoridades e oficiais gerais da Igreja eram apoiados, Élder Alvin R. Dyer, Assistente do Conselho dos Doze desde Outubro de 1958, foi apoiado como apóstolo. Não se indicou nenhum sucessor para o corpo de Assistente dos Doze.

A designação do Élder Dyer não é sem precedentes Em três outras ocasiões já foram ordenados apóstolos que não receberam chamado para integrar o Conselho dos Doze. Brigham Young Jr. foi ordenado apóstolo em 1864, porém apenas passou a integrar o Conselho dos Doze em 1868. Joseph F. Smith também foi ordenado em 1866 e só no ano seguinte escolhido para ser membro dos Doze Sylvester Q. Cannon tornou-se apóstolo em abril de 1938 e foi apoiado como integrante dos Doze em outubro de 1939.

Êsses Representantes deverão servir em 109 regiões, muitas das quais tiveram seu tamanho sensìvelmente reduzido, com uma média de quatro estacas por região. Antes de serem apresentados seus nomes para voto e apoio, o presidente Hugh B. Brown leu a seguinte declaração da Primeira Presidência:

"À congregação da Igreja:

"Como muitos se recordarão, em 1941 tornou-se necessário que a Primeira Presidência e os Doze escolhessem mais irmãos para auxiliar na supervisão e contrôle de uma

Conferência Memorável

Henry A. Smith
Editor do "Church News"

Igreja mundial em permanente desenvolvimento. Assim sendo, na Conferência Geral de abril de 1941 foi indicado e apoiado um grupo de Assistentes dos Doze, que seria ou não aumentado de tempos em tempos, conforme se fizesse necessário para a promoção da obra do Senhor.

"A partir de então as demandas de caráter mundial da Igreja aumentaram em grau sempre crescente e a Primeira Presidência e os Doze sentem que é mister providenciar mais orientação e contrôle.

"Portanto, o que agora se propõe é o chamado de tantos irmãos quantos se faça necessário, para servir como Representantes Regionais dos Doze, cada um responsável, segundo designação, por alguns aspectos da obra de transmitir conselhos e dirigir reuniões de instrução em grupos de estacas ou regiões, conforme lhes seja indicado de tempos em tempos.

"Êsses Representantes Regionais dos Doze não serão autoridades "Gerais", como tais, mas servirão em capacidade semelhante à dos presidentes de estaca, prestando serviço de tempo integral à Igreja durante períodos maiores ou menores, segundo as circunstâncias.

"Mais detalhes serão fornecidos com o desenrolar dêste plano, sob a orientação da Primeira Presidência e dos Doze."

A declaração trazia a assinatura dos cinco membros da Primeira Presidência — Presidente David O. McKay e seus conselheiros, Hugh B. Brown, N. Eldon Tanner, Joseph Fielding Smith e Thorpe B. Isaacson.

Os novos Representantes Regionais da Igreja receberam designações para as diversas regiões, bem como instruções adicionais a respeito de seus deveres, em reunião especial realizada sexta-feira no Assembly Hall, a que compareceram os presidentes das 443 estacas da Igreja. Os oficiais regionais já haviam recebido dois dias de treinamento especial, sob a direção da Primeira Presidência e do Conselho dos Doze.

Os fundamentos do nôvo programa de supervisão e instruções pertinentes às conferências de estacas para o próximo ano foram transmitidos na Reunião Geral do Sacerdócio, pelo élder Harold B. Lee, do Conselho dos Doze e presidente do Programa de Correlação da Igreja.

Élder Lee explicou que o nôvo programa de supervisão, que envolve os Representantes Regionais, tornar-se-ia efetivo a partir de 1.º de janeiro de 1968. Durante o restante do ano de 1967 as designações para conferências de estacas e reuniões regionais continuariam a ser executadas pelos membros dos quatro comitês do sacerdócio — missionário, mestres familiares, bem-estar e genealogia. Êsses comitês serão dissolvidos pela Primeira Presidência com desobrigações honrosas, a partir de 1.º de janeiro de 1968.

Em seu discurso na reunião do sacerdócio élder Lee explicou que, a partir do primeiro mês de 1968, haverá apenas uma sessão geral matutina das conferências de estaca "a ser assistida por tôda a congregação da estaca." Haverá também "uma sessão da tarde de sábado para liderança selecionada", disse êle.

Continuando, élder Lee esclareceu que "seriam designadas Autoridades Gerais para duas das quatro conferências trimestrais de estacas as quais, naturalmente, presidiriam e dirigiriam quando comparecessem. Na ausência de uma Autoridade Geral, como acontecerá agora, o presidente da estaca seguirá um programa delineado para a conferência."

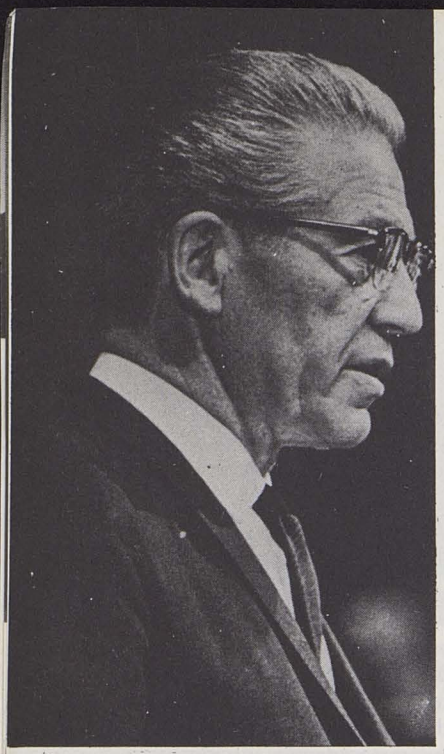
Élder Lee explicou também que as juntas gerais auxiliares não mais comparecerão às conferências de estaca após 1.º de janeiro, mas continuarão a fazer suas visitas durante as reuniões regionais. Acrescentou que "as conferências trimestrais serão aproveitadas mais intensamente para treinamento da liderança, incluindo-se, em lugar da sessão da tarde das conferências de estacas, reuniões para transmitir instruções limitadas mas importantes das Autoridades Gerais aos novos bispados e outros líderes de estaca recém-designados."

"No domingo de conferência, à noite, haverá Reunião Sacramental em tôdas as alas," disse êle.

Foi posteriormente explicado que os quatro programas do sacerdócio — missionário, genealogia, ensino familiar e bem-estar, seriam abordados com destaque especial em reuniões regionais a serem promovidas em cada região duas vêzes por ano. Os Representantes Regionais dos Doze recém-designados presidirão sôbre essas reuniões regionais e serão responsáveis por seu planejamento e programação.

Com respeito ao treinamento da liderança nas conferências de estacas, disse élder Lee:

"As reuniões de sábado à noite nas conferências trimestrais de estaca serão devotadas a treinamento relativo aos manuais, aos quatro programas do sacerdócio e a princípios gerais de liderança. Também se dedicará algum tempo para treinamento semelhante nas reuniões de liderança do sacerdócio da estaca. Esperamos que os presidentes de estaca promovam seminários de acôrdo com essas instruções, para todos os bispos e líderes do sacerdócio das estacas e alas, bem como líderes das auxiliares."



"Às vêzes fico a imaginar se realmente compreendemos o poder da oração," disse o Pres. Tanner durante o seu discurso na 137.ª Conferência Geral Semi-anual.

PRES. N. ELDON TANNER

O Poder da Oração

Texto integral do discurso proferido na 137.a Conferência Geral Semi-anual no Tabernáculo de Salt Lake City.

Presidente McKay, irmãos e irmãs de tôdas as partes, é uma grande alegria estar hoje aqui neste histórico Tabernáculo, na bela Praça do Templo, onde os membros da Igreja têm-se reunido regularmente em conferência durante os últimos cem anos. Neste lugar, como os que nos precederam, desfrutamos do Espírito do Senhor, ouvimos palavras de sabedoria e somos instruídos em princípios do evangelho, para ver renovada nossa fé e fortalecidos nossos testemunhos. Além disso, tão logo o rádio e a televisão o tornaram possível, as grandes mensagens dos líderes da Igreja aqui proferidas passaram a ser ouvidas por todo o mundo. Queremos estender uma saudação calorosa a nossa audiência de hoje através do rádio e da televisão.

Acabamos de ouvir a bela interpretação dêste grande Côro do Tabernáculo, organizado em 1847, que juntamente com a Palavra Proferida de Richard L. Evans vem sendo ouvido semanalmente por milhões de pessoas, desde 1929. Sua última excursão, feita aproximadamente um mês atrás, possibilitou que milhares de pessoas na Exposição do Canadá, em Nova Iorque, Michigan, Nebraska, Oklahoma, Massachusetts e Rhode Island se deleitassem com seus magníficos concertos.

Em nome da Primeira Presidência, dos membros aqui reunidos e, tenho certeza, de tôda a Igreja, desejamos expressar nossa gratidão profunda e sincera ao Presidente Isaac M. Stewart; aos regentes Richard P. Condie e Jay Welch; a nossos organistas, Alexander Schreiner, Robert Cundick e Roy Darley; a todos os dedicados membros do Côro e outras pessoas que tenham contribuído para seu notável sucesso. Possa o Senhor continuar a abençoá-los com grande êxito.

Meditar nas muitas conferências efetuadas sob a direção de profetas e líderes inspirados, todos servos dedicados de Deus, muitos dêles verdadeiros gigantes do Senhor faz com que uma pessoa se sinta extremamente humilde ao ocupar esta posição. Eu rogo e oro sinceramente para ser revestido com o mérito de sua fé e orações, a fim de que o Espírito do Senhor esteja conosco enquanto me encontro aqui, para que o que eu diga esteja em harmonia com Êle e sirva de auxílio a alguns dos presentes e dos que estão ouvindo em casa. Rogo sinceramente que o espírito e as bênçãos do Senhor estejam com todos, concedendo-lhes os seus desejos justos.

Tenho grande fé na oração e creio que "mais coisas são operadas através dela do que o mundo jamais sonhou." Na verdade, escolhi para hoje o tema da oração e rogo que o Senhor nos ajude a perceber a importância e o valor da prece e que grande privilégio e oportunidade cada um de nós possui por poder dirigir-se a Êle em agradecimento e súplica.

É por minhas orações terem sido atendidas tantas vêzes na vida, porque sinto tão vivamente a necessidade de chamar o Senhor e porque experimentei sua fôrça, bênçãos e orientação na posição que agora ocupo que escolhi êste assunto para hoje. Oro para que aquêles que duvidam possam ser auxiliados a ver e compreender que Deus é nosso Pai, que nós somos seus filhos espirituais e que existe realmente Aquêle que disse:

"Pedi e dar-se-vos-á; buscai e encontrareis; batei e abrir-se-vos-á.

"Porque aquêle que pede, recebe; e o que busca, encontra; e, ao que bate, se abre." (Mat. 7:7-8.)

Freqüentemente fico a imaginar se realmente percebemos o poder da oração, se apreciamos a enorme bênção que é poder chamar nosso Pai Celestial em prece humilde, com a certeza de que Êle está interessado em nós e deseja nosso sucesso.

Como disse Richard L. Evans de forma tão bela: "Nosso Pai Celeste não é um juiz que deseja ver-nos vencidos. Não é um competidor que procura sobrepujar-nos. Nem um promotor que quer nossa condenação. É um Pai amoroso que deseja nossa felicidade e progresso eterno e nos assistirá em tudo o que puder, se lhe dermos a oportunidade de assim fazer através da obediência e da humildade, da fé e da paciência."

Para orar de forma eficaz e sentir que pode ser ouvida e receber resposta a sua súplica, uma pessoa precisa crer que está orando a um Deus capaz de ouvir e

responder, alguém que está interessado em seus filhos e no seu bem-estar. A primeira oração ao Senhor de que temos notícia foi a registrada por Moisés:

"E Adão e Eva, sua mulher, invocaram o nome do Senhor, e ouviram a voz do Senhor na direção do Jardim do Eden falando a êles, mas não O viram, porque estavam excluídos da sua presença... (Moisés 5:4,16)

"E Adão e Eva, sua espôsa, não cessaram de clamar a Deus."

Grandes e influentes homens oraram sempre em busca de orientação divina. A grande nação dos Estados Unidos foi alicerçada sôbre a prece. Em maio do último ano, o senador Strom Thurmond relembrou-nos isto, quando disse:

"O Tratado Mayflower, redigido em novembro de 1620, principia com uma oração: "Em nome de Deus", e prossegue declarando: "Nós... tendo empreendido isto para a glória de Deus, ...por êste instrumento solene e mùtuamente, na presença de Deus e uns dos outros. fazemos convênio e nos reunimos num corpo político civil."

"Assim começou nossa nação, alicerçada sôbre a prece. A figura de George Washington, ajoelhado naquele inverno inclemente em Valley Forge, é um fato da história dêste país que nunca deveria ser esquecido...

"A Convenção Constitucional, em junho de 1787, tinha estado em reunião durante semanas sem chegar a um acôrdo, quando Benjamin Franklin ergueu-se e dirigiu-se a George Washington:

"Senhor Presidente: O pequeno progresso por nós obtido após quatro ou cinco semanas de exame atento e debates constantes... é prova melancólica da imperfeição do entendimento humano... Nós nos reportamos à história antiga para obter modelos de govêrno que já não mais existem e analisamos estados modernos... mas não achamos que nenhuma dessas constituições fôsse adequada a nossa situação... Como terá acontecido, senhor, que não tenhamos até aqui pensado alguma vez em apelar humildemente ao Pai da Luz para que ilumine nossa compreensão?

"No início da luta com a Inglaterra, quando estávamos cônscios do perigo, orávamos diàriamente nesta sala rogando proteção divina.

"Nossas orações, senhor, foram ouvidas; e generosamente atendidas...

"Peço, portanto, licença para propor:

"Que daqui por diante sejam feitas orações nesta assembléia tôdas as manhãs, antes de principiarmos a trabalhar, implorando assistência aos Céus e suas bênçãos sôbre nossas deliberações."

Isto fôi feito e hoje colhemos os frutos do trabalho executado em resposta à oração. A prece nunca foi obsoleta neste grande país dos Estados Unidos. Lincoln, que rogava orientação ao Senhor contìnuamente, disse:

"É dever das nações, assim como dos homens, ser dependentes do poder dominante de Deus, confessar seus pecados e transgressões com humilde pesar... e reconhecer a sublime verdade de que apenas são abençoadas as nações em que Deus é o Senhor."

O presidente Dwight D. Eisenhower, ao ser empossado, rogou a Deus:

"Dá-nos, rogamos-te, o poder de discernir claramente o certo do errado e de fazer com que nossas obras e atos sejam governados por êsse conhecimento e pelas leis dêste país... de forma que todos possamos trabalhar pelo bem de nossa amada terra e para a tua glória. Amém."

Samuel B. Morse, inventor do telégrafo, disse que sempre que não conseguia enxergar claramente o caminho na vida ajoelhava-se e orava pedindo luz e compreensão.

Temos também aquela oração simples e bela gravada pelo astronauta Gordon Cooper, enquanto se achava em órbita sôbre a terra:

"Pai, eu te agradeço de forma especial por ter-me permitido fazer êste vôo. Agradeço-te pelo privilégio de estar nesta posição, aqui em cima neste lugar maravilhoso, contemplando tôdas estas coisas extraordinárias e estarrecedoras que tu criaste."

Uno-me ao senador Thurmond neste apêlo a "nosso povo para que ore mais, para que examine a herança religiosa de nosso país e reconheça o benefício de buscar as bênçãos do Senhor. A oração é a única forma pela qual o finito pode comunicar-se com o infinito; ...o visível pode entrar em contato com o invisível. Pode-se verificar fàcilmente, apenas examinando a história de nossa terra, que a prece e a comunicação com Deus é a própria pedra fundamental de nossa sociedade. Se permitirem que ela seja agora abandonada, estarão desprezando a maior riqueza que esta ou qualquer outra nação jamais possuiu."

Todos os profetas, de Adão ao profeta atual, rogaram incessantemente orientação e o próprio Salvador orava contìnuamente a Deus, o Pai Eterno. Com respeito a Êle lemos:

"E aconteceu que naqueles dias subiu ao monte a orar e passou a noite em oração a Deus." (Lucas 6:12.)

O Senhor admoestou-nos a orar e através do profeta Tiago fêz esta promessa:

"E se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus que a todos dá liberalmente e o não lança em rosto e ser-lhe-á dada.

"Peça-a, porém, com fé, não duvidando; porque o que duvida é semelhante à onda do mar, que é levada pelo vento e lançada de uma para outra parte." (Tiago 1:5-6.)

Esta promessa diz respeito a todos nós — altos e baixos, ricos e pobres. É universal, irrestrita, para você, para mim e para nossos vizinhos. Diz que devemos crer e ter fé em Deus. Devemos reconhecer que o Senhor está pronto a ajudar seus filhos, bastando-lhes colocarem-se em sintonia através da prece e guardarem seus mandamentos. Na verdade, o Senhor disse:

"Eu, o Senhor, estou obrigado quando fazeis o que Eu digo; mas quando não o fazeis, não tendes promessa nenhuma." (D. & C. 82:10.)

O Senhor advertiu-nos de que devemos humilhar-nos e não ser como disse o antigo profeta: Muitos homens

"... se exaltam a seus próprios olhos e tropeçam por causa da grandeza de sua pedra de tropêço... não obstante, abandonaram o poder e os milagres de Deus e pregam para si mesmos sua própria sabedoria... (2 Nefi 26:20.)

Disse Paulo a respeito do orgulhoso homem do mundo:

"Ora o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente." (1 Cor. 2:14.)

"Porque, qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem, que nêle está? Assim também

ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus." (1 Cor. 2:11.)

E como aquêle grande estudioso, o falecido presidente J. Reuben Clark Jr., disse:

"Para que os homens conheçam a Deus e sejam guiados por Êle, devem expulsar de seus corações o orgulho de seu saber e de suas realizações. E por que não? Pois como uma gôta d'água no oceano é o conhecimento do mais sábio, comparado com a plenitude da verdade do universo. Os homens devem confessar humildemente que Jesus é o Salvador, pois 'não há outro nome debaixo dos céus pelo qual devamos ser salvos.'" (No livro Way to Immortality and Eternal Life, pág. 6.)

Devemos estar preparados para reconhecer Deus como o Criador do mundo e que Êle, através de seu Filho Jesus Cristo e seus profetas, ensina-nos em linguagem simples a relação do homem para com Deus; informa sôbre a existência pré-mortal e o propósito de nossa missão aqui sôbre a terra; e confirma o fato de que nossa existência depois da morte é real e que o que fazemos aqui condicionará nossa vida no mundo futuro.

Não nos devemos desviar pelas doutrinas dos homens. Tôdas as conquistas da ciência e da filosofia nunca darão resposta a esta pergunta: "Por que o homem está aqui?" Mas isto está claramente respondido no evangelho de Jesus Cristo e foi-nos ensinado que: "Se algum de vós tem falta de sabedoria ,peça-a a Deus."

Preparemo-nos para fazer isto e não para ser como aquêles a quem o Salvador se referiu quando disse:

"...bem profetizou Isaías a vosso respeito, dizendo:

"Êste povo honra-me com os seus lábios, mas seu coação está longe de mim.

"Mas em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos dos homens." (Mat. 15:7-9.)

Sim, é importante e o Senhor salienta que devemos humilhar-nos e aceitar os ensinamentos de Jesus Cristo e guardar seus mandamentos, se queremos que Êle ouça e atenda nossas preces. Devemos todos estar preparados para dizer sinceramente, como Paulo, quando falou aos romanos:

"Pois não me envergonho do evangelho de Cristo: porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquêle que crê;..." (Romanos 1:16.)

É difícil compreender por que alguns não conseguem ou acham problemático crer que Deus possa ouvir e responder nossas preces e ainda assim crêem que os astronautas podem sair da terra e viajar no espaço exterior a milhares de quilômetros por hora, dirigidos da terra por contrôle remoto; que podem manter-se em contato com a base terrestre, receber instruções e ser dirigidos em suas atividades e depois ser trazidos de volta para uma aterrissagem segura.

Como podemos questionar a capacidade de Deus de ouvir e responder nossas preces e dirigir-nos em tôdas as coisas — quando nos mantemos em sintonia com Êle — e ao mesmo tempo não duvidamos de que o Surveyor III, um instrumento mecânico, possa ser enviado para fora da terra, até a lua, e lá ser dirigido por simples homem aqui em nosso planêta? Êle seguiu instruções para cavar, deixar de cavar, enviar relatório, remeter fotos e cavar novamente. Enquanto permaneceu em sintonia pôde ser dirigido.

Somos como os astronautas, ou como o Surveyor, enviados por Deus para cumprir uma missão aqui sôbre a terra. Êle quer que tenhamos sucesso. Está pronto a responder nossos chamados e assegurar-nos uma aterrissagem segura em nosso retôrno, com a única condição de nos mantermos em contato com Êle através da oração e obedecermos seus comandos.

Entretanto, orando estaremos preparados para rogar ao Senhor que nos ajude a atender seu chamado. ou a reconhece-lo e servi-lo?

Estaremos prontos a pedir ao Senhor que nos dê o seu perdão, assim como nos perdoamos uns aos outros? Pois Êle disse:

"...Se aos homens perdoardes as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará a vós.

"Mas, se aos homens não perdoardes as suas ofensas, tampouco vos perdoará vosso Pai as vossas ofensas." (3 Nefi 13:14-15.)

Seria bom determo-nos a analisar nossa própria situação. Esperamos até ter problemas para correr ao Senhor? E orando darmos-lhe ordens, dizendo: "Abençoa isto" e "Abençoa aquilo;" "Dá-nos isto" e "Dá-nos aquilo;"; "Faz isto" e "Faz aquilo?"

Ou pedimos para ser guiados a fazer o que é reto, solicitando aquilo que fôr para nosso bem? Rogando o desejo, a fôrça e a determinação de cumprir a vontade de nosso Pai celestial e estar sempre prontos a obedecer êsse comando.

Os homens oram por muitos motivos. Muitos se postam de joelhos devido ao mêdo e só então rezam. Outros dirigem-se ao Senhor quando precisam desesperadamente de uma orientação que sabem não poder encontrar em nenhum outro lugar. As nações são conclamadas pelo govêrno, em épocas de calamidade pública, sêca, fome ou guerra a rogar ao Senhor as suas bênçãos, proteção e orientação. Alguns pedem para ser curados, outros para ser fortalecidos. Solicitam o favor do Senhor para suas famílias, entes queridos e para si próprios, em todos os seus empreendimentos honestos. Tudo isto, estou seguro, está certo aos olhos de Deus.

É sumamente importante, contudo, que encontremos oportunidades de expressar gratidão a nosso Pai celestial pelas muitas bênçãos recebidas. Fiquei profundamente tocado quando certo dia, após a oração familiar, uma de nossa filhinhas disse: "Papai, acho que não devemos pedir mais bênçãos. O Senhor tem sido muito bom para nós, mas me parece que agora precisamos é rogar que nos ensine a ser dignos das bênçãos que recebemos." Desde então temos procurado ser mais diligentes no expressar nossa gratidão ao Pai Celestial e rogar orientação para ser dignos daquilo que nos foi concedido.

Ao agradecer as inúmeras bênçãos, tornamo-nos mais cônscios do que o Senhor tem feito por nós e assim ficamos mais gratos. Todos sabemos o que significa ouvir ou receber um agradecimento. Nossos antepassados estabeleceram um dia de Ação de Graças. Receio que alguns de nós se esqueçam até daquele dia.

Imagino se às vêzes não fazemos o mesmo que os leprosos curados por Jesus. É bem conhecida a história da cura dos leprosos que clamavam:

"Tem misericórdia de nós.

"E um dêles, vendo que estava são, voltou glorificando a Deus com o rosto em terra, dando-lhe graças: e êste era samaritano.

"E, respondendo, Jesus disse: Não foram dez os limpos? E onde estão os nove?

"Não houve quem voltasse para dar glória a Deus

senão êste estrangeiro?" (Lucas 17:13, 15-18.)

Como disse Marco Antônio a respeito de Cesar, quando reconheceu seu amigo Brutus entre seus assassinos:

"Êste foi de todos o golpe mais cruel;
"Pois quando o nobre Cesar o viu apunhalar,
"A ingratidão, mais forte que os braços dos traidores,
"Subjugou-o; e rompeu seu poderoso coração."
(Júlio Cesar, Ato III.)

Estou certo de que o Senhor espera que expressemos gratidão pelas bênçãos recebidas, ao mesmo tempo que lhe pedimos que continue a concedê-las, a perdoar nossas faltas e a dar-nos desejo de proceder bem.

Quando oramos, é importante que nos disponhamos a fazer o possível para permitir que o Senhor atenda nossos pedidos. Como disse meu pai quando eu era menino: "Meu filho, se deseja que suas orações sejam atendidas, ponha mãos à obra e faça sua parte."

Freqüentemente, quando o presidente da república pede ao povo que dedique um dia à oração, fico imaginando quão melhores seriam os resultados se estivéssemos todos vivendo em retidão, preparados para reconhecer a Deus como nosso Criador e para guardar seus mandamentos. Parece que muitos hoje perderam inteiramente a crença em Deus; outros duvidam da sua capacidade de responder a nossas preces; outros ainda só têm fé e confiança em sua própria sabedoria, fôrça e poder.

Depois há os que são como aquêles príncipes mencionados no evangelho de João:

"Apesar de tudo, até muitos dos príncipes creram nêle; mas não o confessavam por causa dos fariseus, para não serem expulsos da sinagoga." (João 12:42-43.)

Que todos atentemos para a evidência do próprio Senhor, quando disse o seguinte a respeito do Continente Americano:

"Eis que esta é uma terra escolhida e todos aquêles que a possuírem estarão livres da escravidão do cativeiro e do jugo de tôdas as outras nações que estão debaixo do céu, se servirem ao Deus da terra, que é Jesus Cristo..." (Éter 2:12.)

Com essa advertência do Senhor recebemos uma promessa:

"...Mas buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça e tôdas estas coisas vos serão acrescentadas." (Mateus 6:33.)

Todos deveríamos ter a coragem e a determinação de dizer, como Josué:

"...escolhei hoje a quem sirvais; ...eu porém, e a minha casa, serviremos ao Senhor." (Josué, 24:15.)

O Senhor instruiu os pais a que ensinassem seus filhos a ter fé em Cristo, o Filho do Deus vivente, e a orar e andar em retidão perante o Senhor. Não há dúvida de que se nossos filhos forem ensinados a orar a um Deus vivo em quem tenham fé, poderão andar mais fàcilmente em retidão diante de Deus.

Nunca poderei expressar tôda a gratidão que sinto por meus pais terem me ensinado a orar sòzinho e a participar com êles das orações familiares. Mamãe me ensinou ajoelhando-se comigo. Fêz-me sentir e ter certeza de que falava ao Senhor, nosso Criador, o Pai dos céus, e que Êle conhecia meus atos, desejos e necessidades. Ensinaram-me a demonstrar gratidão sincera, a rogar perdão e pedir fôrças para praticar o bem. Isto foi sempre uma grande fôrça para mim durante a vida. E hoje, mais do que nunca, rogo que o Senhor me guie e oriente minhas atividades, para que o que quer que eu faça possa ser aceitável diante dêle.

Quando rememoro o tempo em que nos ajoelhávamos em família para orar tôdas as manhãs e tôdas as noites, percebo o que representava para nós, filhos, ouvir nosso pai chamar o Senhor e falar diretamente com Êle, expressando sua gratidão e rogando bênçãos sôbre nossas colheitas, rebanhos e tôdas as propriedades. Encontrávamos sempre mais fôrça para enfrentar a tentação quando nos lembrávamos de que teríamos de prestar contas ao Senhor à noite.

A oração familiar em qualquer lar aproximará mais seus membros e resultará em melhores relações entre cônjuges, pais e filhos e dos filhos entre si. Se os filhos oram por seus pais, isto faz com que os apreciem mais e, ao orar pelos irmãos, sentem-se mais unidos, como que fazendo parte uns dos outros, especialmente se compreendem que estão falando ao Pai Celestial, tanto ajoelhados em família como sòzinhos. É nessa hora que esquecemos nossas diferenças e pensamos no bem dos outros, orando por seu bem-estar e rogando fôrças para sobrepujar nossas fraquezas. Não há dúvida de que somos pessoas melhores quando procuramos nos sintonizar com o espírito de nosso Pai Celestial, a fim de comunicarmo-nos com Êle e demonstrar desejo de cumprir sua vontade, ao orar, implorando bênçãos.

Assim nos admoestou o Senhor:

"Ora sempre, para que não caias em tentação e percas a tua recompensa.

"Sê fiel até o fim, e eis que estou contigo. Estas palavras não são do homem nem de homens, mas são minhas, de Jesus Cristo, teu Redentor pela vontade do Pai." (D. & C. 31:12-13.)

O Senhor disse também:

"...a oração feita por um justo pode muito em seus efeitos." (Tiago 5:16.)

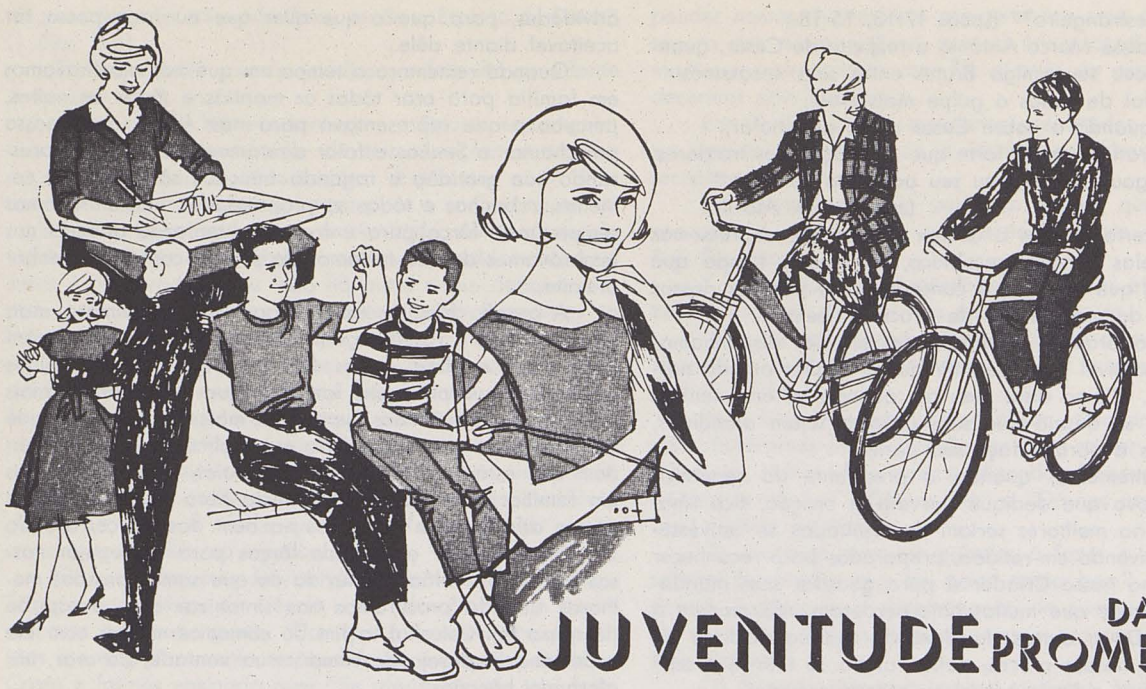
Freqüentemente faço a mim mesmo esta pergunta e tento respondê-la: "Por que algumas pessoas recusam-se a orar? Será porque acham que não têm tempo?" Recordo-me muito bem de um pai que veio a mim certo dia falar sôbre seu filho mais velho, com quem estava tendo algumas dificuldades. O rapaz era bom, mas estava descambando. Perguntei-lhe se oravam regularmente em família. Sua resposta foi: "Não, regularmente não, mas de vez em quando. Sabe como é, somos todos ocupados demais e saímos para o trabalho em horários diferentes, por isso é muito difícil para nossa família reunir-se em orações familiares."

Perguntei-lhe então: "Se soubesse que seu filho estava à morte, encontraria uma forma de reunir sua família tôdas as noites e tôdas as manhãs, durante uma semana, para rogar que sua vida fôsse poupada?" "Naturalmente," disse êle.

Procurei então demonstrar-lhe que existiam outras formas de se perder um filho, que não a morte. Expliquei também que as famílias que oram em conjunto geralmente permanecem unidas e que seus ideais são mais elevados, sentem mais segurança e têm mais amor uns pelos outros.

Ocorreram-me outras perguntas: "Êles se consideram independentes, sabidos demais e julgam que se bastam sòzinhos? Ou têm vergonha de clamar ao Senhor? Terão a impressão de que isto é uma demonstração de fraqueza? Ou não crêem nem têm fé em Deus? Acaso ocorrerá que

(Conclui na página 12)



JUVENTUDE DA PROMESSA

A Melhor Coisa do Mundo

Becky Stuart

Não muito tempo atrás sentei-me ao lado de um homem durante um jantar. Conversamos sôbre muitas coisas e eu apreciei bastante sua companhia. Lá pelo fim da refeição disse que queria contar-me a melhor coisa de sua vida. E falou então da alegria que êle e sua família sentiria caminhando e acampando juntos.

"Estar nas montanhas numa noite fria", disse êle, "sentir o vento soprando ao seu redor e ver as estrêlas bem claras, brilhantes, com sua família lá ao seu lado é a coisa mais linda do mundo!" O homem recostou-se na cadeira e sorriu com satisfação. "Sim, esta é a coisa mais linda que se possa sonhar. Pode imaginar algo melhor?"

"Acho que deve ser delicioso", concordei. "Sim, eu posso lhe falar de algo ainda melhor, algo que se tornou a melhor coisa do mundo para mim."

"Gostaria de saber o que é", disse êle com interêsse.

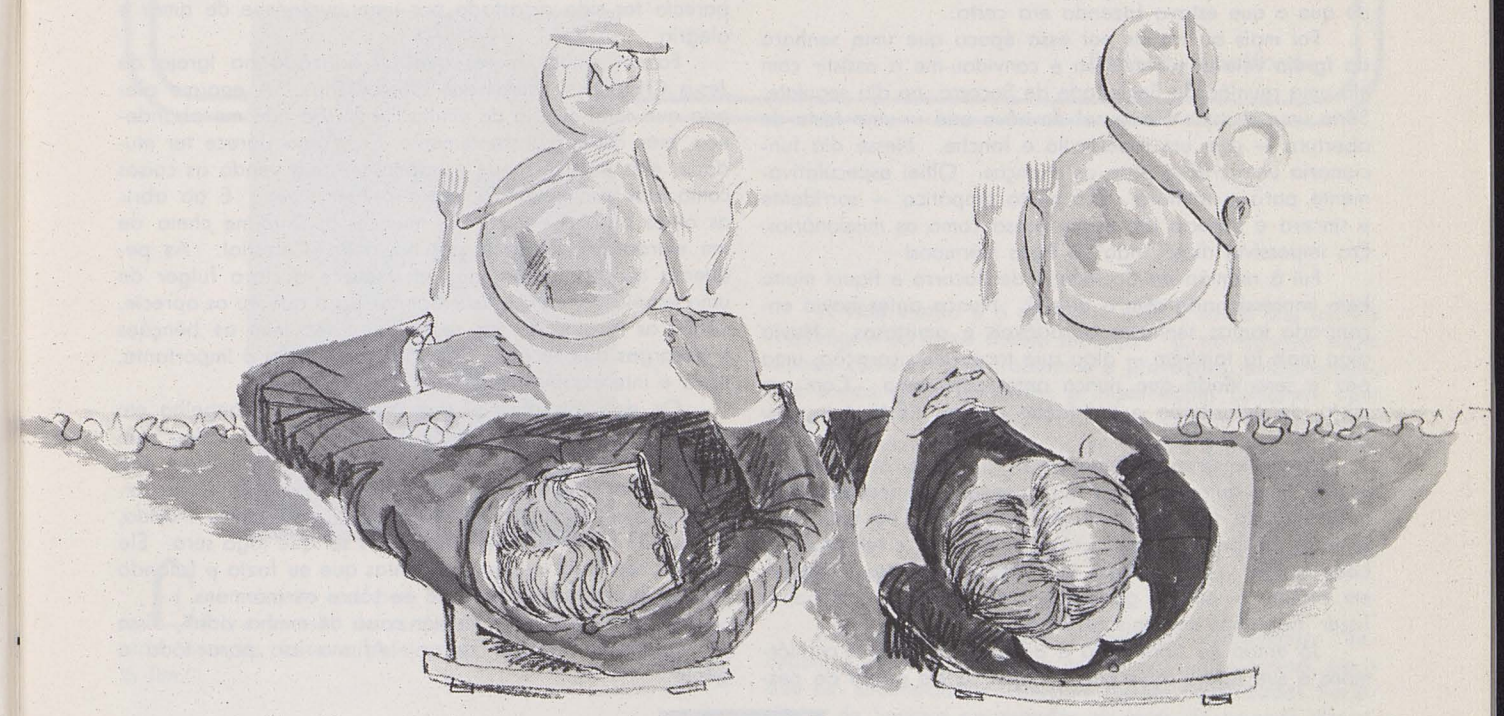
Tudo começou logo após nos mudarmos para Long Beach, na Califórnia. Meu marido, Charlie, é oficial da marinha e estava no mar por essa época. Certa manhã eu estava vestindo nossos dois filhos menores para ir às compras quando bateram à porta. Não me interessei em atender, já que não conhecia ninguém em Long Beach. Assim sendo, continuei a vestir o nenê. Não conseguia enfiar as botinhas em Sallie, porque ela arrebitava os de-

dinhos. A pessoa à porta bateu outra vez. Irritada com tamanha persistência, desisti das botinhas e fui até a porta. Lá estavam dois rapazes.

"Pois não," disse com minha voz mais impessoal.

Êles me cumprimentaram amàvelmente e perguntaram o que eu sabia sôbre a Igreja Mórmon. Disse que nada e então perguntaram se queria saber mais.

Saber mais? Nunca havia parado um segundo que fôsse para pensar na Igreja Mórmon! Por que desejaria saber mais a respeito de algo em que não tinha interêsse? Estava pronta para dizer-lhes isto, mas algo me deteve. Os moços pareciam tão esperançosos!



"Bem... acho que quero conhecer um pouco mais", disse relutante.

"Quando?" perguntou um dêles.

Pronto, já estava encurralada. Por que não disse não? "Qualquer dia", respondi de forma evasiva.

"Amanhã está bem?"

Encurralada! Bom, a culpa era tôda minha. Marcaram uma hora. Anotaram meu nome, apertaram-me a mão vigorosamente e saíram sorrindo. Não pude deixar de sorrir também. Por que estariam tão felizes e entusiasmados? Só porque eram jovens, com certeza. Mas se tivessem uma casa, quatro filhos e um marido na marinha — aí então teriam mais o que fazer do que andar por aí sorrindo o tempo inteiro!

Todos os sorrisos desapareceram na manhã seguinte, quando me lembrei, irritada, de que aquêles rapazes da Igreja Mórmon iam aparecer daí a pouco. Tinha-me esquecido completamente até aquela hora e esperava que êles tivessem esquecido também. As crianças estavam calmas e seria uma boa manhã para se fazer uma porção de coisas.

"Trimmmm! trimmmm!

Não, êles não tinham-se esquecido e ali estavam de nôvo — enormes sorrisos, Bíblias e tudo. E sem perceber eu estava sorrindo também. Dentro de poucos minutos conversávamos como velhos amigos. Êles me falaram a respeito de Joseph Smith e o princípio da Igreja. Era tudo muito interessante. Mas dentro de poucos minutos os rapazes que, fiquei sabendo, eram missionários, foram concluindo sua apresentação, dobrando os apetrechos e fechando a Bíblia.

"É só isso?" perguntei desapontada.

"Sim, é só isso', disse um dêles com um sorriso.

Fiquei decepcionada. Queria conhecer mais sôbre essa nova religião.

"Poderemos voltar e dar uma outra explicação se a senhora quiser."

"Podem? Ora, claro que seria ótimo. Quando?"

"Têrça-feira, está bem?"

Formidável! Não me esqueceria desta vez. Mal podia esperar!

Chegou a têrça-feira e os missionários deram-me outra aula interessante. Estava principiando a perceber que a Igreja Mórmon não era assunto que se abordasse e esquecesse em um dia ou dois. Já havia recebido uma coleção de panfletos e um Livro de Mórmon. "Devorei" os panfletos e comecei a ler o Livro de Mórmon.

Depois os missionários vieram dar uma terceira aula e pediram-me para praticar a Palavra de Sabedoria. Café e chá eram as únicas coisas que eu precisava abandonar, mas relutava em fazê-lo. Os missionários sugeriram que eu me abstivesse dessas coisas por uma semana. Durante êsse tempo, deveria perguntar a nosso Pai Celestial se o que estava fazendo era certo. Na manhã seguinte fui para a cozinha e tomei um copo de leite, em vez do meu cafèzinho habitual. Não havia dúvida em minha mente de que o que estava fazendo era certo.

Foi mais ou menos por essa época que uma senhora da Igreja veio a minha casa e convidou-me a assistir com ela uma reunião da Sociedade de Socorro, no dia seguinte. Seria uma reunião inaugural do nôvo ano — uma festa de abertura — com um espetáculo e lanche. Nesse dia funcionaria uma creche para as crianças. Olhei especulativamente para a senhora. Era muito simpática — sorridente e sincera e parecia tão esperançosa como os missionários. Era impossível dizer "não" a êsses mórmons!

Fui à reunião da Sociedade de Socorro e fiquei muito bem impressionada com o que vi. Nunca antes havia encontrado tantas senhoras agradáveis e amistosas. Havia algo mais lá também — algo que tocou meu coração; uma paz e serenidade que nunca antes conhecera. Com um misto de entusiasmo e satisfação pensei: "Êste é o meu lugar!"

Os missionários continuaram a visitar-me, às vêzes para dar uma aula, às vêzes para conversar e responder ao número cada vez maior de perguntas que eu fazia. A senhora da Igreja também veio muitas vêzes e tornamo-nos boas amigas. Descobrimos que tínhamos muitos interêsses em comum — ambas gostávamos de costurar, cozinhar e fazer trabalhos manuais artísticos.

Já então eu aprendera a admirar e respeitar os mórmons e sua Igreja mais que qualquer outro grupo de pessoas que conhecia. Os missionários haviam-me pedido para orar a fim de certificar-me a respeito das coisas que tinham me ensinado. Fiz umas tentativas, mas orar era difícil para mim. Apesar de muito entusiasmada com os mórmons, comecei a duvidar de jamais conseguir crer em suas doutrinas e obter a satisfação interior que todos aparentavam possuir.

Então certo dia obtive resposta a minhas preces. Os missionários haviam orado fervorosamente para que se esclarecessem certas coisas que perceberam me preocupar. Sua compreensão e sinceridade tocaram-me profundamente, de forma que percebi num relance que tudo o que tinham me ensinado era verdade. Cristo restaurara sua Igreja sôbre a terra; ela estava aqui conosco hoje. Joseph Smith era um profeta verdadeiro. O Livro de Mórmon era a palavra de Deus. A alegria que êste conhecimento me trouxe foi tão grande que queria rir e chorar ao mesmo tempo e acho que o fiz. Todo o meu velho "eu" parecia ter sido arrastado por uma avalanche de amor e alegria.

Fazem muitos meses que fui batizada na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. A enorme alegria que senti no dia de minha conversão não me abandonou, mas cresce constantemente. O mundo parece ter mudado, mas pode ser que eu apenas esteja vendo as coisas como elas realmente são pela primeira vez. E ao abrir os olhos para a beleza que me cerca, sinto-me cheia de um extraordinário amor por nosso Pai Celestial. As pequenas asas brilhantes de um inseto e o claro fulgor de uma estrêla parecem existir apenas para que eu os aprecie. Tôdas as tarefas do lar recordam para mim as bênçãos e encargos que recebi. Cada dia que passa é importante, nôvo e interessante.

Os dois missionários que pregaram o evangelho em meu lar já partiram. Sempre me lembrarei dêles com grande amor e gratidão. Transmitiram-me um dom tão extraordinário que partilhá-lo será a única forma de expressar meu agradecimento a êles. Charlie, meu marido, ainda não é membro da Igreja, mas sei que logo será. Êle anda fazendo as mesmas perguntas que eu fazia e falando com a mesma admiração que eu sôbre os mórmons.

"O evangelho é a melhor coisa de minha vida", disse a meu amigo naquele jantar. Afirmo isso para tôda a gente."

O Poder da Oração

(Conclusão da página 14)

não apreciem as muitas bênçãos que Êle concede? Ou não se sentem dignos de orar?"

Se uma pessoa sente-se indigna, deve reconhecer suas fraquezas, lamentá-las, expressar arrependimento, propor-se a agir bem e implorar orientação.

Será porque alguns não sabem orar? Se fôr êsse o caso, sugiro que se dirija a seu Pai celestial em segrêdo. Abra seu coração. Ore regularmente, para sentir-se bem e à vontade quando se comunicar com Êle. Basta apenas expressar seus sentimentos, que o Senhor compreende. Êle convida todos nós a invocá-lo regularmente e promete que ouvirá nossas súplicas.

O antigo profeta Moroni, referindo-se ao Livro de Mórmon, disse:

"E, quando receberdes estas coisas, peço-vos que perguntei a Deus, o Pai Eterno, em nome de Cristo, se estas coisas são verdadeiras; e, se perguntardes com um coração sincero e com boa intenção, tendo fé em Cristo, Êle vos manifestará a verdade delas pelo poder do Espírito Santo.

"E pelo poder do Espírito Santo podeis saber a verdade de tôdas as coisas." (Moroni 10:4-5.)

Esta promessa aplica-se a todos nós, bastando para tanto que nos arrependamos e apelemos ao Senhor, com a certeza de que Êle pode ouvir, e que ouvirá e atenderá nossa prece. Devemos compreender que somos todos filhos de Deus e que Êle continua tão interessado em nós quanto sempre estêve. E ainda responde às orações do justo e dos que diligentemente o buscam.

É êste meu testemunho. Que todos nós possamos humilhar-nos e procurá-lo diligentemente através da prece, vivendo em retidão diante do Senhor, para que possamos ser levados à imortalidade e à vida eterna, eu rogo humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.

Discurso proferido na Sessão Geral da Conferência Geral Anual da Sociedade de Socorro em 27 de setembro de 1967.

Aqueles que Perseveram até o Fim

Belle S. Spafford



Êste conceito que bem pode ser chamado de adágio é a expressão da verdade: "Não é do ligeiro a corrida, nem do forte a peleja, mas do que persevera até o fim."

Perseverar é ter a capacidade de persistir, permanecer, continuar na mesma condição sem se enfraquecer ou perecer. É o poder de prosseguir através de mágoas, adversidade, desânimo e sofrimento sem ser subjugado.

A história está repleta de ideais atingidos e batalhas ganhas, não pelos que tiveram um início brilhante, ou uma largada espetacular, mas pelos que encontraram fôrças para permanecer firmes, sobrepujando pacientemente os obstáculos, sempre persistentes em seus esforços.

As escrituras prometem uma bênção valiosa aos que aceitam o evangelho de Cristo e perseveram até o fim. E fazem menção a isto não apenas uma, mas muitas vêzes. Entre as numerosas passagens que tratam desta admoestação e de sua bênção correspondente encontra-se a seguinte: "E se guardares os meus mandamentos e perseverares até o fim, terás a vida eterna, que é o maior de todos os dons de Deus." (D. & C. 14:7.)

A vida eterna é o dom que todo o santo dos últimos dias digno do nome deseja alcançar. E, no entanto, neste mundo complexo de problemas e provações, embaraçados que somos pelas fraquezas e imperfeições humanas, nem sempre é fácil perseverar por tôda a vida. Isto requer pé firme, convicções fortes e um caráter inabalável. Freqüentemente o fracasso nos advém por não percebermos que estamos adotando atitudes erradas e um procedimento contrário à vontade de Deus. Procuramos justificar essas coisas sem tomar consciência de que estão afetando perniciosamente nossa vida.

Desejo relatar-lhes uma experiência interessante. Recebemos autorização, como muitas das irmãs sabem, para que em circunstâncias especiais fôssem organizadas Sociedades de Socorro em pensões ou lares de pessoas idosas. Há alguns dias visitei uma dessas organizações. As irmãs contavam entre setenta e cinco e noventa anos de idade. Eram lúcidas, alertas e entusiastas quanto à Sociedade de Socorro. A aula apresentada baseava-se em Doutrina e Convênios e foi seguida por uma reunião de testemunhos. As irmãs participaram ativamente da aula. Suas observações refletiam conhecimento das doutrinas da Igreja e familiaridade com os ensinamentos do evangelho, bem como grande experiência da vida. Foi uma aula adorável. Veio então a reunião de testemunhos. Tôdas as irmãs, uma a uma, rogaram para perseverar até o fim. Recordando sua compreensão do evangelho, evidenciada durante a aula, e considerando que a maioria delas palmilhava o fim da jornada da vida, fiquei conjeturando por que rogariam para perseverar até o fim. Certamente elas já se tinham provado!

Mais tarde, contudo, em conversa com algumas delas, percebi que não eram inteiramente irreprováveis; ti-

nham a propensão de se desculpar por deixar de obedecer certos mandamentos, devido à idade e às circunstâncias de sua vida.

Eis alguns comentários interessantes feitos por essas irmãs, enquanto conversavam comigo:

Uma delas disse: "Temos reunião sacramental aqui também, da mesma forma que a Sociedade de Socorro, mas eu nunca vou. Estou velha demais para ouvir pregações." Então perguntei: "Não tem vontade de participar do Sacramento?" "Não", disse a irmã indiferente, "não acho que tenha mais importância na minha idade."

Outra irmã ainda, que estava bebendo chá quando a procurei em seu quarto, disse: "Vivo pràticamente de chá. Quando jovem, ninguém me convenceria a tomar uma xícara que fôsse, mas não acho que seja errado para mim agora."

Estava visitando uma outra senhora quando ouvimos passos à porta. Ela disse logo: "Espero que não seja minha filha. Só vem aqui porque acha que comentarão se não vier. Tem muito pouco amor por mim e eu por ela."

Outro comentário: "Parece que fico cada dia mais fraca com as dores que venho suportando. Antes eu pedia aos élderes que me administrassem uma bênção, mas não acredito mais nisso."

A freqüência à reunião sacramental, o partilhar o sacramento, a renovação dos convênios, o pagamento do dízimo, a observância da Palavra de Sabedoria, o amor pela família, a administração do sacerdócio — tôdas leis básicas do evangelho — tinham sido abandonadas por uma ou outra dessas irmãs que nisso se sentiam justificadas; e, no entanto, tôdas haviam sinceramente rogado para perseverar até o fim.

Apesar de sentir muita pena das irmãs, nessa situação, e ter contemplação para com seus atos, ainda assim devemos reconhecer que em pleno gôzo de suas faculdades estavam justificando a não observância das leis de Deus. Sou também levado a perguntar: "Terá o Senhor estabelecido uma idade de aposentadoria com relação aos mandamentos?"

Nem é apenas nesses últimos anos da vida que a pessoa se torna negligente. Com menos idade também há as que violam os convênios, fraquejam na defesa do bem, desobedecem mandamentos que sabem ser muito importantes e racionalizam o desrespeito aos ensinamentos da Igreja. As pressões sociais, as tentações da moda, o desejo de ser como as amigas que a cercam e que não possuem a mesma luz para guiá-las, as adversidades, esperanças frustradas, decepções — tudo isso às vêzes exerce forte pressão sôbre uma pessoa e a atinge no ponto fraco, abrindo a porta para que Satanás penetre.

Por vêzes iniciamos práticas contrárias aos ensinamentos da Igreja com êste pensamento: "Sei que não está certo, mas não vou fazer disto um hábito. Uma vez ou outra não faz mal." O uma vez ou outra, no entanto, torna-se em breve mais freqüente até se transformar em hábito. Além disso, quando alguém enfraquece em determinado ponto, é comum vir a se enfraquecer em outro. Não é fácil, para a pessoa que deixa de freqüentar regularmente as reuniões sacramentais, perder de vista a importância de guardar o dia do Senhor? Receio que seja. Portanto, o êrro se insinua sutilmente em nossa vida, pondo em risco as bênçãos prometidas para os que perseverarem até o fim.

Como, então, poderemos evitar as armadilhas que nos afastam do caminho reto e estreito? Onde auferiremos a fôrça que nos permitirá perseverar até o fim?

Primeiramente, eu sugeriria a contínua atividade na Igreja, na plena medida das oportunidades e capacidades de cada um.

Recomendaria também o estudo das escrituras e a meditação sôbre as bênçãos prometidas pela obediência aos mandamentos correspondentes. Que bênçãos poderiam ser mais desejáveis que as prometidas pelo Senhor na seção 89 de Doutrina e Convênios para os que seguirem a Palavra de Sabedoria?

"E todos os santos que se lembrarem e guardarem e fizerem estas coisas, obedecendo aos mandamentos, receberão saúde para o seu umbigo e medulas para os seus ossos;

"E acharão sabedoria e grandes tesouros de conhecimento, até mesmo tesouros ocultos;

"E correrão e não se cansarão; caminharão e não desfalecerão.

"Eu, o Senhor, lhes faço a promessa de que o anjo destruidor os passará, como aos filhos de Israel, e não os matará. Amém. (D. & C. 89:18-21.)

Considerem a promessa relativa ao pagamento do dízimo, encontrada em Malaquias:

"Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois fazei prova de mim, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu e não derramar sôbre vós uma bênção tal, que dela vos advenha a maior abastança." (Malaquias 3:10.)

Aquêles que precisam ser convencidos através da experiência pessoal, que leiam as palavras de Alma:

"Mas eis que, se despertardes e exercitardes vossas faculdades, pondo à prova minhas palavras, e se exercerdes um pouco de fé, sim, ainda mesmo que não tenhais mais que o desejo de acreditar, fazei com que êsse desejo cresça em vós até o ponto de crer que há lugar em vós para uma parte de minhas palavras. (Alma 32:27.)

Quero relembrá-las de que a fôrça espiritual advém de se partilhar dignamente do sacramento. Fazemos isto comparecendo à reunião que o Senhor requer que freqüentemos — a Reunião Sacramental.

Não seria bom deixar que ocasionalmente nossas mentes se concentrassem um pouco nas bênçãos, em vez de nas adversidades da vida? Recordemos as vêzes sem conta em que nossas orações foram atendidas, em compara-

ção com as poucas em que o Senhor em sua sabedoria deu uma resposta negativa.

Evitemos como uma praga a tendência de justificar a desobediência aos mandamentos de Deus, devido a condições desfavoráveis.

Poderá ser útil, também, lembrar que a fôrça aumenta com a prática e que o Senhor ajuda os que zelosamente buscam seu auxílio através do jejum e da oração.

A despeito das adversidades da vida e das dificuldades que se contrapõem ao esfôrço de perseverar, é possível conseguir sucesso; os indivíduos têm a capacidade de sobrepujar obstáculos e podem permanecer constantes na fé e na obediência às leis do Pai.

A Bíblia oferece-nos um exemplo notável na história de José, filho de Jacó. José nasceu quando seu amado pai já era de idade avançada. Devido à astúcia de seus irmãos, acabou no Egito, na casa de Potifar. Imaginem êste rapaz, que o pai enviou ao encontro de seus irmãos com uma incumbência, aproximar-se dêles com tôda a confiante familiaridade do afeto fraternal, para descobrí-los agressores desnaturados, consumidos pelo ódio e determinados a livrar-se dêle. Afirma um comentário bíblico:

"É impossível que a mera inveja... ou a afeição parcial de seu velho pai pudesse tê-los incitado a um tal grau de frenético ressentimento... O ódio que tinham por José deve ter brotado do desagrado por suas virtudes, que se constituíam numa censura permanente a êles..."

Na casa egípcia, a casa de um idólatra, o rapaz teve de lutar contra condições desconhecidas. Apesar de apartado de Jacó, seu pai, não estava separado do Pai Celestial. Constante e zelosamente servia a Deus e guardava seus mandamentos. Isto por vêzes lhe trouxe vantagens terrenas. Em outras ocasiões, contudo, provocou enormes sofrimentos — e mesmo prisão. (Gênesis 41:14.)

Mas o Senhor abençoou José todos os dias de sua vida, por causa dessa fidelidade, e através dêle abençoou também a casa de seu pai. As palavras de José em protesto à mulher de Potifar, quando esta lhe fêz a mais infame proposta que uma mulher pode fazer a um homem, caracterizou sempre sua atitude em relação a todo o mal que se atravessasse em seu caminho: "Como faria eu tamanho mal e pecaria contra Deus?" (Gênesis 39:9.)

José viveu oitenta anos após ser elevado ao poder magno do Egito, dando provas contínuas de sua fé e certeza da promessa do Senhor aos que guardam seus mandamentos. Sua vida inteira caracterizou-se por profissões de fé na retidão, seçundadas por uma conduta conscienciosa e justa.

No Nôvo Testamento lemos a história de Paulo — inicialmente perseguidor dos cristãos, mais tarde seguidor devotado do Cristo, mestre, missionário e apóstolo — que ao fim da vida pôde dizer com confiança:

"Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé.

"Desde agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia; e não sòmente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda." (II Timóteo 4:7-8.)

O Livro de Mórmon apresenta-nos muitos exemplos notáveis de homens que guardaram a fé e perseveraram até o fim: Lehi, Jacó, Mórmon, Ênos — com quem o Senhor fêz um convênio em favor dos lamanitas, devido a sua fidelidade — Abinadi e outros.

Desejo recordar-lhes a história de Abinadi. Foi um profeta nefita a quem o Senhor levantou na terra de Nefi-Lehi, para reprovar o povo iníquo do Rei Noé por seus pecados. Suas denúncias destemidas das abominações daquela gente terminaram por atirá-lo à masmorra. Os perversos sacerdotes exigiram sua prisão:

"E avançaram, e procuraram deitar mãos sôbre êle; êle porém resistiu, dizendo-lhes:

"Não me toqueis, pois Deus vos ferirá se deitardes as mãos sôbre mim, porque ainda não comuniquei a mensagem que o Senhor me ordenou... portanto, Deus não permitirá que eu seja destruído agora. (Mosíah 13:2-3.)

A escritura diz-nos então que êles não tiveram o poder de aprisioná-lo, porque estava protegido pelo poder divino. Em sua humildade, Abinadi revela completa dedicação à obra do Senhor nestas palavras:

"Mas termino a minha mensagem; e então não me importa aonde vá, contanto que seja salvo. (Mosíah 13:9.)

Fiel até o martírio, Abinadi receberá seguramente as promessas de salvação reservadas aos que perseverarem até o fim.

Esta dispensação também oferece muitos exemplos de pessoas que tiveram fôrça para perseverar frente a grandes tribulações e sofrimentos. Todos nós recordamos histórias de pioneiros, homens e mulheres, alguns, almas bem simples e despretenciosas; outros que ocuparam lugares de proeminência e responsabilidade.

Mantenhamos essas lembranças constantemente presentes, como exemplo. Não se trata de personagens fictícios de um passado imaginário. Eram sêres humanos, vivendo no mundo da realidade exatamente como nós. Esforcemo-nos por ficar entre os que permanecem fiéis. Claro, é difícil resistir à tentação, elevar-se acima dos problemas e guardar a fé. Muito mais simples é sucumbir ao mal que temporàriamente conforta a carne, em especial nos anos de velhice; não é sempre fácil permanecer firmes e vencer a fraqueza de justificar nossos erros. Mas podemos e devemos fazê-lo, se desejamos gozar as bênçãos prometidas pelo Senhor aos que perseverarem até o fim.

Que maravilhoso seria, que ótimo mundo teríamos se cada um de nós vivesse de forma a poder, ao término de sua vida, dizer como Paulo: "Acabei a carreira, guardei a fé." Que nos esforcemos zelosamente nesse sentido eu rogo sinceramente.

Os Servos do Reino de Deus

Apóstolo
Patriarca da Igreja
Assistente do Conselho dos Doze
Primeiro Conselho dos Setenta
Bispado Presidente

As autoridades gerais da Igreja são consideradas com amor e respeito pelos santos dos últimos dias em todo o mundo. São êsses os homens escolhidos pelo Senhor para ajudar a dirigir a sua obra sôbre a terra nestes dias. A LIAHONA está satisfeita de poder apresentar nas páginas seguintes reproduções de fotos a côres e resumos biográficos de 23 dêsses irmãos — um Apóstolo, o Patriarca da Igreja, os Assistentes do Conselho dos Doze, o Primeiro Conselho dos Setenta e o Bispado Presidente. A Primeira Presidência e o Conselho dos Doze foram apresentados no número de junho de 1967.

O Patriarca da Igreja — A 27 de junho de 1839 o profeta Joseph Smith pregou aos irmãos durante muito tempo e fêz a seguinte afirmação:

"O EVANGELISTA é um patriarca, ou seja o mais velho do sangue de José ou da semente de Abraão. Sempre que a Igreja de Cristo estiver estabelecida sôbre a terra, deverá haver um Patriarca para abençoar a posteridade dos santos, como Jacó concedeu sua bênção patriarcal aos filhos etc." (**Documentary History of the Church,** Vol. 3. pág. 381.)

O pai do profeta, Joseph Smith Sen., foi ordenado Patriarca da Igreja em 18 de dezembro de 1833. Seu descendente direto na linhagem patriarcal, Eldred G. Smith, exerce agora êsse cargo.

Assistentes do Conselho dos Doze: Na conferência geral de abril de 1941, o presidente J. Reuben Clark Jr., lendo os nomes das Autoridades Gerais para voto e apoio, disse:

"O rápido desenvolvimento da Igreja nos últimos tempos; a constante formação de novas alas e estacas cobrindo uma crescente área geográfica; a premente necessidade de ampliar nossas missões em número e eficiência, para que o Evangelho possa ser levado a todos os homens; e a multiplicação contínua dos interêsses da Igreja e atividades que requerem supervisão e direção mais rígida e freqüente, edificaram um serviço apostólico de grande magnitude.

"A Primeira Presidência e os Doze consideram que para fazer face a suas grandes responsabilidades e levar avante de forma eficiente o serviço do Senhor precisam de ajuda.

"Por êsse motivo decidiu-se designar assistentes dos Doze, os quais serão sumos sacerdotes que trabalharão sob a orientação dos Doze na execução das incumbências que a Primeira Presidência e os Doze colocarem sob sua responsabilidade.

"Não haverá número fixo de assistentes. Êle será ampliado ou não, de tempos em tempos, conforme o exigir a obra do Senhor..." (**The Improvement Era,** maio de 1941, pág. 269.)

Há atualmente 12 Assistentes dos Doze.

Primeiro Conselho dos Setenta: Na grande revelação do sacerdócio em Doutrina e Convênios, Seção 107, diz o Senhor:

"Os Setenta são também chamados para pregar o evangelho e ser testemunhas especiais aos gentios, no mundo todo — diferindo assim dos outros oficiais da Igreja, no que diz respeito aos deveres do seu chamado.

"E formam um quorum igual, em autoridade, ao das Doze testemunhas especiais ou Apóstolos há pouco mencionados...

"Sob a direção dos Doze ou do sumo-conselho viajante, os Setenta agirão, em nome do Senhor, para a edificação da Igreja e para a regularização dos seus negócios em tôdas as nações, primeiro entre os gentios e depois entre os judeus." (D. & C. 107:25-26, 34.)

Os quoruns dos Setenta, numerados consecutivamente, são organizados para a execução de seu chamado e ministério missionário. E, mencionando-se novamente a revelação, "devem ter sete presidentes para presidir sôbre êles, escolhidos dentre os setenta." (D. & C. 107:93.) Êsse é o Primeiro Conselho dos Setenta.

Bispado Presidente: "O quorum do Bispado Presidente consiste do bispo presidente e dois conselheiros. Todos os três são sumos sacerdotes, além de bispos. Presidem sôbre o Sacerdócio Aarônico. Administram os negócios temporais da Igreja, sob a direção da Primeira Presidência. Supervisionam a distribuição dos dízimos, transferência de certificados de filiação e todos os relatórios financeiros e estatísticos, bem como assuntos similares." (John A. Widtsoe, **Program of the Church,** pág. 156.)

Em resumo são essas as responsabilidades dos conselhos. Leiam agora, nas páginas seguintes as biografias dos irmãos que ocupam atualmente êsses cargos, por voto da congregação da Igreja.



Alvin R. Dyer

Apóstolo

Personalidade objetiva e enérgica e vontade firme de cumprir os desígnios do Senhor caracterizam o mais nôvo dos apóstolos, Alvin R. Dyer, nascido em 1.º de janeiro de 1903 em Salt Lake City, de Alfred e Harriet Walsh Dyer. Durante o curso ginasial e nos anos subseqüentes participou de diversos times campeões de basebol e cantou num quarteto de bastante renome.

Élder Dyer cumpriu missão nos Estados Orientais dos EUA, onde tornou-se líder de área, e em 1923 participou do que se pode talvez considerar o primeiro Festival do Monte Cumôra. Desposou May Elizabeth Jackson em junho de 1926 e tiveram dois filhos.

Trabalhou durante oito anos como metalúrgico e através de cursos de desenho e engenharia mecânica por correspondência preparou-se para uma carreira bem sucedida. Dirigiu o setor de aquecimento e ventilação de uma companhia fornecedora de materiais de construção e com a idade de 46 anos organizou uma firma distribuidora de muito sucesso.

Em sua carreira, élder Dyer foi membro do Exchange Club, da Sociedade Americana de Engenheiros de Aquecimento e Ventilação e, durante a II Guerra Mundial, dos Engenheiros Militares dos Estados Unidos, onde serviu na posição de consultor civil em diversos projetos.

Mas o serviço do Senhor foi sempre a alegria de sua vida. Durante aproximadamente seis anos foi bispo da Ala Monument Park de Salt Lake City. Havia prèviamente servido no bispado de duas outras alas. Quando trabalhava como bispo, foi chamado para presidir a Missão dos Estados Centrais dos EUA.

Abandonando os negócios, seguiu para o campo missionário e encontrou um nôvo interêsse. A fim de satisfazer sua curiosidade sôbre a história da Igreja e seu povo, em Missouri, élder Dyer pesquisou e escreveu um relato, principalmente para seu próprio uso. Êsse trabalho foi posteriormente publicado em forma de livro. Desde então já escreveu sete obras sôbre assuntos do evangelho.

Em 1958, apenas cinco meses após ser designado primeiro assistente da superintendência geral da Associação de Melhoramentos Mútuos para Rapazes, foi chamado para ser Assistente do Conselho dos Doze. Mais tarde recebeu designação de reabrir e presidir sôbre a Missão Européia, onde trabalhou durante dois anos. Retornando a casa, dedicou-se às designações que lhe foram dadas, uma das quais dizia respeito ao programa de ensino familiar do sacerdócio, que ajudou a dirigir.

A 5 de outubro de 1967 élder Dyer foi ordenado apóstolo, associando-se com os membros do Conselho dos Doze na obra de testemunhar da missão do Salvador. Sua fôrça de liderança e espírito humilde tornaram-no um servo valioso nas mãos do Senhor.



Eldred G. Smith

Patriarca da Igreja

O ofício de Patriarca da Igreja é um chamado sagrado. Trata-se de cargo hereditário, conferido sob condição de dignidade pessoal, por inspiração do Presidente da Igreja.

Eldred G. Smith é o sétimo Patriarca da Igreja desta dispensação. Diàriamente atende às necessidades espirituais dos santos, conferindo sôbre muitos sua bênção patriarcal, com grandes pronunciamentos pessoais, que podem indicar o caminho às possíveis realizações de uma vida frutífera, se o recipiente fôr humilde e digno.

Élder Smith nasceu a 9 de janeiro de 1907 em Lehi, Utah. É filho de Hyrum G. e Martha Gee Smith. Quando contava cinco anos de idade, seu pai foi apoiado Patriarca Geral da Igreja e a família mudou-se para Salt Lake City. O jovem Eldred foi educado em escolas públicas; freqüentou o Ginásio LDS e a Universidade de Utah, onde estudou engenharia.

Em 1926 récebeu chamado para servir na Missão Suiço-Germânica e ao ser desobrigado, em 1929, trabalhou na missão da Estaca Liberty, em Salt Lake City.

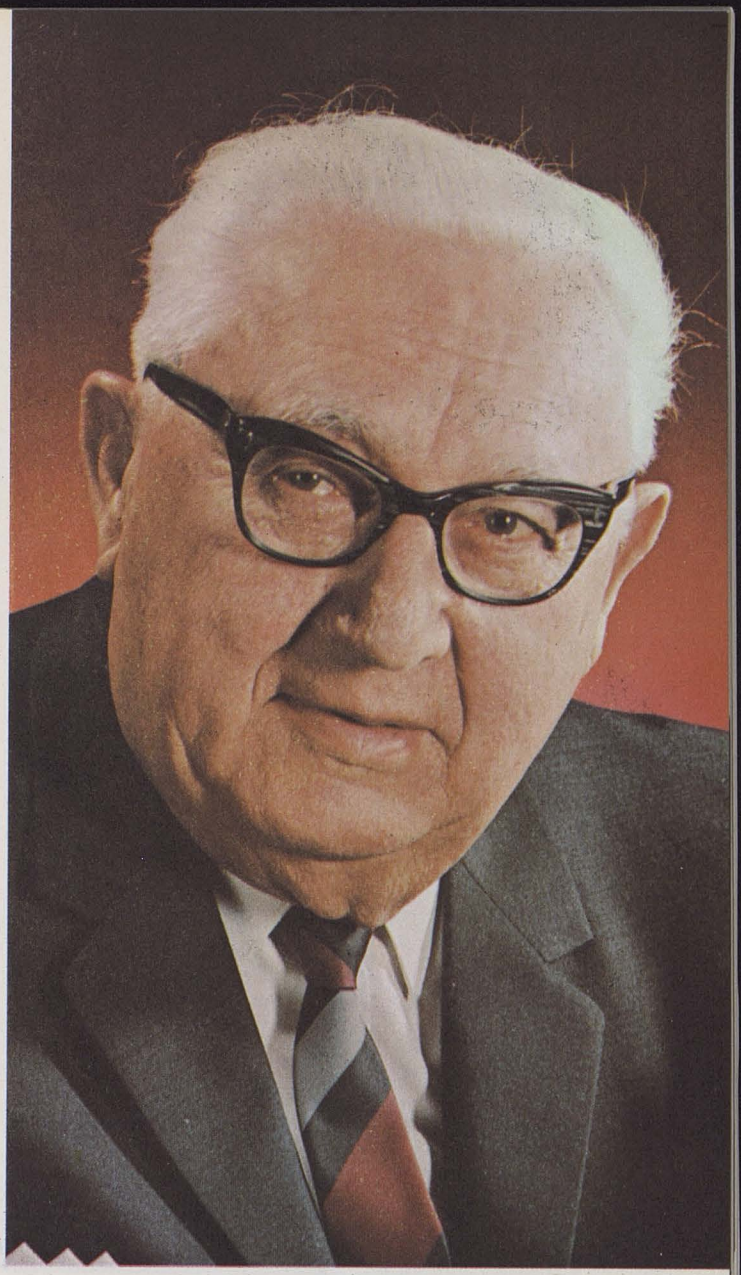
Élder Smith desposou Jeanne Ness em 17 de agôsto de 1932, no Templo de Salt Lake, e tornaram-se pais de dois filhos e três filhas.

Devotado ao serviço do Senhor no que quer que lhe fôsse designado, tornou-se membro da Junta da Associação de Melhoramentos Mútuos para Rapazes, da Estaca Ensign, em novembro de 1936 e a 5 de maio de 1938 foi apoiado como segundo conselheiro do bispado da 20.ª Ala em Salt City. Posteriormente serviu no sumo conselho da Estaca Ensign. Quando a Ala 20.ª Norte foi criada, em 1941, foi escolhido para ser seu primeiro bispo.

Em janeiro de 1944, durante a guerra, aceitou um cargo no projeto de energia atômica de Oak Ridge, no Tennessee. A caminho dêsse lugar, deteve-se na sede da missão em Louisville, Kentucky, onde ofereceu seus serviços à Igreja. Quando chegou a Oak Ridge descobriu que, devido à natureza secreta do projeto, não poderia obter permissão para os santos se reunirem nos salões dos militares. Portanto, convidou os membros a realizarem reuniões em seu lar, onde utilizavam caixotes em lugar de mesas e cadeiras. A freqüência cresceu até atingir 35 crianças e 65 adultos. Foi então formado o ramo de Oak Ridge, com élder Smith na presidência.

Após a II Guerra Mundial êle regressou a Salt Lake City. A 6 de abril de 1947, na conferência geral, foi apoiado como Patriarca da Igreja.

Desde então tem conferido milhares de bênçãos. Passa muitas horas por dia em sua escrivaninha no Edifício da Administração da Igreja, aconselhando membros provenientes de tôdas as partes do mundo.



Alma Sonne

Assistente do Conselho dos Doze

Um dos aspectos principais da conferência de abril de 1941 foi o chamado de cinco Assistentes do Conselho dos Doze, que foram "designados para agir sob a direção dos Doze, na execução de trabalhos que a Primeira Presidência e os Doze deixassem a seu encargo." Entre êles se achava Alma Sonne.

Élder Sonne nasceu em Logan, Utah, a 5 de março de 1884, filho de Niels Christian e Alisa Peterson Sonne. Após formar-se no Brigham Young College de Logan, em 1904, trabalhou para o First National Bank da cidade. De 1910 a 1912 fêz missão na Inglaterra, onde foi encarregado do trabalho de emigração, tráfego e transporte. Retornando das Ilhas Britânicas, desposou Geneva Ballantyne, no dia 16 de maio de 1912, e tiveram cinco filhos — quatro meninos e uma menina. Após a morte de sua espôsa, em 1941, desposou Leona Ballantyne Woolley.

Élder Sonne representou papel de destaque no desenvolvimento agrícola e mercantil do norte de Utah. É presidente do First National Bank de Logan e membro da Junta de Diretores da Universidade Estadual de Utah.

Quando foi chamado em 1946 para presidir sôbre a Missão Européia, com sede em Londres, alguém lhe perguntou: "Por que é que você precisa ir? As almas aqui não são tão preciosas quanto as da Europa?" Ao que êle respondeu: "Creio que é uma questão de convicção. É muito importante aquilo em que uma pessoa crê." E relembrou que quando jovem havia perguntado a seu pai: "Por que o senhor entrou para a Igreja?" O pai hesitou um momento e então respondeu: "Porque li o Livro de Mórmon." Com convicção de que esta era a palavra de Deus, seu pai havia pedido o batismo. Élder Sonne relembrou também que sua mãe havia atravessado a pé as planícies, desde Council Bluffs até Cache Valley, em Utah, numa carroça coberta puxada por bois. "Por quê?" perguntara seu filho. "Porque tinha a convicção de que a Igreja era verdadeira", respondeu ela.

A mesma convicção caracteriza sua devoção pela obra do Senhor. Inúmeras pessoas são testemunhas pessoais de que êle é sincero quando diz: "Não há nada mais importante que os indivíduos." Serviu em dois bispados em Logan, foi superintendente da Associação de Melhoramentos Mútuos para rapazes de uma estaca, trabalhou num sumo conselho de estaca e foi conselheiro da presidência da Estaca Cache. Ocupava essa posição e trabalhava como encarregado do plano de bem-estar da região quando foi chamado para ser Assistente do Conselho dos Doze.

O amor às pessoas e ao evangelho constitui a base de sua vida. "O único guia infalível para os homens e as nações", diz êle, "é o evangelho de Jesus Cristo."



ElRay L. Christiansen

Assistente do Conselho dos Doze

A fôrça espiritual e a sinceridade de élder ElRay L. Christiansen, Assistente do Conselho dos Doze, tem sido influência para o bem entre inúmeras pessoas, pois êle teve uma vida ativa e variada na Igreja e em empreendimentos cívicos, culturais e educativos.

Nasceu em 13 de julho de 1897 em Mayfield, Utah, filho de Parley e Dorothea C. Hensen Scow Christiansen. Formou-se em agronomia pela Escola Agrícola Estadual de Utah e continuou seus estudos de especialização nas Universidades de Utah e Brigham Young. Sendo lavrador e fazendeiro, orientou extensas pesquisas do solo e de reconhecimento de pastagens para o govêrno dos Estados Unidos.

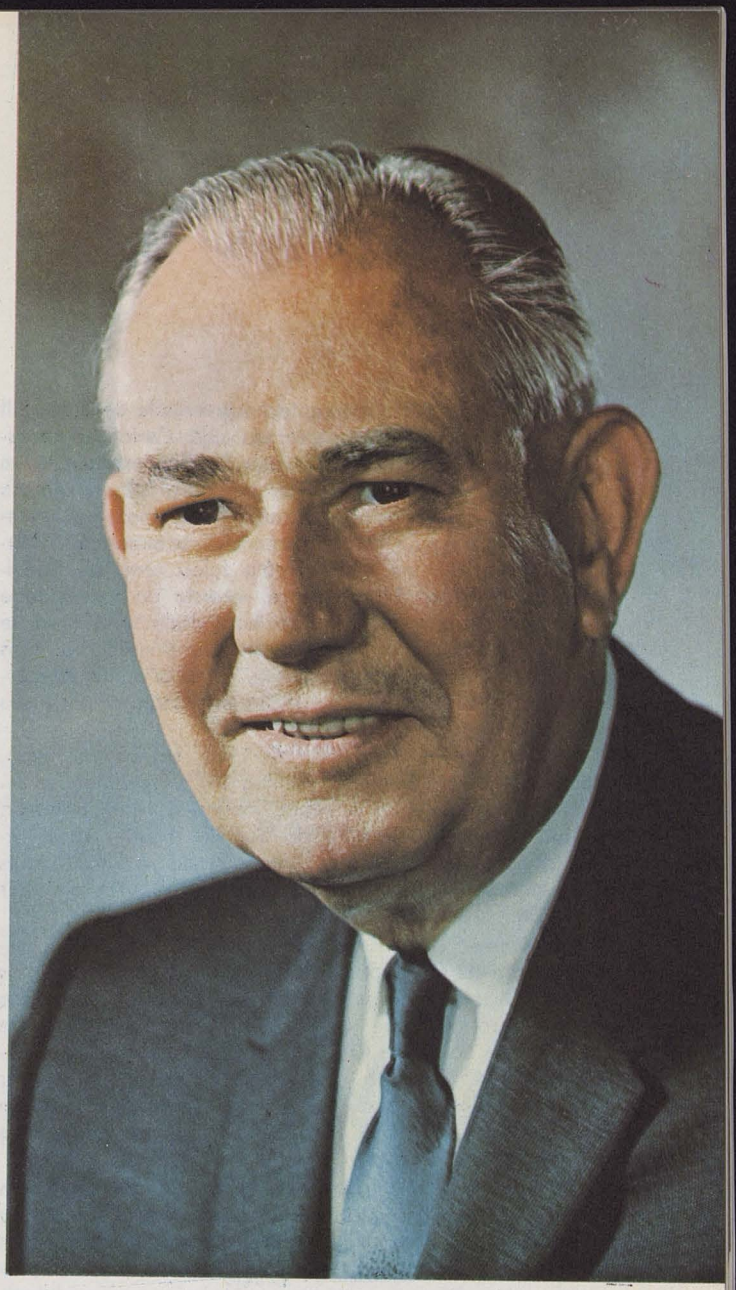
Educador profissional, uma de suas grandes satisfações advém de ensinar os jovens. Isto êle faz com grande eficiência nas escolas, entre os missionários, como líder escoteiro e em seus extensos trabalhos nos templos da Igreja.

A 14 de junho de 1922 desposou Lewella Rees, no Templo de Manti. Tiveram três filhos. Em 1924 o casal aceitou um chamado para servir na Missão dos Estados Centrais dos Estados Unidos. Assim principiou uma longa seqüência de trabalhos para a Igreja em sua vida. Posteriormente serviu na superintendência da Escola Dominical e no sumo conselho da Estaca East Jordan, em Utah, e como bispo da Ala Draper First. Em 1936 passou a fazer parte do Sistema Escolar da Igreja, mudando-se para Logan, Utah.

Em 1937 foi chamado para presidir a Missão Texas-Louisiana. Retornando a Logan quatro anos mais tarde, foi apoiado primeiro conselheiro da presidência da Estaca Cache. De 1943 a 1952 foi presidente do Templo de Logan e durante quatro dêsses anos serviu também como primeiro conselheiro da presidência da Estaca East Cache e mais tarde como presidente.

A 6 de outubro de 1951 foi chamado para ser Assistente do Conselho dos Doze. Nesta posição serviu como encarregado do comitê de orçamento do Plano de Bem-estar da Igreja, foi presidente do Templo de Salt Lake durante oito anos e auxiliou na preparação do Templo de Londres para os trabalhos de ordenança. Em 1961 tornou-se coordenador de todos os templos da Igreja, sob a direção da Primeira Presidência. Além disso, foi supervisor de área de quatro missões do sudeste dos Estados Unidos.

Em todos os seus chamados, élder Christiansen foi sempre honrado e respeitado. Quando de seu apoio como Assistente do Conselho dos Doze, salientou que um genuíno testemunho deve se acompanhado de boas obras. Certamente esta tem sido a base de sua própria vida, pois desde que prestou êste firme testemunho, realizou muitas boas obras e tornou-se um baluarte de fôrça e solidariedade



John Longden

Assistente do Conselho dos Doze

Nos primeiros dias da Igreja restaurada o Senhor disse em revelação, através do profeta Joseph Smith: "Pois minha alma se deleita no canto do coração; sim, o cântico do justo é uma prece a mim."

Élder John Longden, Assistente do Conselho dos Doze, sempre abriu caminho para o coração dos membros através da música, onde quer que fôsse. Cantor de grande talento, partilhou prazeirosamente seus dotes musicais com as congregações de muitas partes do mundo, visitando-as a serviço da Igreja.

Nasceu em Oldham, Lancashire, na Inglatera, a 4 de novembro de 1898. Seus pais, Thomas J. e Lizetta Taylor Longden, foram convertidos à Igreja e quando John contava dez anos de idade a família imigrou para Utah. Freqüentou o Ginásio LDS, a Escola de Administração LDS e a Universidade de Utah.

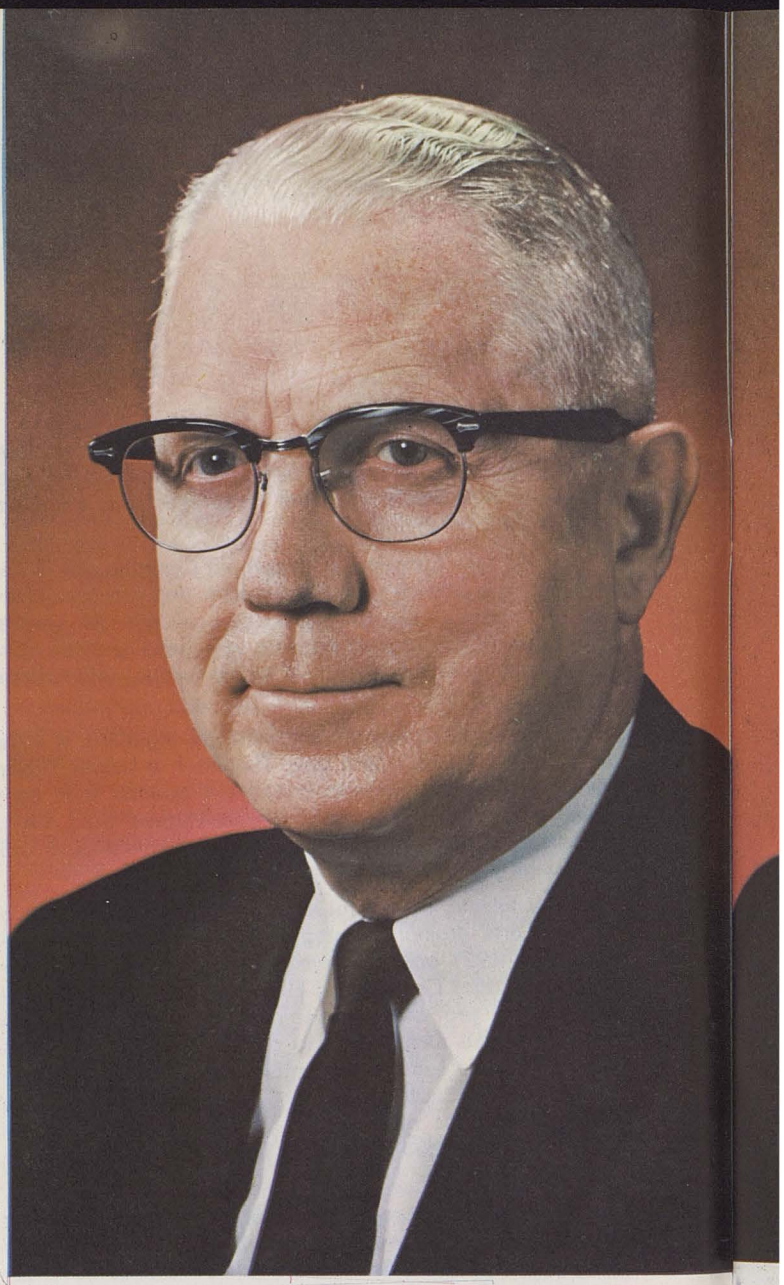
Seu talento musical foi logo reconhecido e êle estudou canto e arte dramática, integrando duas companhias teatrais. Em 1921 aceitou chamado para trabalhar na Missão dos Estados Centrais dos EUA e ao retornar principiou sua carreira profissional, primeiramente numa agência de seguros e mais tarde no ramo de produtos elétricos. Galgou o cargo de executivo e tornou-se dirigente da Westinghouse Electric Supply Company, em Salt Lake City, e, em 1952, diretor regional da National Electric Products Corporation, posição em que se manteve até sua aposentadoria, em 1960.

A 15 de outubro de 1924 élder Longden desposou Frances LaRue Carr no Templo de Salt Lake; são pais de duas filhas. Sua espôsa serviu durante 13 anos como segunda conselheira da presidência geral da Associação de Melhoramentos Mútuos das Moças.

Élder Longden sempre encontrou tempo para trabalhar dedicadamente e com amor na Igreja. Foi assistente e superintendente da AMM em alas e estacas, antes de ser chamado para ser bispo da 19.ª Ala de Salt Lake City. Serviu depois cêrca de 17 anos no sumo conselho da estaca e, em 1950, tornou-se membro do Comitê Geral de Bem-estar da Igreja. Em outubro de 1961 recebeu chamado para servir como Assistente do Conselho dos Doze.

Recentemente, numa conferência geral, contou que quando jovem freqüentou as reuniões numa pequena casa de zinco em Oldham, Lancashire. Cinqüenta e seis anos mais tarde teve o privilégio de retornar à terra de seu nascimento para dedicar ali uma linda capela. "Cinqüenta e seis anos atrás", gracejou êle. "Parece que foi ontem. Como o tempo voa!"

Depois acrescentou: "Não há outro remédio senão fazer com que êle transcorra de forma frutífera." E isto élder Longden fêz com grande sucesso.



Sterling W. Sill

Assistente do Conselho dos Doze

Uma experiência marcante na juventude de Élder Sill influenciou enormemente sua vida. Certa vez na Escola Dominical foi-lhe pedido que lesse e explicasse um parágrafo do manual. Ao se erguer para falar, o garôto de 12 anos foi tomado de pânico. Lágrimas lhe desceram pela face e não conseguiu concluir a exposição. Naquele mesmo dia um outro garôto falou com tal desembaraço que élder Sill ainda se recorda da necessidade enorme que sentiu de conseguir habilidade igual. Já se fazia perceber em sua vida uma mão orientadora, pois numa bênção havia-lhe sido dito: "O ôlho do Senhor estará sôbre você... e sua língua se desatará para seu próprio espanto."

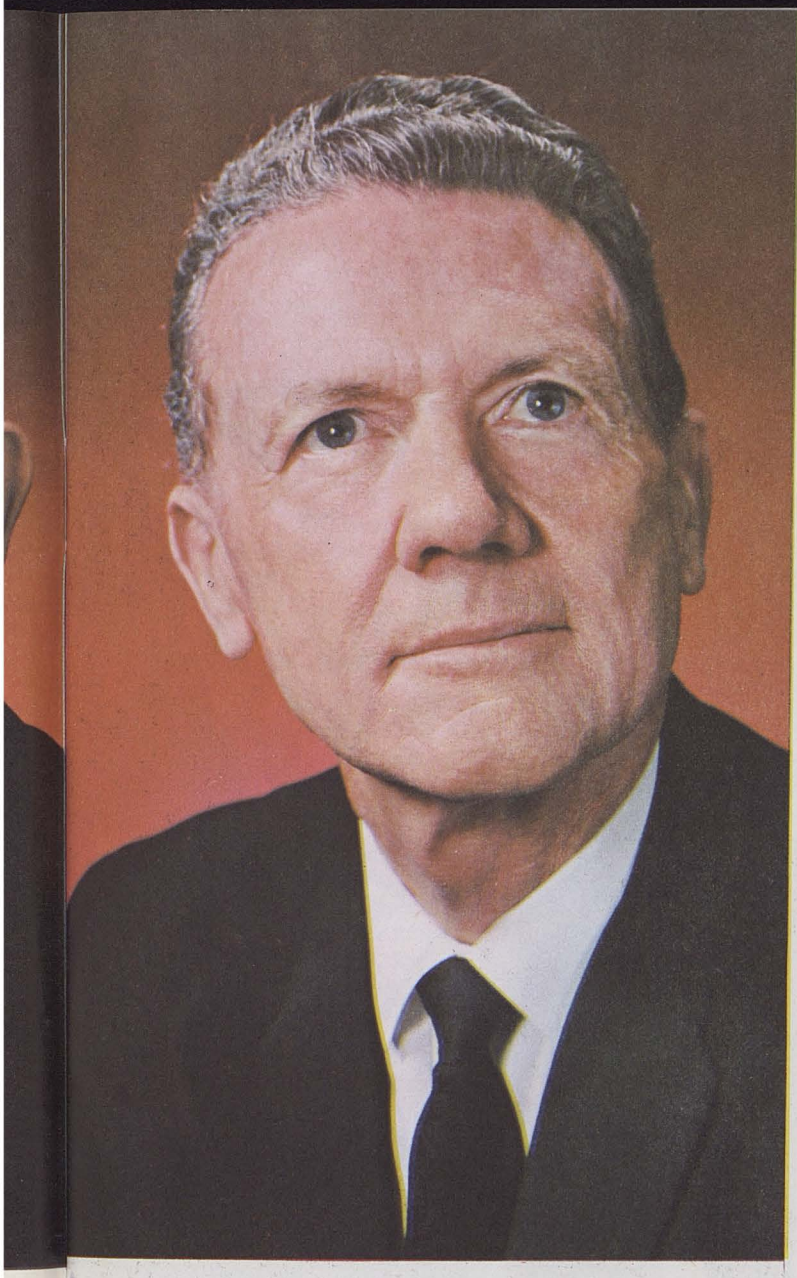
Nasceu a 31 de março de 1903, em Layton, Utah, filho de Joseph e Marietta Welling Sill. Êle ainda se recorda da timidez que o inibia, mesmo durante o tempo de sua missão nos Estados do Sul dos EUA. Após freqüentar a Universidade de Utah, deu aulas durante dois anos, antes de entrar para o ramo de seguros em Salt Lake City.

O sucesso conseguido com grande esfôrço e o constante apoio de sua espôsa, Doria Mary Thornley, (têm três filhos) realizaram maravilhas em sua personalidade. Êle progrediu ràpidamente na carreira tornando-se dirigente da firma em Salt Lake City, em 1933, e inspetor das agências em 1940, posição que ainda conserva em caráter honorário. Com a idade de 29 anos tornou-se o primeiro filho de Utah a falar à Associação Nacional de Agentes de Seguros de Vida.

Em 1936 foi chamado para ser bispo da Ala Garden Park. A conferência de estaca logo chegou e, pensando que poderia ser convidado a falar, preparou um discurso. Mas não o chamaram. Para a próxima conferência preparou outro discurso, mas novamente não o convidaram. Durante os próximos dez anos o bispo Sill preparou discursos sem nunca os pronunciar em conferência. O Senhor o estava disciplinando para um ministério maior.

Em 1951 tornou-se membro da Junta Geral da Escola Dominical e em abril de 1954 foi chamado para ser Assistente do Conselho dos Doze. Após pronunciar 12 discursos semanais num programa de domingo à noite na rádio da Igreja, em 1959, foi convidado a continuar ininterruptamente e durante os últimos oito anos tem preparado e pronunciado discursos semanais de 15 minutos e meia hora para uma cadeia de mais de 450 estações de rádio.

Recebe mensalmente cêrca de 4.200 cartas de ouvintes, transmitindo-lhe palavras como estas: "Entrei para a Igreja por causa de seus discursos." "O Senhor mudou minha vida." "Que excelente ministro mórmon!" Sua habilidade de servir ao Senhor desta forma é fruto de 40 anos de preparação. Tempos atrás êle começou a catalogar seus discursos e está agora compilando o vigésimo segundo álbum de pensamentos. É um grande portavoz do evangelho em nossos tempos.



Henry D. Taylor

Assistente do Conselho dos Doze

Era inevitável que êle atingisse postos elevados", comentou-se, quando Henry D. Taylor foi chamado para ser Assistente do Conselho dos Doze em abril de 1958. Êle foi treinado para a liderança desde o começo, numa vida disciplinada de fazenda, em Provo, Utah. Nasceu em 22 de novembro de 1903, filho de Arthur N. e Maria Dixon Taylor.

Recordando-se da extraordinária herança de seu lar, élder Taylor disse numa conferência geral: "Não fomos feitos para estar sós. Tornamo-nos melhores quando nos unimos do que quando nos isolamos."

Após fazer missão nos Estados do Leste dos EUA, graduou-se pela Universidade de Brigham Young em 1929 e em 1960 recebeu o prêmio "Y's Alumni Distinguished Service." Obteve o grau de bacharel na New York University School of Retailing, em 1937. Em Provo, onde foi diretor assistente da Dixon Taylor Russell Company, élder Taylor empenhou-se ativamente em diversas atividades da comunidade, inclusive na Câmara de Comércio, no Clube Kiwanis e na Junta do Hospital Utah Valley.

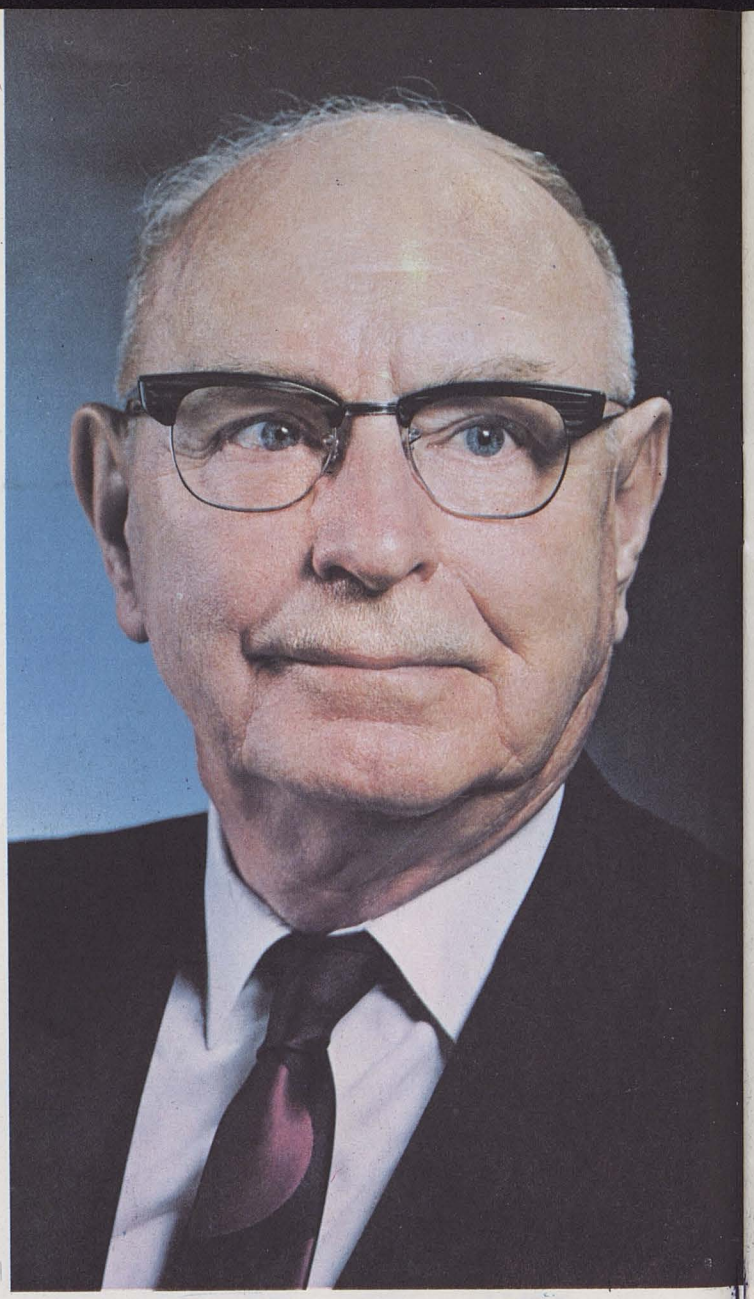
A 26 de dezembro de 1929 desposou Alta Hansen, de Richfield, Utah. Quatro filhos nasceram dessa união. Ativa em organizações auxiliares de alas e estacas, sua encantadora espôsa apoiou inteligentemente o marido, partilhando com êle anos de grandes realizações. Faleceu a 6 de julho de 1967.

Descrito como um "dínamo silencioso", élder Taylor parecia destinado a postos de liderança. Foi presidente nacional da Delta Phi, sumo conselheiro e secretário de estaca, bem como bispo da Ala Pleasant View e presidente das estacas de Sharon e East Sharon. Servia como presidente da Missão da Califórnia quando foi chamado para tornar-se Assistente do Conselho dos Doze.

Atualmente, indicado para a posição de diretor-presidente do Programa de Bem-estar da Igreja, élder Taylor trouxe para êsse cargo sua ampla experiência em trabalhos de bem-estar, inclusive como diretor das regiões de bem-estar de Monte Timpanogos e Central Utah.

Empenha-se no Programa de Bem-estar com grande compaixão e amor pelo próximo, com fé plena e sem restrições na verdade revelada e com grande fôrça e tolerância. Falando sôbre o programa, disse êle: "Para promover os propósitos da Igreja, entendeu-se que todos os membros deveriam reunir-se e trabalhar, adquirindo um sentimento de irmandade e unidade, um senso de integração — uns com os outros e com o reino de Deus.

Liderança silenciosa, modesta, e atuação de alto gabarito, com fé inabalável no Pai Celestial, distinguem élder Henry D. Taylor.



William J. Critchlow, Jr.

Assistente do Conselho dos Doze

Durante a I Guerra Mundial, William James Critchlow, Jr., no Serviço de Pesquisa Costeira e Geodésica dos Estados Unidos, viu-se confinado sòzinho durante semanas num pico montanhoso, onde encontrou tempo para ler o Livro de Mórmon. "Eu havia herdado o evangelho", comentou êle "e a participação em minha Igreja tornara-se rotineira desde a idade em que fui batizado. Mas minha conversão — aquêle "eu sei sem qualquer dúvida" ocorreu no alto da montanha, enquanto lia o Livro de Mórmon e perguntava a Deus a respeito de sua veracidade."

Êste testemunho foi sempre prestado com grande fervor e convicção, particularmente depois de sua indicação como Assistente do Conselho dos Doze, em outubro de 1958.

Nascido a 12 de agôsto de 1892, de William J. e Anna Gregerson Critchlow, élder Critchlow viveu tôda a sua vida em Ogden, Utah. Após formar-se no ginásio, entrou para a Academia Weber onde, como presidente do corpo estudantil, promoveu em 1911 uma campanha para a construção de um campo de esportes, iniciando assim uma longa carreira de serviços comunitários. Muitos anos depois seu sonho tornou-se realidade e o ginásio foi construído. Quando foi entregue à Igreja e remodelado, para ser o Deseret Gymnasium, em junho de 1967, William J. Critchlow, Jr., o homem que havia iniciado sua campanha de construção em 1911, foi convidado para fazer a oração dedicatória.

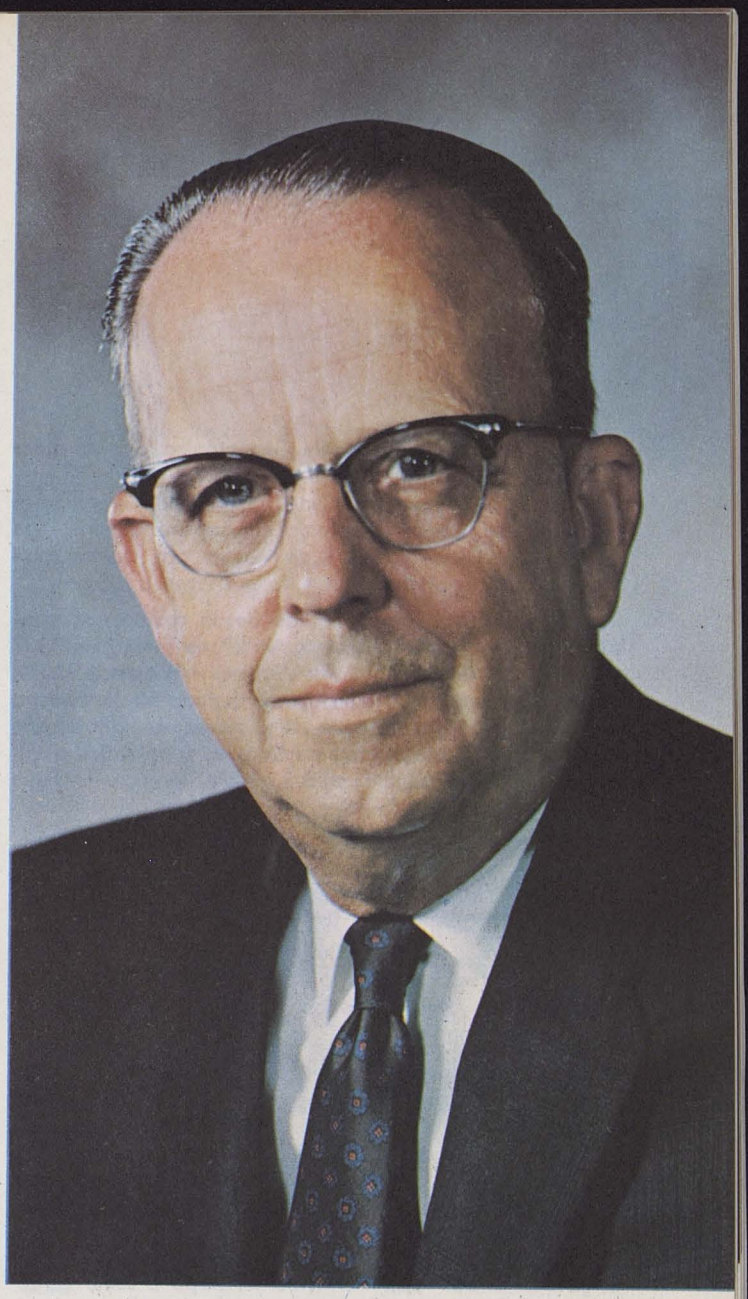
Preparando-se para sua carreira de administrador, matriculou-se na LaSalle Extension University, em Chicago, além de tomar aulas em cursos de extensão na Universidade de Utah.

Passou a trabalhar no ramo de aparelhos elétricos em 1912 e assumiu vários cargos de chefia na Utah Power & Light Company, de onde se ausentou apenas para atender designações temporárias do govêrno. Aposentou-se na posição de diretor do setor de desenvolvimento dos serviços.

"A medida do verdadeiro sucesso de um homem é sua família", disse êle. Desposou Anna Maria Taylor no Templo de Salt Lake em 1924 e tiveram dois filhos e uma filha.

A influência do élder Critchlow na comunidade de Ogden tem sido profunda, prestando serviços em diversos comitês e clubes cívicos. Foi fundador do espetáculo teatral **All Faces West,** que anualmente revive a jornada pioneira que leva ao Vale do Grande Lago Salgado. Êsse programa tem significado particular para êle, já que seu bisavô, James Brown, foi líder no Batalhão Mórmon e fundador de Ogden.

Grande parte da alegria da vida, afirma êle, advém de se prestar serviços, particularmente na Igreja. Ocupou muitos cargos nas auxiliares e trabalhou 17 anos como primeiro presidente da Estaca South Ogden, antes de ser chamado para ser Assistente dos Doze, em outubro de 1958.



Franklin D. Richards

Assistente do Conselho dos Doze

Siga os líderes da Igreja e nunca recuse uma oportunidade de servir." Essas palavras de conselho de seus pais foram sempre a norma de conduta do élder Franklin D. Richards, Assistente do Conselho dos Doze, que devotou sua vida a serviço da comunidade, da pátria e da Igreja.

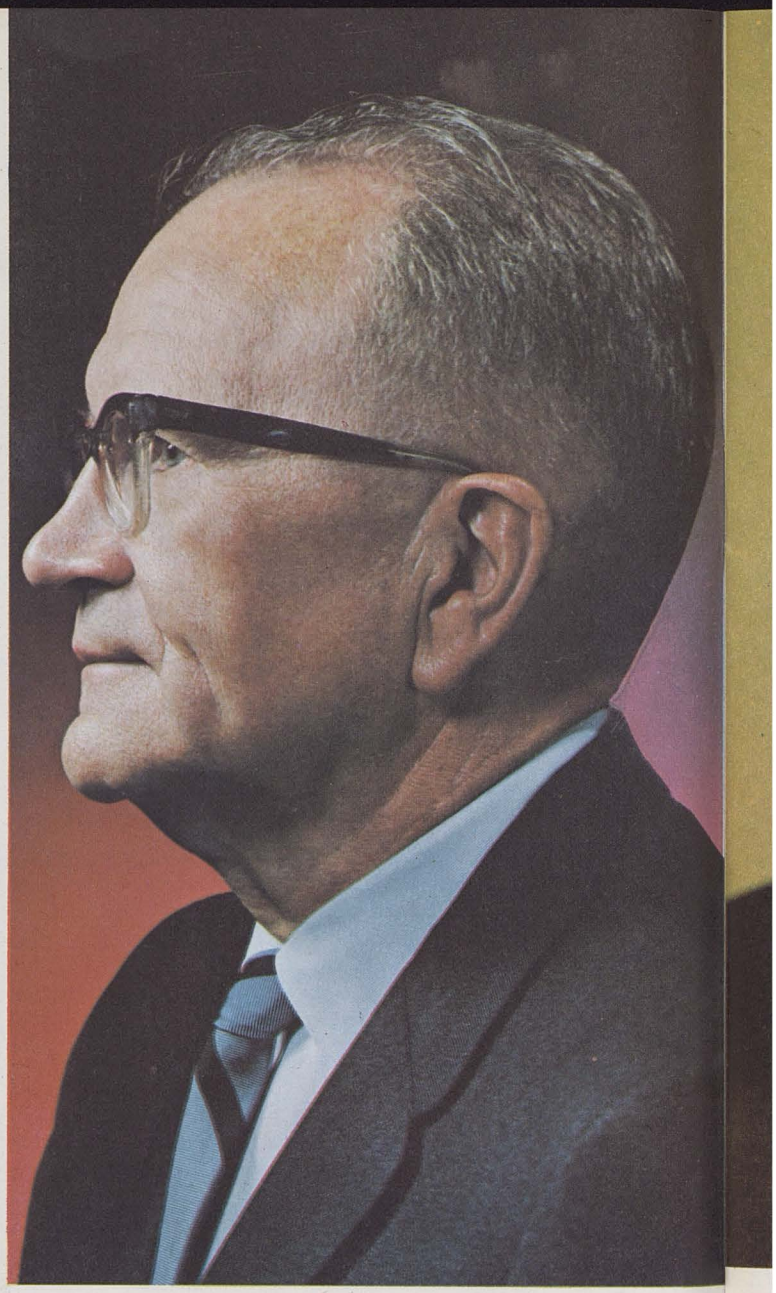
Nasceu a 17 de novembro de 1900, em Ogden, Utah, e teve por pais Charles C. Richards e Letitia Peery Richards. Quando rapaz era muito ativo — trabalhava na fazenda do pai para pagar os estudos, tomava parte em debates e contribuia para as publicações escolares.

Formou-se pela Weber Academy, de Ogden, depois estudou na Universidade de Utah, até ser chamado para fazer missão nos Estados Orientais dos EUA. Retornando, completou o curso e bacharelou-se em advocacia. Começou a advogar em Salt Lake City em 1923 e a 1.º de agôsto dêsse mesmo ano desposou Helen Kearnes no Templo de Salt Lake. Tiveram dois filhos e duas filhas.

Franklin D. Richards foi primeiramente nomeado diretor do Ministério Nacional de Habitação em Utah, em 1934, e posteriormente tornou-se encarregado de uma zona de 13 Estados ocidentais, fixando-se em Washington, DF. Em 1947 foi nomeado chefe do Ministério e durante sua gestão a nação usufruiu o maior programa habitacional de sua história. Após demitir-se do cargo em 1952, abriu um banco hipotecário e uma firma de corretagem, com escritórios em Nova Iorque, Washington e Salt Lake City e em 1954 regressou a Utah.

Quando recebeu sua bênção patriarcal, na juventude, foi abençoado para "assumir postos de presidência e liderança em cargos religiosos e civis." Esta promessa foi plenamente cumprida pois, além de ocupar cargos públicos de grande responsabilidade, êle foi também líder em quoruns do sacerdócio e organizações auxiliares da Igreja.

Franklin D. Richards servia como presidente da Estaca East Mill Creek quando, em 1959, foi chamado para presidir sôbre a Missão dos Estados Noroeste dos EUA. Lá dirigiu uma das áreas missionárias mais frutíferas da Igreja e preparou um nôvo manual de pregação, incorporando os métodos de ensino mais eficientes aplicados em sua região. A 8 de outubro de 1960, ou seja, apenas dez meses após tornar-se presidente de missão, anunciou-se em conferência geral seu chamado para ser Assistente do Conselho dos Doze. Suas atividades missionárias prosseguiram, pois a designação que recebeu como Autoridade Geral abrangia a supervisão de missões da Costa Leste dos EUA e, mais recentemente, da América do Sul.



Theodore M. Burton

Assistente do Conselho dos Doze

Um colega da Sociedade Genealógica, onde o élder Theodore M. Burton tem o pôsto de vice-presidente, bem como de diretor-presidente do Comitê Genealógico do Sacerdócio, descreve-o como um homem humilde, "de grande honestidade, amor e dedicação, que devota lealdade incondicional ao evangelho e a seus princípios."

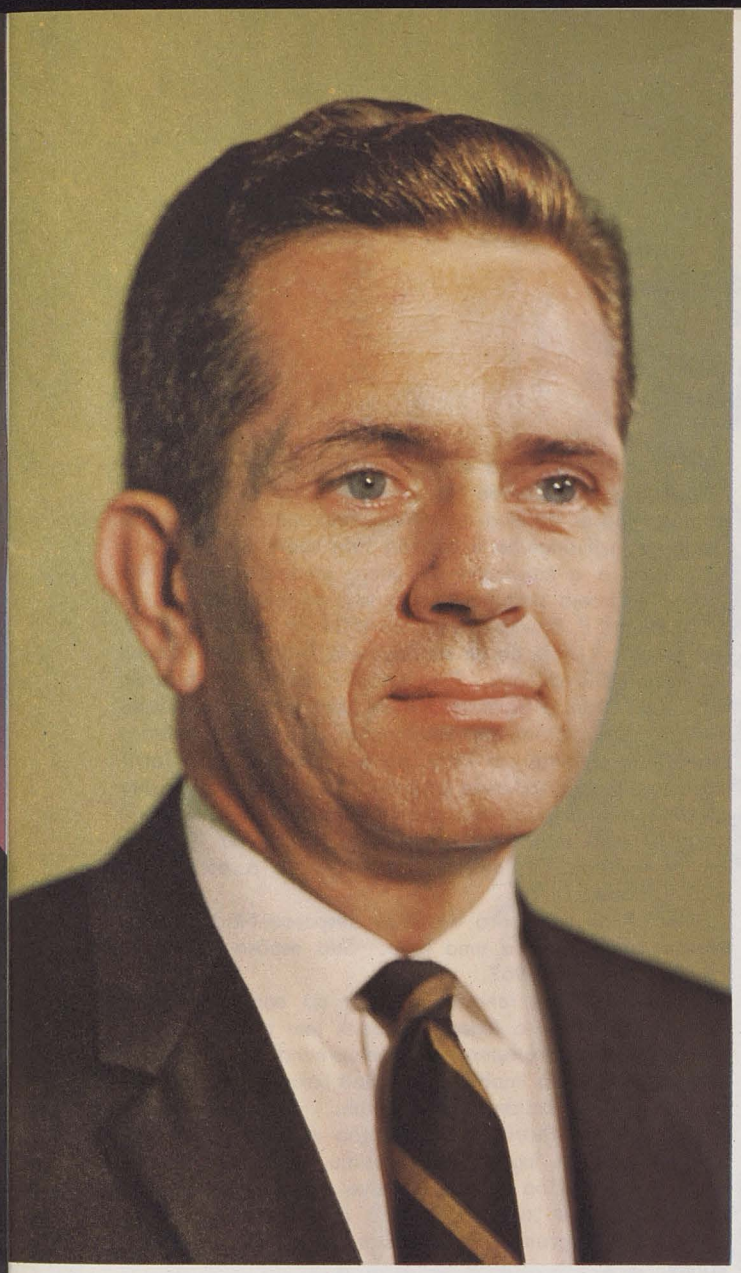
Theodore M. Burton moldou desde cedo essas qualidades em seu caráter. Nasceu a 27 de março de 1907 e seus pais, Theodore Taylor Burton e Florence Moyle Burton, incentivaram-no a trabalhar quando ainda contava 12 anos de idade. A respeito dêles afirmou o élder Burton: "Meus pais proporcionaram-me boas oportunidades e ensinaram-me o evangelho pelo exemplo, praticando-o em nosso lar em Salt Lake City."

Concluiu os estudos com sucesos, tirando diploma de bacharel e licenciando-se em humanidade pela Universidade de Utah. Mais tarde obteve seu doutorado em química na Purdue University. De 1932 a 1934 foi bacteriologista assistente da cidade de Salt Lake City; posteriormente tornou-se professor renomado de química no Carbon College, em Price, Utah, e depois na Universidade Estadual de Utah, em Logan.

Theodore M. Burton crê que seus estudos científicos tornaram-no mais sensível às leis de Deus. "Meu testemunho se fortaleceu porque na ciência fui instruído para ver ordem nas coisas. Em nossa religião Deus nos concede verdade infalível, a qual podemos pôr a prova aplicando em nossa vida."

De 1927 a 1930 o élder Burton serviu na Missão Suíço-Germânica. Posteriormente foi bispo e sumo conselheiro em Logan e em 1957 retornou à Europa, para presidir sôbre a Missão da Alemanha Ocidental. Acompanharam-no sua espôsa, Minnie Preece Burton, a quem desposou no Templo de Salt Lake a 23 de fevereiro de 1933, e seu filho Robert, que já fêz missão na Suíça. Antes de tornar-se presidente da Missão Européia, em 1962, foi designado Assistente do Conselho dos Doze, no dia 9 de outubro de 1960. Em junho de 1965 tornou-se supervisor da Missão Européia Ocidental.

Theodore Burton disse: "Na vida eterna o que estará em jôgo não é quantos cargos ocupamos, mas a quantas pessoas ajudamos"; e com referência a seu trabalho no setor de genealogia, afirmou: "O que Jesus fêz serviu de exemplo, para nos mostrar que também podemos auxiliar a outros com esfôrço e sacrifício. Em nossa obra vicária pela salvação dos mortos, imitamos o Senhor e Salvador e nos tornamos salvadores dos que não podem salvar a si mesmos." Estas afirmações não são meras palavras do élder Burton, mas princípios que êle põe em prática. A seu respeito já se disse que "jurou lealdade ao reino!"



Boyd K. Packer

Assistente do Conselho dos Doze

Décimo entre os onze filhos de Ira W. Packer e Emma Jensen Packer, o élder Boyd K. Packer nasceu a 10 de setembro de 1924 em um lar profusamente abençoado com tudo, exceto com facilidade de dinheiro. Foi bem orientado no círculo familiar quanto aos princípios do evangelho restaurado, que constituíam a religião diária dos seus e que haviam feito sua propriedade estéril florescer como a rosa.

Quando freqüentava o último ano do ginásio, Pearl Harbor envolveu a nação na guerra. Após a formatura trabalhou para uma firma empreiteira na construção do Hospital Geral Bushnell, em Brigham City, Utah. Alistou-se depois no corpo de cadetes da Fôrça Aérea e formou-se pilôto aos vinte anos. Êle se recorda que nessa época, solitário, derramou sua alma em prece, prometendo que, se lograsse cumprir o verdadeiro propósito da vida e resistir a tentação, dedicar-se-ia ao Senhor.

Passou mais algum tempo em treinamento e ficou aquartelado no Havaí, seguindo mais tarde para as Filipinas. Em outubro de 1945 foi enviado ao Japão, onde nas horas de lazer teve oportunidade de auxiliar os colegas a pregar o evangelho ao povo.

Após ser desobrigado do serviço militar, continuou os estudos no Weber College e na Universidade Estadual de Utah, onde se tornou bacharel e licenciado em pedagogia. Desposou Dona Edith Smith e têm nove filhos.

Em 1948 o presidente George Albert Smith falou no Tabernáculo de Brigham City, conclamando os cidadãos da comunidade a apoiarem o trabalho de reforma das instalações do Hospital Bushnell a fim de servirem de escola para os índios e prometeu que os presentes seriam abençoados se fizessem o seu melhor para promover a obra.

Boyd K. Packer tomou isto como um desafio pessoal, da mesma forma que outros presentes. Quando o primeiro grupo de estudantes índios chegou, em 1949, o élder Packer, que era então membro do corpo docente do seminário, e J. Edwin Baird foram designados para elaborar um programa da Igreja que se adaptasse a êles. Dêste pequeno princípio surgiu o programa de seminário para os índios, que cresceu e se desenvolveu, sendo atualmente utilizado em várias partes da Igreja.

O élder Packer foi apoiado Assistente do Conselho dos Doze na conferência geral de outubro de 1961. Nessa época, era supervisor dos seminários e institutos de religião e trabalhava em sua tese de pedagogia. Obteve o doutorado pela Universidade de Brigham Young, em junho de 1962.

Desde agôsto de 1965 está presidindo sôbre a Missão da Nova Inglaterra. A promessa que fêz quando cadete, de se dedicar ao Senhor, tem sido cumprida através de sua grande contribuição para a educação dos jovens da Igreja.



Bernard P. Brockbank

Assistente do Conselho dos Doze

O espírito da obra missionária é evidente na vida e na personalidade do élder Bernard P. Brockbank. A maior parte de sua existência tem sido devotada a propagar o evangelho e quando fala sôbre êle é com o entusiasmo e a convicção de quem ama o trabalho do Senhor e deseja partilhá-lo com seus semelhantes.

Bernard P. Brockbank nasceu a 24 de maio de 1909, em Holladay, Utah, no lar de Taylor P. Brockbank e Sarah LeCheminant Brockbank. Freqüentou a Escola Agrícola do Estado de Utah, a Universidade de Utah e a Universidade George Washington, em Washington, DF. Seus estudos foram interrompidos em 1929, ao ser chamado para fazer missão na Inglaterra, onde foi presidente de distrito durante um ano e principiou seus trabalhos missionários. Serviu também numa missão de estaca, no período de 1934-35, em Washington, DF, enquanto freqüentava a escola naquela cidade.

A 1.º de novembro de 1935 desposou Nada Rich e tiveram cinco filhos e uma filha. Sua espôsa faleceu a 1.º de agôsto de 1967.

Empreiteiro de renome no setor da construção civil, em Salt Lake City, o élder Brockbank tem participado de associações de construtores e de empreendimentos cívicos, integrando a Junta Imobiliária de Salt Lake e a Associação de Construtores Residenciais de Utah. Foi também presidente da Junta Distrital de Educação da Granite School.

Em todos os lugares onde residiu, assumiu postos de responsabilidade na Igreja, inclusive como bispo da Ala Winder em Salt Lake City, sumo conselheiro de estaca e chefe do programa de bem-estar da região de Jordan Valley.

Seu grande amor pela obra missionária passou a frutificar de forma mais abundante quando em 1960 foi nomeado presidente da Missão Britânica do Norte. Por ocasião de sua divisão, em dezembro de 1960, tornou-se presidente da nova Missão Escocesa-Irlandesa e, 18 meses mais tarde, da recém-formada Missão Escocesa. Servia nesta última região missionária quando, em outubro de 1962, foi chamado para ser Assistente do Conselho dos Doze.

Ao se inaugurar o Pavilhão Mórmon da Feira Mundial de Nova Iorque, em 1964, seu diretor-presidente era o élder Brockbank, cujo entusiasmo e zêlo missionário iriam agora influenciar os muitos missionários que lá trabalhavam sob sua direção e os milhões de visitantes que tomaram contato com o evangelho restaurado.

Desde o encerramento da Feira, êle tem participado da preparação de exposições para centros turísticos em tôda a Igreja. Essas exposições aproveitam muitas das idéias aplicadas com tanto sucesso na Feira e estão agora auxiliando a ensinar as verdades do evangelho a um número ainda maior de pessoas.

Receitas
de Muitas Terras

Winifried Jardine

Manjar Havaiano

Esta deliciosa sobremesa de frutas adicionará um toque de sabor natural a qualquer refeição.

2 laranjas descascadas e picadas
2 bananas descascadas e picadas
2 ou 3 fatias de abacaxi, picadas
Açúcar
½ xícara de côco ralado

1. Junte as frutas; salpique com açúcar; leve à geladeira.

2. Antes de servir salpique côco ralado.

3. Dá para 5 porções.

Bolachinhas Holandezas

As crianças holandesas gostam de fazer estas bolachinhas amanteigadas em tabletes, para festinhas. A cobertura vai ao fôrno juntamente com a massa.

1 xícara de manteiga ou margarina
1 xícara de açúcar
1 ôvo
2 xícaras de farinha de trigo peneirada
½ colher de chá de canela em pó
1 colher de sopa de água
½ xícara de nozes picadas bem miúdo

1. Unte uma fôrma rasa e comprida.

2. Misture a manteiga, o açúcar e a gema do ôvo até ficar massa cremosa e fôfa.

3. Junte a farinha e a canela.

4. Espalhe a massa na fôrma com 2 cm de espessura e alise bem.

5. Junte a água e a clara; bata em neve e espalhe sôbre a massa. Salpique as nozes em cima.

6. Asse em fôrno quente, durante 20 a 25 minutos ou até ficar levemente tostada. Corte imediatamente em tabletes pequenos. Dá para 50 tabletes.

Arroz Espanhol

Êste prato continua tão saboroso quando requentado como quando foi servido pela primeira vez.

6 fatias de bacon, picadas
¼ de xícara de cebola picadinha
¼ de xícara de pimentão picado
3 xícaras de arroz cozido (feito com 1 xícara de arroz cru)
2 xícaras de tomate cozido
1½ colher de chá de sal
Pimenta

1. Numa frigideira, frite o bacon até ficar torradinho. Remova o bacon da frigideira e retire a maior parte da gordura.

2. Frite a cebola e o pimentão na restante da gordura da frigideira, com fogo brando até as cebolas amarelarem.

3. Junte os demais ingredientes e aqueça sem cobrir, em fogo brando, durante uns quinze minutos.

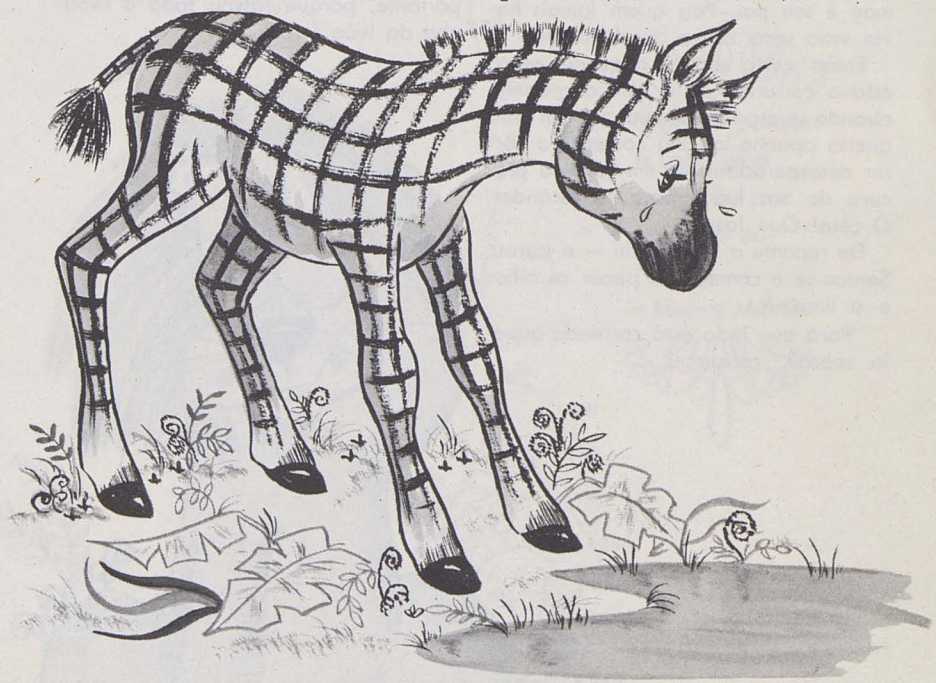
Dá para 5 porções.

Seção das Crianças

A Zebra Quadriculada

Dorothy S. Blondell

No alto de uma montanha vivia uma zebra muito infeliz.



E por que ela era infeliz?

Porque era diferente de tôdas as outras zebras que já haviam nascido. Tôdas as manhãs ela seguia a trilha tortuosa que levava ao pequeno lago da montanha e ficava perto de um grande espinheiro, contemplando seu reflexo na água. Tristemente sacudia a cabeça. Ai dela, a pequena zebra refletida na superfície lisa do lago era exatamente a mesma figura engraçada de um dia antes.

Quando trotava de volta pela trilha e se reunia ao rebanho, tôdas as zebras riam ao vê-la. Sua mãe e seu pai tentavam não demonstrar vergonha, mas até mesmo êles queriam escondê-la dos outros animais.

E o que havia de errado na pequena zebra? Bom — suas listras eram em duas direções! Tôdas as zebras, vocês sabem, têm listras que sobem e descem, mas esta pequena zebra tinha listas que subiam e desciam e na outra direção, ao longo do corpo. Para falar a verdade, ela era quadriculada! Que coisa terrível para a pequena zebra! Que terrível para sua mãe e seu pai. Pois quem jamais havia visto uma zebra quadriculada!

Então certo dia a pequena zebra estava correndo junto com o rebanho quando se espalhou o alarme! Um leão queria apanhá-los! Ela começou a correr desesperadamente em volta, à procura de um lugar para se esconder. Ó céus! Que fazer?

De repente o leão a viu — e parou. Sentou-se e começou a piscar os olhos e a limpá-los.

"Para que lado está correndo aquela zebra?" reclamou.

E ficou tão confuso por causa da pequena zebra com suas listras em ambas as direções que todo o rebanho conseguiu escapar antes que êle percebesse o que estava acontecendo.

"Já sei o que vou fazer!" disse a pequena zebra quadriculada a tôdas as outras zebras. "De agora em diante, sempre que o leão vier nos apanhar eu o confundirei. Êle ficará tão atrapalhado que vocês tôdas poderão escapar, antes que êle perceba em que direção estou correndo!"

E não é que deu certo! Daquele dia em diante, a pequena zebra tornou-se conhecida como a Zebra Mais Importante, porque salvou todo o rebanho do leão feroz!



"Vá!" gritou Karl. "Mas nunca mais quero vê-lo!"

E antes que Fritz pudesse dizer alguma coisa as pernas de Karl corriam rápidas na direção de casa. Sua mente fervilhava de pensamentos amargos.

Havia outros alunos no conservatório que poderiam ser seus amigos.

Logo após Karl chegar em casa, soaram batidas frenéticas na porta.

"Karl!" gritou sua mãe da cozinha. ""Fritz veio vê-lo!"

"Não quero falar com êle," respondeu Karl rìspidamente.

Dentro de poucos momentos a voz de Fritz chegou até o quarto de Karl.

"Você tem que me deixar explicar o que aconteceu! Por favor!"

Karl lutava com sua consciência. Sabia que precisava dar ao amigo a oportunidade de se explicar. "Está bem," concordou êle, entrando pomposamente na cozinha.

"Foi assim: eu fui à casa teatral ontem alugar a máscara de Mozart e notei que um dos alunos do Conservatório estava interessado na máscara de Beethoven."

"Mas foi você quem a alugou!" acusou Karl.

"Sim, Karl, mas para você. Meu dinheiro só dava para alugar uma máscara e eu pensei que seria melhor alugar a de Beethoven para você, antes que o outro garôto a alugasse.

Fritz enfiou a mão no saco de papel marrom que trazia. "É por isso que eu tinha de ir à casa teatral antes que fechassem esta noite — para apanhar a minha máscara. Compreendeu?"

E retirou a máscara de Mozart, juntamente com a de Beethoven, que entregou a Karl. "Sinto muito que você tenha compreendido mal," disse Fritz compenetrado.

Karl baixou a cabeça. "Estou muito envergonhado, Fritz. Não tevia ter tirado conclusões apressadas." Estendeu a mão a Fritz. "Ainda somos bons amigos?"

"Sempre," sorriu Fritz, apertando com fôrça a mão de Karl.



Mas ali estava o nome de Fritz, bem claro diante dêle. Então era verdade! Seu melhor amigo havia-lhe roubado a idéia.

Karl saiu correndo da loja, às cegas, cheio de mágoa e raiva. Não admira que desce um encontrão.

"Fritz!" exclamou Karl. "Que está fazendo aqui?"

"Vim alugar uma máscara de Mozart para usar na Quinta-feira Maluca. Lembra-se do que eu tinha planejado?"

"Como é capaz de mentir, Fritz?" disse Karl, bloqueando o caminho do menino. "Eu acabo de sair da casa teatral. Foi você quem alugou a máscara de Beethoven que eu queria usar!"

As faces de Fritz se tingiram de vermelho. "Eu explico para você daqui a pouco! Mas por favor deixe-me passar. A loja vai fechar!"

Abotoando o casaco Karl saiu correndo de casa, com os punhos cerrados. Apenas as espêssas luvas que usava impediam que suas unhas se cravassem na carne.

E daí se Fritz não queria mais ser seu melhor amigo!

Ao se aproximar da casa teatral, Karl respirou com alívio. Ainda estava aberta. Dentro da loja, seus olhos esquadrinhavam tôdas as máscaras expostas. Mas em nenhum lugar viu a que queria.

"Uma semana atrás havia uma máscara de Beethoven logo ali," disse Karl, apontando para um lugar vazio. "Ainda está aqui?"

O empregado correu o dedo pela lista de nomes do livro de aluguel. "Aqui está", disse finalmente. "Máscara de Beethoven... alugada por Fritz Muller."

"Não pode ser!" gritou Karl.

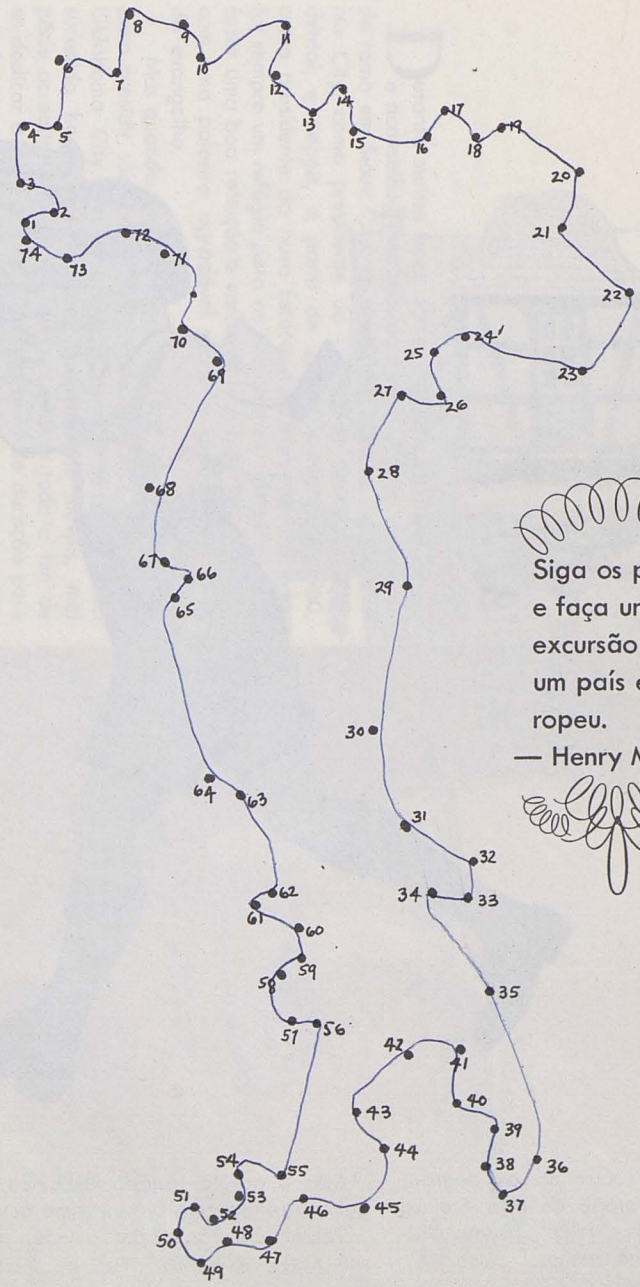
A, B ou C?

Carol Conner

Assinale com um círculo a resposta correta:

1. Qual dêstes animais vive na selva?
   A — *Urso Polar;* B — *Camêlo;* C — *Macaco.*
2. Qual dêstes animais pode voar?
   A — *Texugo;* B — *Morcêgo;* C — *Castor.*
3. Qual dêstes animais é chamado "o navio do deserto",
   A — *Elefante;* B — *Camêlo;* C — *Mula.*
4. Qual dêstes animais vive nas montanhas?
   A — *Camurça;* B — *Cangurú;* C — *Hipopótamo.*
5. Qual dêstes animais escava túneis?
   A — *Lôbo;* B — *Esquilo;* C — *Tatú.*
6. Qual dêstes animais leva o filhote nas costas?
   A — *Gambá;* B — *Ovelha;* C — *Cangurú.*
7. Qual dêstes animais gosta de pescar?
   A — *Coêlho;* B — *Guaxinim;* C — *Tamanduá.*
8. Qual dêstes animais carrega o filhote na bôlsa?
   A — *Onça;* B — *Foca;* C — *Cangurú.*

Respostas: 1.C. 2.B. 3.B. 4.A. 5.C. 6.A. 7.B. 8.C.



Siga os pontos e faça uma excursão por um país europeu.
— Henry Martin



Quinta-Feira Maluca

Lea David

Karl desceu correndo os degraus do Conservatório de Herr Freitag de dois em dois. "Fritz!" gritou, chamando seu melhor amigo.

Mas o garôto trajado de cinza seguiu correndo pela Braunstrasse acima.

Talvez êle não tenha ouvido, pensou Karl. Não faz mal, eu o verei nos festejos da Quinta-feira Maluca.

Dentro de alguns dias êle e Fritz sairiam mascarados, junto com o pessoal da aldeia, para a comemoração anual que se supunha ter o poder de expulsar o inverno. Todos corriam pelas ruas, esbravejando e gritando, para espantar o inverno e dar as boas-vindas à primavera.

Onde ter-se-á escondido Fritz êstes dias, pensou Karl. Quase não tinha visto o amiguinho ùltimamente.

"Karl Schneider!" disse um dos alunos do Conservatório. "Você viu a máscara de Beethoven que Fritz Muller vai usar na Quinta-feira Maluca?"

"Não é possível", replicou Karl. "Fritz sabe que eu quero alugar a máscara de Beethoven e que só vou ter dinheiro hoje à noite!"

"Mas eu vi Fritz mostrar a máscara a Herr Freitag ainda ontem", insistiu o garôto.

"Deve haver algum engano," disse Karl, voltando para casa. Mas ao correr pela rua não pôde deixar de imaginar se esta não seria a razão de Fritz o andar evitando.

"Você não está comendo os bolinhos de batata, Karl," disse sua mãe durante o jantar.

"Não estou com muita fome," desculpou-se Karl. "Além disso, preciso correr até a casa teatral para alugar a máscara. Já é quase hora de fechar." fechar."

"Ainda bem que só há Quinta-feiras Malucas uma vez por ano", comentou sua mãe, "senão você ficaria magro como um palito."



James A. Cullimore

Assistente do Conselho dos Doze

Durante muitos anos James Alfred Cullimore dirigiu e aconselhou membros da Igreja — como presidente de ramo em Sioux City, no estado de Iowa, e em Oklahoma City; como presidente do Distrito de Oklahoma Ocidental; e depois, a partir de 23 de outubro de 1960, como presidente da nova Estaca de Oklahoma. Seu lar foi sempre um refúgio para os missionários, que ali podiam fazer uma boa refeição e carregar suas baterias espirituais com uma palestra agradável sôbre os grandes princípios do evangelho.

Mas quando, em dezembro de 1960, êle foi chamado para presidir sôbre a Missão Britânica Central, o povo de Oklahoma City, que o conhecia apenas como um bem sucedido homem de negócios do ramo de móveis, mal pôde acreditar que êle virasse as costas a tudo a fim de se dedicar a um trabalho de muitos anos de duração para a Igreja. Mas êle o fêz e a Igreja cresceu no conceito popular dentro da cidade. Mais tarde, foi apoiado como Presidente do Conselho dos Doze, a 6 de abril de 1966, e uma vez mais a imagem da Igreja cresceu no Meio Oeste.

James A. Cullimore nasceu a 17 de janeiro de 1906 em Lindon, Utah, na família de Albert L. Cullimore e Luella Keetch Cullimore. Em dezembro de 1924 foi chamado para servir na Missão da Califórnia. Retornou para estudar na Universidade de Brigham Young, onde foi presidente do grêmio estudantil. Desposou Grace Gardner no Templo de Salt Lake a 3 de junho de 1931 e foram para Nova Iorque, onde êle havia ganho uma bôlsa de estudos para a Escola de Comércio da Universidade de Nova Iorque.

Principiou sua longa carreira como comprador de móveis em 1932, com a Gimble Brothers de Nova Iorque, e ocupou a mesma posição na Mandel Brothers, de Chicago. Em 1937 tornou-se comprador e encarregado de mobiliário residencial na firma Browns, de Oklahoma City.

Durante seus primeiros anos nessa cidade, os Cullimore pensavam em voltar para Utah, a fim de lá criar seu filho e suas duas filhas. A II Guerra Mundial impediu essa mudança.

Viajando pela Missão dos Estados Centrais, em 1946, o élder Joseph F. Merril do Conselho dos Doze conversou com o presidente e disse: "Êste é o lugar no qual o Senhor quer que o irmão fique. Ensine bem a seus filhos e depois envie-os à BYU para estudar e êles se casarão na Igreja. As coisas correrão bem para vocês." Dentro de poucos dias o élder Cullimore já havia alugado um prédio em Oklahoma City, para abrir sua loja de móveis, que logo prosperou.

Presidente de ramo, de distrito, estaca e missão, participante do comitê de bem-estar da Igreja, amigo — êle é tudo isto e muito mais, quando sai diàriamente para executar a obra do Senhor.



Antoine R. Ivins

do Primeiro Conselho dos Setenta

"Que se pode dizer a respeito de Antoine R. Ivins?" perguntou-se a um amigo. "Êle é um nobre homem de Deus, dono de um raro senso de equilíbrio e bom temperamento. É gentil, amável, humilde e cordial com todos. Nos conselhos da Igreja e em sua vida diária, possui uma percepção e uma fôrça interior tranqüilizadora e auto-disciplinada, que se manifesta repetidamente em horas de tensão"

Antoine Ridgeway Ivins nasceu a 11 de maio de 1881 em St. George, Utah. Eram seus pais Anthony W. Ivins e Elizabeth Ashby Snow Ivins. Na juventude, acompanhava prazeirosamente o pai em excursões para as quais levavam sempre na garupa do cavalo uma vara de pescar e um livro.

Quando Antoine contava 15 anos, a família mudou-se para o México, onde seu pai foi presidente da Estaca Juarez e da Companhia Mexicana de Colonização e Agrícola. Antoine continuou seus estudos na Academia Juarez e posteriormente na Escola de Jurisprudência da Cidade do México. Quando o pai foi apoiado como membro do Conselho dos Doze, na conferência geral de outubro de 1907, a família transferiu-se para Salt Lake City e Antoine entrou para a Universidade de Utah. Estudou também direito na Universidade de Michigan, em Ann Arbor.

Desposou Vilate Ellen Romney a 26 de junho de 1912. Até sua morte, a 4 de dezembro de 1964, a irmã Ivins viajou muitas vêzes com o espôso nas designações que recebia.

Élder Ivins dedicou-se a atividades agrícolas, tornando-se diretor das plantações de açúcar da Igreja em Laie, no Havaí, cargo que ocupou de 1921 a 1931.

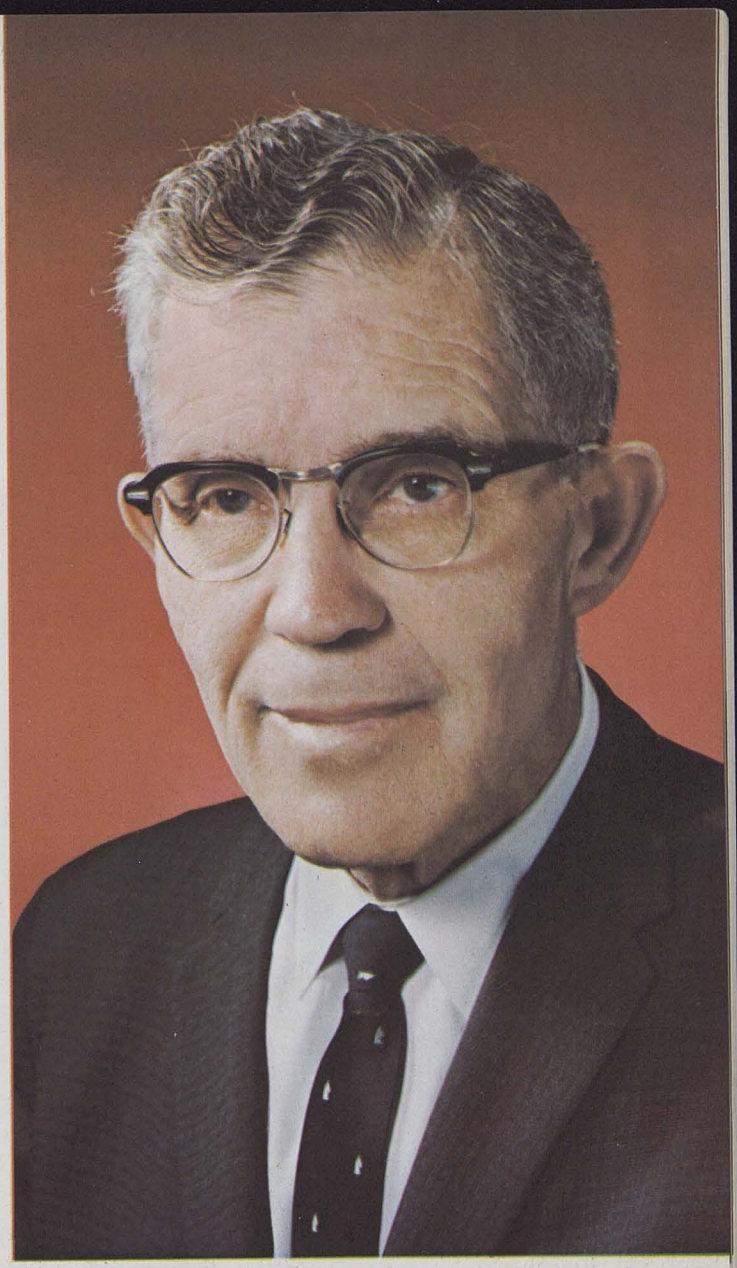
Na conferência geral de outubro de 1931 foi apoiado como membro do Primeiro Conselho dos Setenta.

Serviu como presidente da Missão Mexicana de agôsto de 1931 a março de 1934. Lá substituiu o falecido élder Rey L. Pratt, que havia iniciado a tradução de Doutrina e Convênios para o espanhol. O presidente Ivins deu prosseguimento a essa atividade, assistido por Eduardo Balderas. As partes do livro foram sendo impressas uma após a outra, até que em 1948 tanto essa obra completa como Pérola de Grande Valor saíram do prelo.

Retornando do campo missionário em 1934 o presidente Ivins empenhou-se com todo o vigor em sua designação de tempo integral como autoridade Geral. Serve na posição de presidente sênior do Primeiro Conselho dos Setenta desde a morte de Levi Edgar Young, a 13 de dezembro de 1963.

Quase não se encontra estaca na Igreja que não tenha sentido o calor de sua personalidade ao discursar sôbre as grandes verdades do evangelho, citando freqüentemente exemplos eivados de humor e fatos da vida. Êle ajudou a Igreja a se fortalecer e viu sua congregação e atividade se multiplicarem muitas vêzes, desde que recebeu chamado para ser Autoridade Geral.

Élder Antoine R. Ivins faleceu em 18 de outubro de 1967.



S. Dilworth Young

do Primeiro Conselho dos Setenta

Em abril de 1945, quando S. Dilworth Young foi chamado para o Primeiro Conselho dos Setenta, élder Richard L. Evans comentou na revista "The Improvement Era": "Deus qualifica os homens de acôrdo com as exigências da vida e as necessidades da Igreja." Em um de seus primeiros discursos, essa nova Autoridade Geral afirmou: "A necessidade de se preparar os rapazes surgiu no vale com os pioneiros."

Êsse era o trabalho e aí estava o homem para executá-lo. O élder Young servia no Conselho de Área de Ogden, como executivo dos escoteiros, quando recebeu o nôvo chamado e um de seus amigos disse: "Ótimo para você, mas que será dos pobres escoteiros?" Daquele grupo de Ogden, o trabalho do élder Young com os rapazes, com todos os jovens e com líderes da juventude estendeu-se por todo o mundo.

Nasceu em Salt Lake City a 7 de setembro de 1897, de Seymour B. Young, Jr. e Carlie Louine Young Clawson.

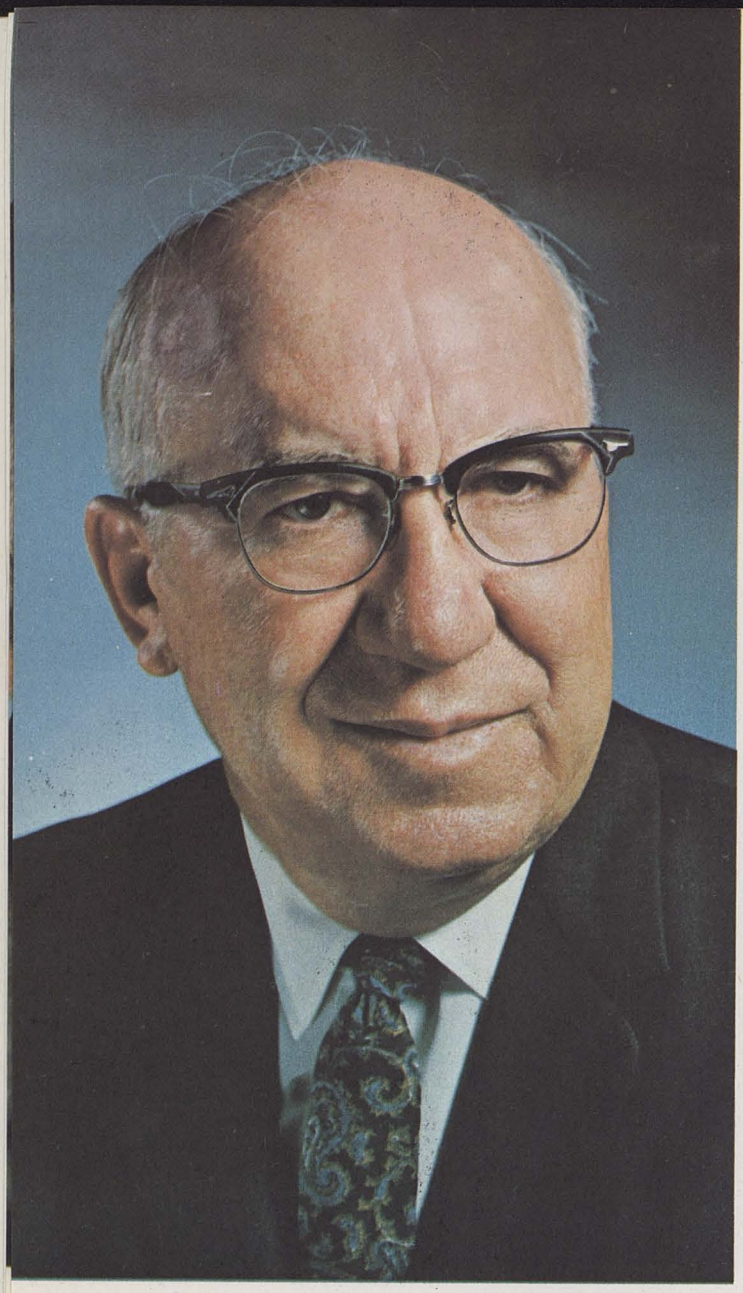
Freqüentou o Ginásio Granite, onde foi eleito presidente do grêmio estudantil em 1917. Após sua formatura no ginásio, passou com sucesso todos os testes para a Academia Naval dos Estados Unidos em Annapolis, para a qual havia sido indicado, verificando no final que um defeito físico de menor importância barrava sua entrada. Alistou-se no 145.º Batalhão de Artilharia e serviu na França até 1918.

Em 1920 foi chamado para a Missão dos Estados Centrais dos EUA e de volta a casa desposou Gladys Pratt, no dia 31 de maio de 1923. Tiveram dois filhos: Dilworth Randolph, que morreu em ação na Bélgica em 1944 e Leonore, que é agora espôsa de Blaine P. Parkinson. Após a morte de sua espôsa Gladys, desposou Hulda Parker, no dia 4 de janeiro de 1965.

Em maio de 1947 o presidente Young foi chamado para presidir sôbre a Missão da Nova Inglaterra. Sua obra entre os jovens da Igreja ganhou assim nova dimensão e os missionários que serviam sob sua liderança voltavam relatando que seu conselho era "Apoie-se no Senhor."

S. Dilworth Young é escritor de talento, tanto em prosa como em verso. Suas obras têm um estilo agradável; a poesia é sensível e penetrante.

Quando era diácono, Seymour Dilworth Young comentou que seu supervisor, John D. Giles "tornava o encargo do diácono muito real." Agora, como membro do Primeiro Conselho dos Setenta, ao trabalhar com os colegas do conselho e com outros setenta, ou falando aos santos reunidos em conferência, o élder Young consegue tornar a obra dos setenta muito importante e real, altamente significativa para o reino e dignificante para o indivíduo.



Milton R. Hunter

do Primeiro Conselho dos Setenta

Milton R. Hunter tem tido grande influência no orientar o pensamento das pessoas para o evangelho. Seus escritos sôbre assuntos como a Pérola de Grande Valor, a arqueologia no Livro de Mórmon, história da Igreja e o evangelho através das eras causaram impressão indelével na mente de muitos membros.

Descrito como uma pessoa "com sêde de saber", o élder Hunter logo impressionou a todos com seu potencial. Após doutorar-se em história pela Universidade da Califórnia, em Berkeley, no ano de 1935, conversava com o dr. Herbert Bolton, famoso bibliotecário e historiador, quando êste lhe disse abruptamente: "Hunter, não posso permitir que enterre sua carreira em algum seminário mórmon de Utah. Você tem tôdas as características de um grande historiador americano. Não me empenhei todos êsses anos para que você desperdice êsse treinamento de forma infrutífera. Se mudar de idéia, nós lhe garantiremos uma posição adequada numa grande universidade, onde seu potencial e o treinamento que recebeu possam atingir plena realização." Mas o irmão Hunter voltou sua atenção para o lar e para a Igreja.

Nascido a 25 de outubro de 1902, em Holden, Utah, no lar de John Edward Hunter e Margaret Hunter, foi instruído desde cedo nos preceitos do evangelho por seus fiéis progenitores. Quando de sua formatura no ginásio, sabia que desejava adquirir tôda a instrução possível. Contudo, as finanças não andavam boas, de forma que após algumas aulas no curso colegial, passou a lecionar durante o inverno e estudar no período do verão, o que logo orientou seu interêsse para a instrução religiosa.

Quando afinal recebeu seu diploma de bacharel e licenciou-se pela Universidade de Brigham Young, havia sido diretor de um colégio em Nevada, dirigira dois ginásios em Utah e fôra diretor de dois seminários.

Desposou Ferne Gardner, de Lehi, em 1931 e tiveram seis filhos. Enquanto se empenhava em obter o doutorado, lecionou em um seminário, depois aceitou um cargo no Instituto de Religião de Logan, Utah, e dedicou sua vida a pesquisar e escrever.

Dentro de poucos anos redigira artigos para muitas revistas históricas do Oeste dos Estados Unidos, sua história de Utah fôra escolhida como texto oficial das escolas do Estado — o que ainda continua sendo — e êle já publicara diversos livros notáveis sôbre a história da Igreja.

A 6 de abril de 1945 foi chamado para o Primeiro Conselho dos Setenta e seu anseio pela verdade e sua difusão ganharam novas dimensões. Hoje, depois de escrever 22 livros e centenas de artigos, ao invés de ter desperdiçado seu "treinamento infrutìferamente", criou fama duradoura para seus trabalhos.



Bruce R. McConkie

do Primeiro Conselho dos Setenta

Não há nada no mundo que eu deseje mais do que ter o privilégio de pregar o evangelho e devotar o tempo e a habilidade que o Senhor me concedeu à edificação de seu reino." Essas palavras de Bruce R. McConkie, do Primeiro Conselho dos Setenta, constituíram a diretriz de sua vida.

Nasceu no lar de Oscar W. McConkie e Vivian Redd McKonkie a 29 de julho de 1915, em Ann Arbor, Michigan, onde seu pai estudava direito na universidade estadual. Aos 11 anos de idade o jovem Bruce já reunia seus irmãos e irmãs para ler-lhes o Livro de Mórmon.

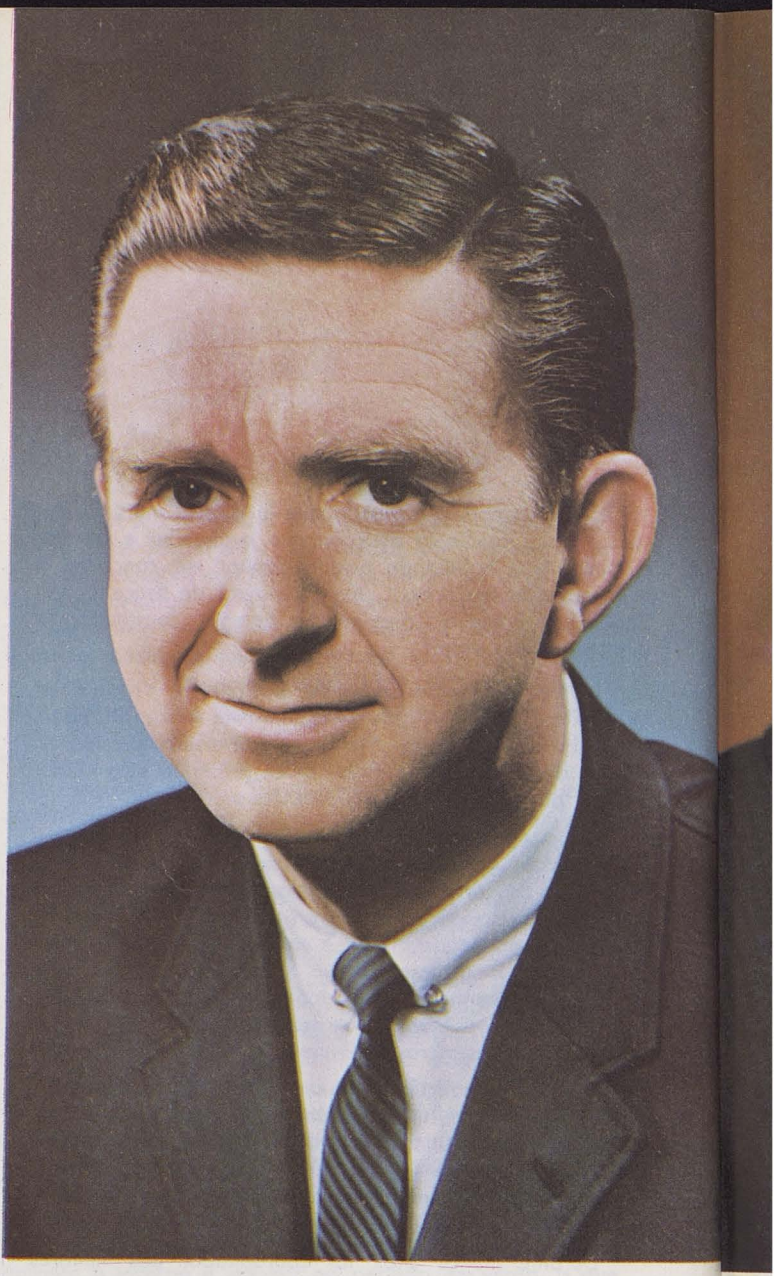
Após regressar a Salt Lake City freqüentou o Ginásio LDS nos dois últimos anos de funcionamento da instituição e de 1934-36 serviu na Missão dos Estados Orientais dos EUA. Bacharelou-se, pela Universidade de Utah, em arte, 1937, e em advocacia, 1939, e em junho de 1967 recebeu seu doutorado no mesmo setor. A 13 de outubro desposou Amélia Smith, filha do presidente Joseph Fielding Smith e têm nove filhos. Foi designado a 10 de outubro de 1946 como membro do Primeiro Conselho dos Setenta.

Ocupou as posições de membro do Fôro de Salt Lake City, procurador público, assistente do procurador da cidade, promotor público e oficial de segurança e inteligência do Nono Comando do Exército dos Estados Unidos. Integrou a Legião Americana e presentemente é tenente-coronel da Artilharia da Reserva.

Durante muitos anos foi coordenador dos militares dentro do programa da Igreja e serviu também como presidente da Missão Australiana do Sul. Seu conhecimento e estudo constante das escrituras impressionam as audiências da Igreja e o ótimo senso de humor que demonstra dá um cunho de realidade a seus ensinamentos.

Falando em conferência, o presidente McConkie disse: "A verdadeira necessidade, a obrigação máxima que repousa sôbre nós como membros dêste grande reino dos últimos dias é conhecer a lei do Senhor." E nesse sentido tem-se empenhado diligentemente.

Na conferência geral de outubro de 1951 relatou a seguinte experiência: "Seis meses atrás em solene assembléia, enquanto a Primeira Presidência da Igreja era apoiada e eu me achava sentado aqui, a voz do Senhor se fêz ouvir em minha mente, com tanta firmeza, estou certo, quanto na de Ênos e disse: "Êsses são os que escolhi para a Primeira Presidência de minha Igreja. Siga-os." Tal testemunho assegurou-me ainda mais da divindade desta obra." A êsse tema: "siga os irmãos", Bruce McConkie dedicou sua vida.



Marion D. Hanks

do Primeiro Conselho dos Setenta

"Êle não se isola numa tôrre de marfim", replicou um missionário quando lhe perguntaram a respeito de suas relações com Marion Duff Hanks. "O presidente está em contacto muito estreito com o mundo das pessoas comuns. Parece que se sente estimulado com as emoções, oportunidades e experiências diárias."

Entreviste zeladores de edifícios, secretários, amigos de infância, Autoridades Gerais ou o soldado recém-regressado do Vietnã e verificará que o irmão Hanks é amado por demonstrar interêsse pelo seu bem-estar. Muitas batalhas silenciosas travou êle para trazer paz a seus irmãos; muitas atitudes corajosas assumiu a fim de assegurar julgamento justo a uma pessoa envolvida em problemas.

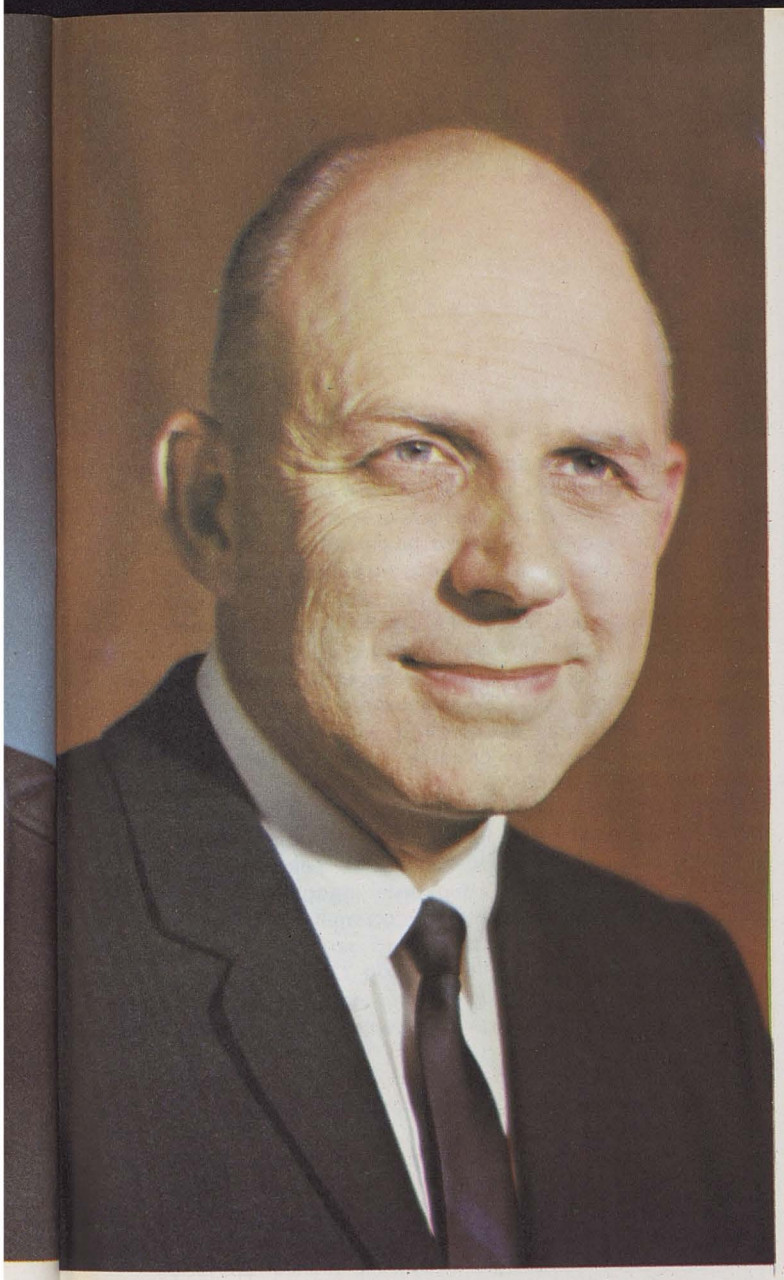
Marion D. Hanks nasceu a 13 de outubro de 1921 em Salt Lake City. É filho de Stanley A. Hanks e Maude Frame Hanks. Casou-se em 1949 com Maxine Christensen, de Honolulu, Havaí, e têm cinco filhos. Seu lar estêve sempre aberto aos que precisassem de um lugar onde ficar, receber confôrto e alívio. A despeito de raça, crença religiosa, condição de vida ou problema, o estranho é recebido calorosamente ali.

A mola mestra da vida do presidente Hanks foi sempre um grande desejo de servir a seu Pai Celestial. Quando ainda era diácono, já costumava ficar acordado até altas horas estudando as escrituras.

Apesar de ser um bom atleta, desistiu de uma bôlsa escolar no setor de atletismo, para servir ao Senhor como missionário. Formou-se pela Faculdade de Direito da Universidade de Utah e obteve seu doutorado em jurisprudência naquela instituição. Mas, em vez de praticar advocacia, resolveu lecionar em institutos e seminários. As aulas que dá no Instituto de Religião da Universidade de Utah, sôbre o Livro de Mórmon e Doutrina e Convênios atraem grandes audiências, lotando freqüentemente a capela do instituto.

Em outubro de 1953 foi chamado para servir no Primeiro Conselho dos Setenta. Sua maior alegria é auxiliar e incentivar as pessoas na busca de esclarecimento sôbre a verdade e como editor da seção "Era of Youth" (Era da Juventude) da revista "The Improvement Era", tem grande influência sôbre a juventude da Igreja.

Pergunte sôbre Marion D. Hanks e as respostas refletirão as muitas facetas de sua personalidade e a grandeza de sua contribuição: "Êle ouve com atenção." "Seus discursos em conferência são sempre da maior relevância." "Notei que êle parece sentir-se muito à vontade entre as grandes almas e as mentalidades mais brilhantes." "Conhece aquêle ditado: "Percebe-se onde está o acendedor de lampiões pelo rastro que deixa após si?" Pois bem, pode-se também ver por onde Duff Hanks passou — as pessoas são melhores. Preocupa-se com elas."



A. Theodore Tuttle

do Primeiro Conselho dos Setenta

A mãe do élder A. Theodore Tuttle não poderia ter adivinhado que, quando insistia com seu filhinho de seis anos para que decorasse os discursinhos da Escola Dominical, estava-o preparando para futuras palestras que seriam proferidas em muitas partes do mundo. Mas era tanta sua fé nesse único filho que muitas vêzes referia-se a êle como o "filho da promessa", incutindo em seu espírito o desejo de ser digno e ter uma vida de dedicação.

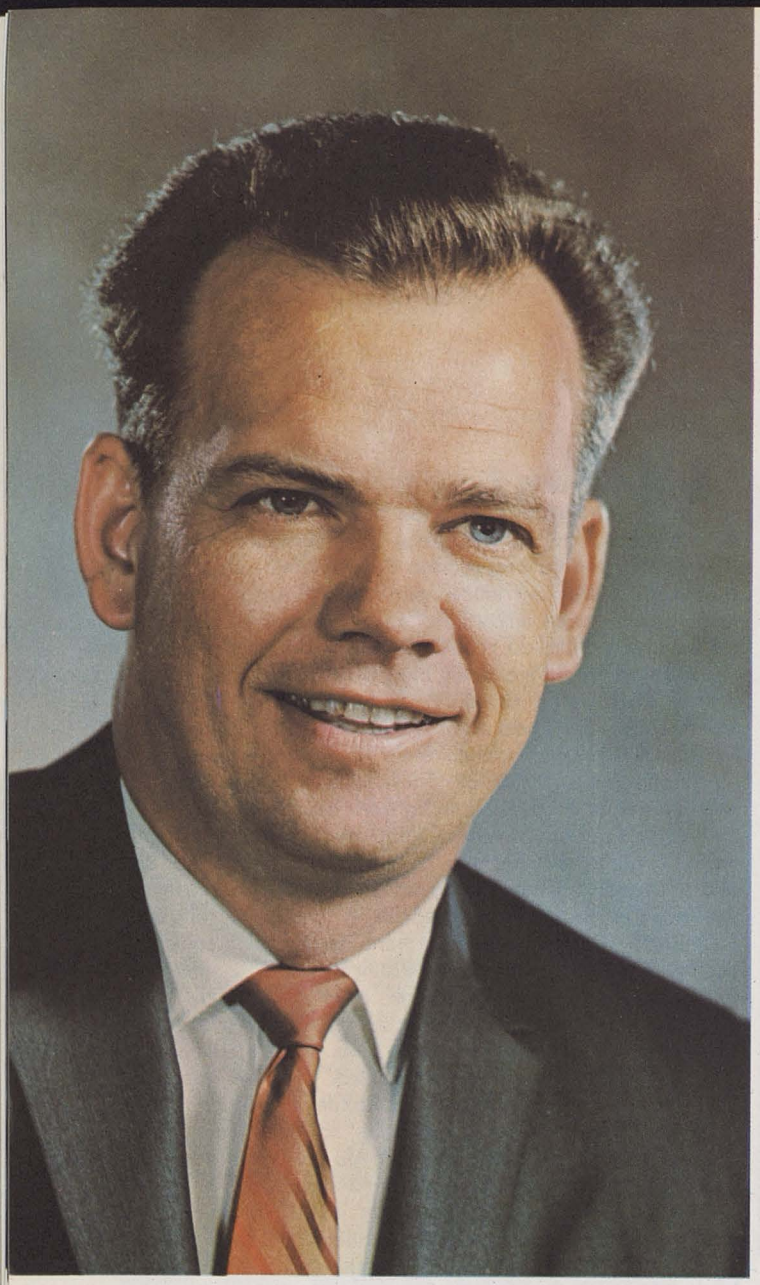
O élder Tuttle nasceu a 2 de março de 1919, em Manti, Utah. Seus pais eram Albert Mervin Tuttle e Clarice Montez Beal. Logo ganhou fama de bom orador e tanto no ginásio como no Colégio Snow, obteve os melhores papéis em peças e operetas e foi líder estudantil.

A sua estreita amizade com seu professor de seminário, quando se transferiu para a Universidade de Brigham Young, após fazer missão nos Estados Setentrionais dos EUA, o decidiu a dedicar-se à educação religiosa. Seu último ano de escola foi marcado por dois fatos importantes: recebeu prêmio de distinção em educação religiosa e desposou Marne Whitaker, a 26 de junho de 1943. São pais de sete filhos. Logo após o casamento entrou para a marinha e serviu durante dois anos e meio como oficial da linha de frente no Pacífico. Foi êle quem retornou ao navio para apanhar a bandeira americana que seria hasteada no Monte Suribachi, em Iwo Jima. Êsse hasteamento da bandeira tem servido de tema para inscrições, esculturas, quadros e mesmo filmes.

Regressando ao lar, principiou a dar aulas no programa de seminários da Igreja, servindo em comunidades de Utah e Idaho, enquanto se empenhava em obter o bacharelado em pedagogia, freqüentando cursos de verão na Universidade de Stanford. Após trabalhar como diretor do Instituto de Religião em Reno, Nevada, foi escolhido, em 1953, para ser supervisor dos seminários e institutos das Escolas da Igreja.

Um colega descreve-o como pessoa dotada de "extraordinária capacidade administrativa e rara habilidade de visualizar uma organização em seu todo." Outro conhecido de longa data disse: "Seu profundo conhecimento e capacidade de reflexão são muito admirados, bem como suas qualidades de amor e dedicação pelos outros."

A 10 de abril de 1958 foi chamado para o Primeiro Conselho dos Setenta. Três anos mais tarde foi designado presidente das missões da América do Sul, onde auxiliou a Igreja a aumentar o número de seus membros de 20.000 para 40.000, em quatro anos. Atualmente suas incumbências dizem respeito a supervisão das missões de língua espanhola da América do Norte. A permanente dedicação que demonstra pela pregação do evangelho tem sido reconhecida pelo Senhor. A. Theodore Tuttle é um grande educador no reino de Deus.



Paul H. Dunn

do Primeiro Conselho dos Setenta

Numa trincheira da ilha de Guam, durante a II Guerra Mundial, um soldado ferido e amedrontado sentiu um desejo avassalador de conhecer a resposta a algumas dúvidas cruciais. A guerra havia ceifado as vidas de muitos companheiros seus e acorriam-lhe contìnuamente êstes pensamentos: Haverá mesmo um Deus? A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é realmente a verdadeira? Em grande ansiedade e temor, o élder Paul H. Dunn orou sincera e humildemente. Depois disso, relata êle: "Minha alma foi envolvida por um dôce espírito e uma sensação de confôrto, uma certeza de que Deus existia e de que a Igreja de Jesus Cristo estava novamente sôbre a terra."

Paul H. Dunn nasceu a 24 de abril de 1924 em Provo, Utah. Seus pais eram Joshua Harold Dunn e Geneva Roberts Dunn. Criou desde cedo amor pelos esportes e era tão hábil em basebol que após jogar com seu time de ginásio em Los Angeles, ofereceram-lhe um contrato com os Cardinals de St. Louis, para ser lançador, e foi chamado para as Ligas Pioneiras da Costa do Pacífico. A guerra interrompeu sua carreira esportiva. Após o conflito, enquanto ainda cumpria contrato como lançador dos Cardinals, quebrou a clavícula. Com poucas possibilidades de recuperação total e preocupando-se muito com o problema de ter de jogar aos domingos, voltou-se para outro campo, o da educação.

Freqüentou o Colégio Chapman e obteve seu grau de bacharel em religião em 1953. No ano seguinte licenciou-se nesse mesmo setor pela Universidade de Califórnia. Nesse meio tempo convertera, batizara e desposara a filha do diretor do Colégio Chapman, Jeanne Cheverton (são pais de três filhas) e iniciara sua carreira no Sistema Educacional da Igreja como professor de seminário em Los Angeles.

Trabalhou como coordenador assistente dos seminários no Sul da Califórnia e mais tarde como diretor do Instituto de Religião da Universidade da Califórnia do Sul. Em 1959 recebeu seu doutorado em pedagogia pela mesma instituição. Servia no cargo de coordenador de todos os institutos de religião da Igreja na Carolina do Sul quando foi chamado para o Primeiro Conselho dos Setenta, a 6 de abril de 1964.

A experiência do presidente Dunn com programas educacionais da Igreja deu-lhe uma grande compreensão das necessidades e anseio de jovens e adultos contemporâneos. Escreveu diversos manuais para uso das auxiliares, baseados em experiências pessoais e no conhecimento que tem da juventude e seus problemas. Essa sua capacidade de percepção e personalidade agradável são elementos valiosos no trabalho que executa atualmente para a Igreja, como presidente internacional da Associação Estudantil SUD.



John H. Vandenberg

Bispo Presidente

No fim do século dezenove um grupo de devotados imigrantes dos Países Baixos, convertidos à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, embarcaram num navio em Roterdam, partindo para o distante Vale do Lago Salgado. A bordo do navio ia um rapaz bem apessoado, Dirk Vandenberg, que em breve se sentiria atraído por Maria Alkema. O romance floresceu e após chegarem a Utah desposaram-se na Casa de Investiduras de Salt Lake. Dessa união advieram seis filhos, entre os quais John Henry, nascido a 18 de dezembro de 1904, que se tornaria o nono Bispo Presidente da Igreja nesta dispensação.

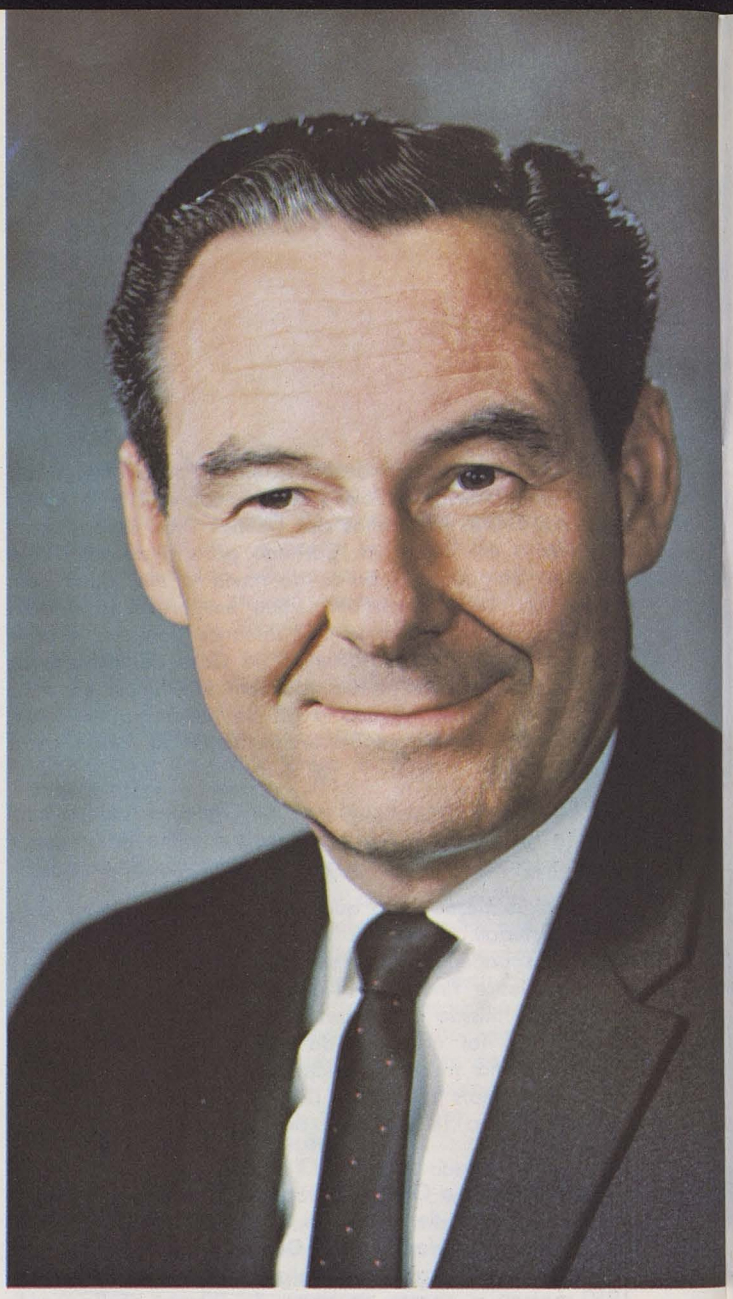
Os Vandenbergs fixaram-se em Ogden e o bispo hoje declara que talvez a coisa que mais o tenha influenciado na vida seja o exemplo de amor e dedicação de seus pais.

Decidiu desde logo que faria carreira no setor contábil. Estudou na Weber Academy e através de cursos por correspondência e em escolas noturnas aperfeiçoou-se em negócios e finanças. No ano de 1925 foi chamado para fazer missão nos Países-Baixos. Lá trabalhou como secretário e foi na Casa da Missão em Roterdam que conheceu uma moça holandesa adorável, Ariena Stok. Ela emigrou mais tarde para Utah e casaram-se no Templo de Salt Lake a 18 de junho de 1930. Têm agora duas filhas.

Retornando a Ogden, o bispo Vandenberg associou-se a uma emprêsa de gado na Ogden Union Stockyards. Em 1940 foi transferido para Denver, onde ampliou seus interêsses para o ramo têxtil e o setor de fazendas. Em 1950 passou a operar no ramo do sistema audio-visual. Tornou-se vice-diretor do Comitê de Construção da Igreja em 1955, dirigindo o Departamento Financeiro.

Durante tôda a vida tem sido inteiramente devotado à causa da Igreja, servindo de bom grado nos cargos que lhe foram confiados — diretor de côro, conselheiro de quorum de élderes, presidente de quorum de setentas, presidente de missão de estaca. Foi primeiro conselheiro da presidência da Estaca Denver, e mais tarde segundo conselheiro da presidência da estaca Ensign, cargo que ocupava quando foi chamado, a 30 de setembro de 1961, para ser Bispo Presidente.

Nessa posição é portador das chaves da presidência do Sacerdócio Aarônico. Perguntaram-lhe que mensagem gostaria de enviar aos rapazes de hoje e êle replicou: "Sejam unidos a seus pais e sigam seus conselhos." O bispo John Vandenberg sabe do que fala, pois uma das mais fortes motivações de sua própria vida tem sido seguir os sábios conselhos e exemplos de seus pais imigrantes através dos anos.



Robert L. Simpson

Primeiro Conselheiro do Bispado Presidente

O bispo Robert L. Simpson possui um sorriso contagiante, que parece dizer: "Sei de algo que pode torná-lo melhor, e estou apenas a espera de uma oportunidade para revelar o que é."

Nasceu a 8 de agôsto de 1915 em Salt Lake City, no lar de Heber C. Simpson e Lille C. Leafham Simpson. A família mudou-se para o sul da Califórnia quando êle contava cinco anos. Após formar-se pelo Santa Mônica City College, foi chamado para fazer missão na Nova Zelândia. Ao ser designado, a 14 de abril de 1937, foi abençoado "com compreensão do povo entre o qual haveria de trabalhar."

No segundo mês de missão sonhou que havia retornado a casa e encontrado sua família e o povo da ala todo falando a língua maori, de forma que não conseguia compreender uma só palavra do que diziam. Ao despertar, teve dois pensamentos: o primeiro de que precisava se esforçar mais para aprender o idioma e o segundo de que êsse conhecimento lhe seria de valor mesmo depois de terminada a missão. Esforçou-se muito nesse sentido e dentro de algum tempo a promessa de sua bênção se cumpria.

Quando a II Guerra Mundial principiou, o bispo Simpson foi chamado para a fôrça aérea. Sabendo que poderia seguir para a linha de frente, esperou ser enviado para os Mares do Sul, onde pudesse trabalhar novamente com os maori. Em vez disso, sua unidade foi enviada ao Egito. Entretanto, dentro de 48 horas êle descobria que numa base das adjacências havia um batalhão inteiro de maoris da Nova Zelândia. Muitos ilhéus estavam com saudade de casa e apreciaram receber conselhos dêle em sua própria língua, nas horas de lazer.

A 24 de junho de 1942 desposou no Templo de Arizona Jelaire Kathryn Chandler, natural de Ogden, que como êle havia também sido criada no sul da Califórnia. Têm dois filhos e uma filha.

O bispo Simpson serviu como membro do sumo conselho da Estaca Inglewood, na Califórnia e mais tarde como conselheiro do bispado de sua ala, presidente de missão de estaca e superintendente de AMM de estaca. Trabalhou durante 20 anos para a Pacific Telephone Company.

Muitos ex-missionários têm o desejo de voltar com sua família ao lugar onde trabalharam. Robert Simpson realizou êsse sonho, pois foi designado presidente da Missão da Nova Zelândia a 28 de julho de 1958. Enquanto lá trabalhava, um templo e um colégio foram dedicados e duas estacas foram organizadas dentro dos limites de sua missão.

Na conferência geral de outubro de 1961 foi chamado para ser primeiro conselheiro do Bispado Presidente. Nesse cargo está encarregado dos negócios temporais da Igreja; trabalha com a juventude e com pessoas — com tôdas as pessoas da Igreja.



Victor L. Brown

Segundo Conselheiro do Bispado Presidente

Quando contava nove anos de idade, Victor L. Brown foi levado com seu irmão ao Templo de Alberta para ser selado a seus pais. "Eu ainda me recordo, como se fôsse ontem, do significado daquela ordenança. Foi a experiência que me trouxe maior paz na vida," diz êle. "No dia marcado fiquei doente, com febre alta. Meus pais pensaram até em adiar o compromisso, mas eu insisti com êles para que não o retardassem um dia que fôsse. Como criança, queria ter a certeza de continuar com meus pais por todo o tempo e tôda a eternidade."

Esta ocorrência criou uma norma de dedicação e amor pela Igreja na vida do bispo Victor L. Brown, que é hoje segundo conselheiro do Bispado Presidente. Nasceu a 31 de julho de 1914, em Cardston, Alberta, no Canadá. É filho de Gerald S. Brown e Maggie Lee Brown e sobrinho do presidente Hugh B. Brown. Quando tinha 16 anos de idade a família mudou-se para Salt Lake City e êle freqüentou a South High School, a Universidade de Utah e a Escola de Administração SUD. Estudou também na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Em novembro de 1936 desposou Lois Kjar e têm cinco filhos.

A obra do bispo Brown na Igreja tem progredido consistentemente. Seus serviços incluem cargos executivos em quoruns do sacerdócio e auxiliares; foi bispo da Ala Denver 4 e conselheiro da presidência da Estaca Denver, onde o outro conselheiro era a mesma pessoa com quem mais tarde haveria de servir no Bispado Presidente — o bispo John H. Vandenberg.

Em 1940 principiou a trabalhar para a United Air Lines e nos 21 anos seguintes ocupou cargos de supervisão e diretoria em Washington, DF, Denver e Chicago. Era assistente do diretor de reservas em Chicago quando, em setembro de 1961, recebeu um chamado telefônico que o convocava para uma entrevista com o presidente McKay em Salt Lake City, na manhã seguinte.

No escritório particular do presidente MacKay, recorda-se êle, os olhos do profeta penetraram profundamente nos seus e lhe foi pedido que aceitasse o cargo de conselheiro do Bispado Presidente. "Naquela hora, êste pensamento atravessou-me a mente: "Apenas um ser superior poderia estar-me pedindo para servir e êsse ser é o próprio Salvador."

O bispo Brown foi apoiado em seu nôvo cargo a 30 de setembro de 1961 e designado a 6 de outubro do mesmo ano. Suas novas atribuições incluíam a criação de um departamento de tradução, publicação e circulação para a Igreja, abrangendo mais de uma dúzia de idiomas e beneficiando a maioria das áreas missionárias do mundo.



Quinquagésimo Aniversário dos Escritórios da Igreja

A Sede da Administração da Igreja, em Salt Lake City, é considerada um dos mais belos edifícios de escritórios do mundo. Porém é muito mais do que isso. É lá que as autoridades da Igreja mantêm seus escritórios e tomam decisões importantes que afetam tôda a congregação. É para lá que muitos presidentes de estacas e bispos se dirigem a fim de solicitar conselhos, assim como alguns membros que são instruídos a procurar ali orientação superior. É a êsse prédio que os missionários recém-chamados acorrem com juvenil ansiedade, a procura do departamento missionário do quarto andar. Nesse edifício o presidente David O. McKay saudou muitos líderes de seu país e do mundo.

Sua pedra fundamental foi lançada em 1914 e em 1917 inaugurava-se a estrutura, durante a administração de Joseph F. Smith, sexto presidente da Igreja. Êle também manteve seus escritórios ali até falecer, em novembro de 1918.

Construído em terreno que pertencera ao presidente Brigham Young, o prédio fica diretamente a oeste das duas casas do líder pioneiro, a Beehive House e a Lion House. Suas fachadas são de granito, trazido de um sítio localizado 30 km ao sul, o mesmo de onde proveio o granito do Templo de Salt Lake. O estilo arquitetônico agradável e belo da estrutura é o jônico. Vinte e quatro colunas formam um peristilo ao redor do edifício, com pesadas massas de alvenaria em cada canto. As colunas são encimadas por grandes blocos com belas esculturas.

O prédio é retangular e tem cinco andares além do subsolo, medindo 30,50 m de frente e 50 m de fundo, com altura de 24 m acima do solo. Um total de 4.517 pedras de granito constituem a estrutura. A maior, que serve de pedra angular, localiza-se no canto sudoeste e pesa 8 t. O pêso total das pedras empregadas é de 6.205 t.

Na entrada principal ao sul do edifício existem enormes grades de bronze, que deslizam para dentro da parede quando o prédio está aberto. Além dessas grades há um par de sólidas portas de bronze com painéis de vidro, que se apóiam sôbre batentes também de bronze. Elas se abrem para um espaçoso vestíbulo com piso de mármore branco e paredes de mármore dourado, de Utah.

Ao norte do vestíbulo fica o salão principal de recepção, que também tem piso de mármore dourado.

Na direção norte fica a sala da Primeira Presidência, com belos acabamentos em nogueira e mármore, exibindo na parede leste uma lareira com cornija de travertino branco.

No lado oeste do primeiro pavimento, fica a sala das Autoridades Gerais para debate de questões da Igreja. Êsse salão, com tamanho semelhante ao da sala da Primeira Presidência, caracteriza-se por possuir uma enorme lareira com cornija de travertino de Utah e núcleo de mármore, reminiscência do tempo em que o edifício era nôvo e muitas vêzes se fazia necessário acender o fogo.

O escritório particular do presidente David O. McKay fica na ala nordeste do primeiro pavimento. Nesse escritório os presidentes Joseph F. Smith, Heber J. Grant e George Albert Smith, cada um por seu turno, também tomaram as deliberações necessárias ao trabalho de direção da Igreja e do reino de Deus sôbre a terra.

Do vestíbulo de entrada do primeiro andar sobem escadarias curvas que levam aos escritórios dos membros do Conselho dos Doze, do Patriarca da Igreja, dos Assistentes do Conselho dos Doze, do Primeiro Conselho dos Setenta, do Bispado Presidente, do Historiador da Igreja e outros.

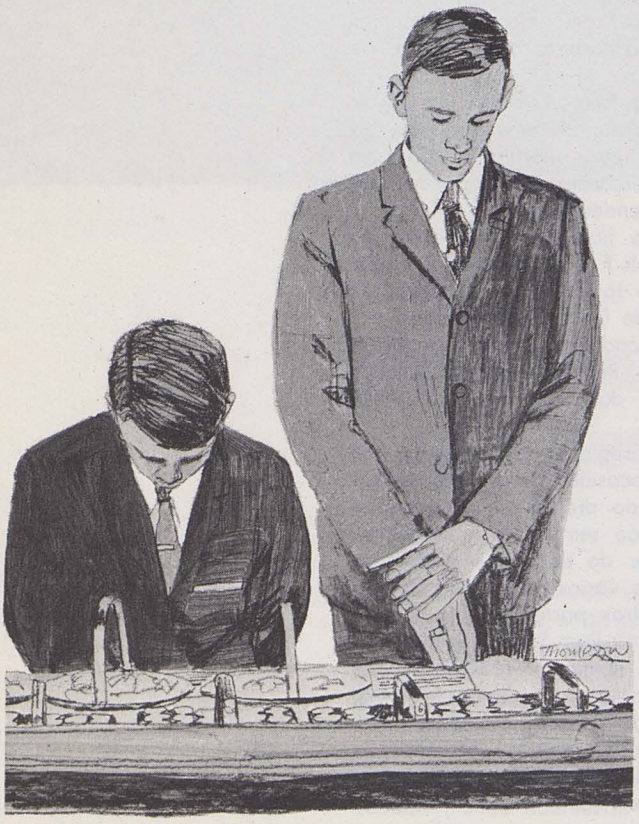
Nas épocas de conferências gerais o edifício fica repleto de membros que aproveitam a oportunidade para conhecê-lo. Em outras ocasiões há sempre grupos de estudantes de seminários e outras pessoas em visita ao prédio ou pesquisando nos registros históricos ali mantidos. Os turistas, que são sempre bem recebidos, ganham um panfleto explicando que a beleza do interior do edifício é devida ao emprêgo de mármore e ônix de Utah e madeiras raras de várias partes dos Estados Unidos, Honduras, Cáucaso (no sudeste da Rússia) e outras partes.

O enderêço da Sede da Administração da Igreja — 47 East South Temple, Salt Lake City, Utah — já adquiriu grande significado para os membros. Para o missionário que espera seu chamado, receber um envelope com êsse remetente é motivo de alegria e seu conteúdo é lido e relido até ser conhecido de cor. Depois é guardado entre as recordações mais caras. Terceiras e mesmo quartas gerações de membros da Igreja já estão recebendo instruções advindas dêsse belo edifício de granito, que inicia agora seu segundo meio século de serviço.

Bispado Presidente

Bispo John H. Vandenberg

O Bispado Presidente Fala Sôbre o Sacramento



Gostaria que rememorassem comigo aquela primeira reunião sacramental presidida pelo Mestre. Antes dessa reunião o Salvador sabia que faltavam poucas horas para seu grande sofrimento e sacrifício. Assim sendo, chamou a si os homens que haviam estado com Êle durante os três anos de seu ministério — aquêles a quem tanto amava. Desejou partilhar com êles êsses últimos momentos de paz, apesar de saber que um dêles já o havia vendido e de conhecer o que aconteceria com os outros, como Êle mesmo declarou: "esta noite vos escandalizareis em mim." (Mat. 26:31.)

O que Jesus estava para realizar aquela noite, nas horas seguintes, escapava à imediata compreensão dos discípulos. No entanto, o Mestre sabia quão tremendamente seu sacrifício os afetaria e a todos os que haviam vivido ou viveriam sôbre a terra. Assim sendo, para fazer com que os apóstolos e tôdas as pessoas de sua Igreja refletissem sèriamente e de forma regular sôbre os eventos que em breve sucederiam, o Salvador instituiu o sacramento. Tratava-se de uma ordenança muito sagrada, tão sagrada que foi iniciada pelo próprio Mestre. A primeira reunião sacramental foi preparada e abençoada pelo Salvador.

Mateus registra êste fato com as palavras: "...Jesus tomou o pão e, abençoando-o, o partiu e o deu aos discípulos e disse: Tomai, comei, isto é o meu corpo.

"E tomando o cálice e dando graças deu-lho, dizendo: Bebei dêle todos;

"Porque isto é o meu sangue, o sangue do Nôvo Testamento, que é derramado por muitos, para remissão dos pecados." (Mat. 26:26-28.)

Hoje, após a restauração desta ordenança, o Salvador autorizou os portadores do sacerdócio a agir em seu lugar, abençoando êsses emblemas sacramentais. Nesta dispensação os jovens realizam a mesma função que o Salvador, com relação ao sacramento; é uma responsabilidade e um encargo sagrado.

Vocês, rapazes responsáveis por sua execução, administram, preparam e distribuem o sacramento com o pensamento de que estão realizando literalmente a mesma função que o Salvador? Êste pensamento os leva, diáconos, a manter-se reverentes durante a reunião sacramental, a passar o sacramento com dignidade e respeito? Com

Ao oficiar o Sacramento, os jovens do Sacerdócio realizam a mesma função realizada pelo Salvador. Está é uma responsabilidade e um encargo sagrado.

êste pensamento em mente vocês, mestres, estão mais cônscios de que devem ser diligentes ao preparar o sacramento bem antes do início da reunião? E vocês, sacerdotes, sentem a importância de invocar o Pai em oração solene, enquanto administram êsses emblemas sagrados a todos da assembléia?

A responsabilidade para com o sacramento não está limitada à mesa sacramental ou à capela — ela abrange todos os momentos de nossa vida. Não basta uma pessoa ser digna de partilhar do sacramento, mas os portadores do sacerdócio precisam também ser dignos de participar dessa ordenança santa. O presidente McKay referiu-se a isto ao dirigir-se ao corpo do sacerdócio na conferência geral. Com respeito ao sacramento, disse êle: "Insto firmemente com vocês para que esta ordenança sagrada seja cercada da maior reverência e perfeita ordem; que cada um que vem à Casa do Senhor possa meditar e silenciosa e fervorosamente expressar sua gratidão pela bondade de Deus. Cabe aos bispos fazer com que o sacramento seja administrado apenas por rapazes dignos de participar desta ordenança e que isso seja feito de forma reverente, com plena compreensão de seu significado, tanto por parte dêles como da audiência."

Dessas palavras de nosso profeta deduz-se claramente que o Senhor circunscreve o direito de passar o sacramento e o considera um privilégio sagrado. Todo o jovem portador do sacerdócio tem responsabilidade de viver de forma a ser digno de participar dessa ordenança. Os bispos dependem da presidência do quorum do Sacerdócio Aarônico para assegurar-se de que êsses jovens se mantém dignos com o transcorrer das semanas.

O sacramento é uma ordenança extraordinária e sagrada — não significa apenas administrar ou distribuir o pão e a água. Trata-se de uma função do sacerdócio e como tal traz consigo grave responsabilidade. O Velho Testamento fala-nos de um homem chamado Uza, que caiu morto por ter sido descuidado no executar suas instruções com respeito às coisas sagradas contidas na Arca da Aliança. É ofensa igualmente grave que um portador do sacerdócio, hoje, deixe de reconhecer a natureza sagrada do sacramento do qual está participando. Para melhor compreender a santidade da ordenança, examinemos mais de perto seu significado.

Pouco após ter introduzido o sacramento, na reunião que já se mencionou, Jesus foi para um pequeno bosque chamado Getsemane e lá teve início o maior dos sacrifícios, feito em seu e em meu benefício. Com o que se passou nesse jardim, na cruz e mais tarde ao se erguer da tumba, o Salvador trouxe a ressurreição para tôda a humanidade, e a libertação da morte espiritual decorrente de nossos pecados para os que se arrependerem e aceitarem o batismo.

É difícil perceber a amplitude de tudo o que Êle fêz. Mas sem seu grande sacrifício a vida não teria esperança nem propósito. Para melhor compreender o sofrimento e o sacrifício do Salvador, leiamos suas próprias palavras: "Pois eis que Eu, Deus, sofri estas coisas por todos para que, arrependendo-se, não precisássemos sofrer.

"Mas, senão se arrependessem, deveriam sofrer assim como Eu sofri:

"Sofrimento que me fêz, mesmo sendo Deus, o mais grandioso de todos, tremer de dor e sangrar por todos os poros, sofrer tanto corporal como espiritualmente — desejar recuar e não ter de beber a amarga taça.

"Todavia, glória seja ao Pai, porquanto Eu tomei da taça e terminei as preparações que fizera para os filhos dos homens." (D. & C. 19:16-19.)

Quando partilhamos do sacramento, é principalmente esta grande contribuição do Salvador a nossas vidas que devemos ter em mente.

Através do sacramento, os membros da Igreja se recomendam novamente a Deus e reajustam suas vidas. O presidente McKay disse as seguintes palavras a respeito dêsse assunto: "Que fôrça haveria nesta Igreja se no próximo domingo todos os membros que partilham do sacramento sentissem o significado do convênio feito naquela ordenança; se todos estivessem dispostos a tomar sôbre si o nome do Filho, para ser um verdadeiro cristão, orgulhoso disto e lembrá-lo sempre, em seu lar, no trabalho, na sociedade — lembrar-se sempre dêle e guardar os mandamentos que lhes deu. Quão abrangente seria a bênção e quão significativo o convênio feito nesse dia do Senhor!"

Jovens do Sacerdócio Aarônico — que estão encarregados do sacramento — estudem para conhecer seu significado, sua santidade e as sagradas responsabilidades que advêm dêste privilégio verdadeiramente grande.

ESCOLA DOMINICAL



"...Mesmo pelo Estudo..."



D. Chris Poulos

Um notável psicólogo britânico disse certa vez que no mundo civilizado a maioria das pessoas continua aprendendo alguma coisa durante todo o tempo de sua vida. Creio que de um modo geral isto é verdade. Por outro lado, é evidente que bem poucos procuram se empenhar em estudo formal e sistemático dentro de qualquer campo — inclusive religião.

Como é animador saber que algumas pessoas resolvem **esforçar-se** por aprender. Certa mae de família, em Phoenix, criou todos os filhos e depois voltou aos bancos escolares para tirar diploma de professôra. Uma ginasiana da Califórnia empenhou-se muito mais nos estudos para tirar 10 com louvor, apesar de suas notas serem sempre nove e dez. Um vendedor de Oregon matriculou-se numa escola para melhorar sua posição profissional. E um pai, na Califórnia, sentou-se nas últimas fileiras da classe, durante as aulas de um seminário do evangelho freqüentado por sua filha, a fim de aprender mais. Em Utah, um metalúrgico afimou: "Apesar de já estar com 45 anos, tenho certeza de que ainda sou capaz de obter o que sempre sonhei — um diploma de curso superior. Não importa quanto tempo leve, hei de conseguí-lo; e vou matricular-me ainda êste ano." Por razões diferentes, tôdas essas pessoas foram motivadas a aperfeiçoar sua instrução e o sucesso que obtiverem será diretamente proporcional à eficiência de seus hábitos de estudo.

Que é estudo?

Qual é a característica do estudo que o diferencia das outras atividades? A definição de **estudo** no dicionário inclui as seguintes afirmações:

1. Ato de empregar a mente para adquirir conhecimento. 2. Investigar de perto. 3. Meditar atentamente. 4. Estar inteligentemente empenhado. 5. Aquisição de conhecimento pelo próprio esfôrço.

Parece-me que a diferença fundamental entre o estudo e as outras atividades (leitura, por exemplo) está no grau de aplicação empenhada. John A. Widtsoe pregou a necessidade de esfôrço intenso pelo contínuo aprendizado, no terreno da religião e em campos seculares:

"...A compreensão da verdade religiosa requer estudo. O evangelho de Jesus Cristo engloba todo o conhecimento. É a filósofia que explica a totalidade da relação do homem com o universo. Êle convida à reflexão mais porfunda e ao escrutínio mais severo. Em religião, assim como na ciência, quanto mais se estuda um assunto, mais perfeito se torna nosso conhecimento dêle...

"...no avanço para a conquista da verdade, cada um deve caminhar com seus próprios pés. Por isso se requer de todos nós o estudo dos princípios da verdade."

"A incompreensão de um assunto por falta de estudo cuidadoso levou muitas pessoas ao desastre, especialmente no terreno espiritual. Homens que se empenham durante anos a se aperfeiçoar num ramo da ciência e pouco se dedicam ao estudo sistemático da religião tornam-se completamente indiferentes ao fato de que a perseverança é igualmente necessária em ambos os campos. A religião também requer estudo dedicado, para ser compreendida. Uma boa pergunta para se fazer ao incrédulo declarado é a de quanto tempo dedicou ao estudo sério do assunto.

Em breve resumo:

1. O estudo envolve esfôrço aplicado — trabalho árduo.

2. O estudo de qualquer coisa é sempre, numa certa medida, auto-orientado.

Por que estudar?

Existem muitas razões pelas quais a pessoa precisa querer estudar. Algumas delas são: "o aprendizado por amor ao saber", maior segurança econômica, desejo de alcançar a vida eterna, de se tornar melhor professor etc.

O profeta Joseph Smith recebeu duas revelações que colocam em evidência a importância do estudo:

"E como nem todos têm fé, buscai diligentemente e ensinai-vos uns aos outros palavras de sabedoria; sim, nos melhores livros procurai palavras de sabedoria; procurai conhecimento, sim, pelo estudo e também pela fé. (Doutrina e Convênios 88:118.)

"E poreis em ordem os ramos da Igreja, e estudareis, aprendereis, e vos familiarizareis com todos os bons livros, com linguagens, línguas e povos (Doutrina e Convênios 90:15.)

É evidente que **todos** nós devemos buscar ativamente sabedoria, **pelo estudo!**

Como estudar

Na verdade, "como estudar" é um assunto tão extenso e complexo quanto "como ser bom". Nem um nem outro pode ser ensinado de maneira rápida e simples. O estudo é uma forma de comportamento, não uma lista de regras. De certa forma, todos os que sabem ler e escrever aprenderam algo sôbre a forma de estudar, já que êsses são instrumentos necessários de comunicação que se relacionam diretamente com o estudo. Apesar disso, o estudo é uma habilidade que pode ser desenvolvida e muitas pesquisas comprovam que se pode obter grande progresso através da aplicação de métodos especiais.

Entre os pré-requisitos importantes para um estudo proveitoso temos: programa regular de estudo, local sossegado para se concentrar e motivação para trabalhar de forma aplicada em alguma matéria. A pergunta seguinte é como aproveitar ao máximo o tempo disponível. Existem, naturalmente, muitas formas de se abordar um plano de estudo, mas certas regras gerais precisam ser melhor aplicadas por todos nós. O Dr. Francis P. Robinson, da Universidade Estadual de Ohio, idealizou um método baseado em pesquisa, ao qual denominou "Survey Q 3 R". Esta fórmula representa as palavras Pesquise, Pergunte, Leia, Repita e Reveja em inglês.

Alguns pontos defendidos pelo Dr. Robinson podem ser adaptados ao estudo para desenvolvimento próprio, ensino na Escola Dominical, aperfeiçoamento profissional, assim como ao aprendizado formal em curso colegial ou universidade. A maioria das suas recomendações diz respeito ao estudo de livros, mas pode ser adaptado ao estudo de manuais, apostilas, panfletos, artigos etc.

I. **Pesquise**

A. Exame geral:

1. Leia o prefácio e a introdução de um livro, para determinar o propósito do autor. Mais tarde, no transcorrer da leitura, poderá verificar com objetividade se êle está-se expressando de forma adequada e atingindo o objetivo proposto.

2. Leia o índice — êle é o "mapa rodoviário" do livro. A resposta que deseja talvez possa ser encontrada logo nos primeiros capítulos. Depois você pode passar a outras fontes.

3. Passe uma vista d'olhos pelo livro para determinar o número de páginas e fotos, tamanho de impressão, presença de gráficos e mapas etc. Isto varia grandemente de um livro para outro. Se tiver conhecimento dessas coisas, poderá orientar seu tempo de estudo para as fontes que lhe fornecerão o auxílio de que necessita.

Desenvolva um espírito de pesquisa e procure obter mais informação do que lhe foi sugerida ou designada. Disponha-se a "caminhar a segunda milha", em seu programa de estudo, bem como em outras atitudes importantes.

B. Exame mais detido:

1. Examine os títulos dos capítulos, para ter uma idéia imediata de como aquêle texto será apresentado.
2. Leia o parágrafo final de resumo (se houver) antes de iniciar o capítulo. Isto o ajudará a obter um quadro geral dos conceitos apresentados no capítulo.

II. **Pergunte**

A. Transforme cada título numa pergunta.

B. Leia depois o material procurando responder aquela pergunta **no transcorrer da leitura.** Se você não permanecer formulando e respondendo peguntas enquanto lê, provàvelmente não se estará concentrando de forma adequada.

C. Se a questão não ficar inteiramente esclarecida, faça uma anotação, seja no livro, seja numa fôlha separada. Estude com um lapis a mão. Quando algo não ficar bem claro na primeira leitura, procure esclarecimento mais tarde, em outra fonte ou interrogando uma autoridade no assunto.

D. Use o dicionário, enciclopédia e outros materiais de referência. Atualmente existem livros para auxiliar a ampliar o vocabulário, aperfeiçoar a leitura, gramática, ortografia e outros instrumentos básicos de estudo. Ao aperfeiçoar êsses instrumentos, você amplia sua capacidade de aprender.

III. **Leia**

Òbviamente, se está formulando e respondendo per-

guntas apresentadas em um livro, você tem estado lendo. Deve-se entretanto comentar aqui o motivo das sobreposições que ocorrem no método "Survey Q 3 R". Sem dúvida todos nós aplicamos alguns dos pontos mencionados quando estudamos. Outros são por vêzes ignorados ou esquecidos. Por êsse motivo êles foram separados e enfatizados aqui, a fim de que aprendamos a nos concentrar conscientemente em cada um e assim adquirir uma nova compreensão que nos ajude a estudar com mais eficiência.

Nesta fórmula a chave da leitura é ler **ativamente!**

Fazer com que as simples manchas de tinta sôbre o papel ganhem vida. Isto requer sempre grande concentração. E lembre-se que a maioria das novas informações poderão se tornar muito significativas se relacionadas com outras experiências de seu acervo de conhecimento. É êste processo de associação de novas informações à idéias conhecidas que torna o estudo um processo dinâmico.

IV. **Repita**

Com relação a êste assunto deve-se ter em mente dois conceitos:

A. A repetição tende a alertar a memória. Quanto mais um material é repetido, tanto mais provável é que seja lembrado. Por exemplo, nunca nos esquecemos de nosso nome, simplesmente porque o repetimos com muita freqüência — nós o "super-aprendemos".

B. Fazendo mais de um dos sentidos participar do processo de estudo, ampliamos as possibilidades de aprendizado. Por exemplo, para decorar uma longa lista de nomes, é bom ler (ver) as palavras, escrevê-las no quadro-negro (tocar), enquanto as repetimos em voz alta (ouvir).

Se o material fôr repetido com freqüência, empregando-se os vários sentidos, haverá certamente maior probabilidade de memorização, tanto em têrmos de quantidade como de qualidade. Isto por vêzes se consegue com o estudo em grupo.

V. **Reveja**

"Re-ver", significa olhar novamente. Com muita freqüência procuramos compreender e memorizar ao mesmo tempo. A pesquisa demonstrou que é melhor distribuir o estudo do que aplicar tôdas as técnicas de aprendizado ao mesmo tempo. Em outras palavras, se temos oito horas para devotar a um dado assunto, é melhor dividí-lo em quatro períodos de duas horas, do que usar um período longo de oito horas. Isto significa que para se obter o máximo resultado não se deve "rachar a matéria", seja para uma prova, seja para dar uma aula na Escola Dominical.

Muito se tem escrito a respeito das formas de estudar. Existem artigos, panfletos e livros. Há também cursos formais ministrados em escolas e universidades. Quanto mais aproveitarmos êsses recursos, tanto mais aprenderemos, "estudando", a desenvolver nossa habilidade de estudar.

A GAIVOTA, Janeiro de 1948

A Redação de A LIAHONA está procurando êsse exemplar para os seus arquivos. Se você o possui, escreva-nos, estamos interessados em adquiri-lo.

Jóias Sacramentais de Março

Escola Dominical Sênior

Disse Jesus: "Se alguém quizer fazer a vontade de Deus, pela mesma doutrina conhecerá se ela é Deus, ou se falo de mim mesmo."

João 7:17
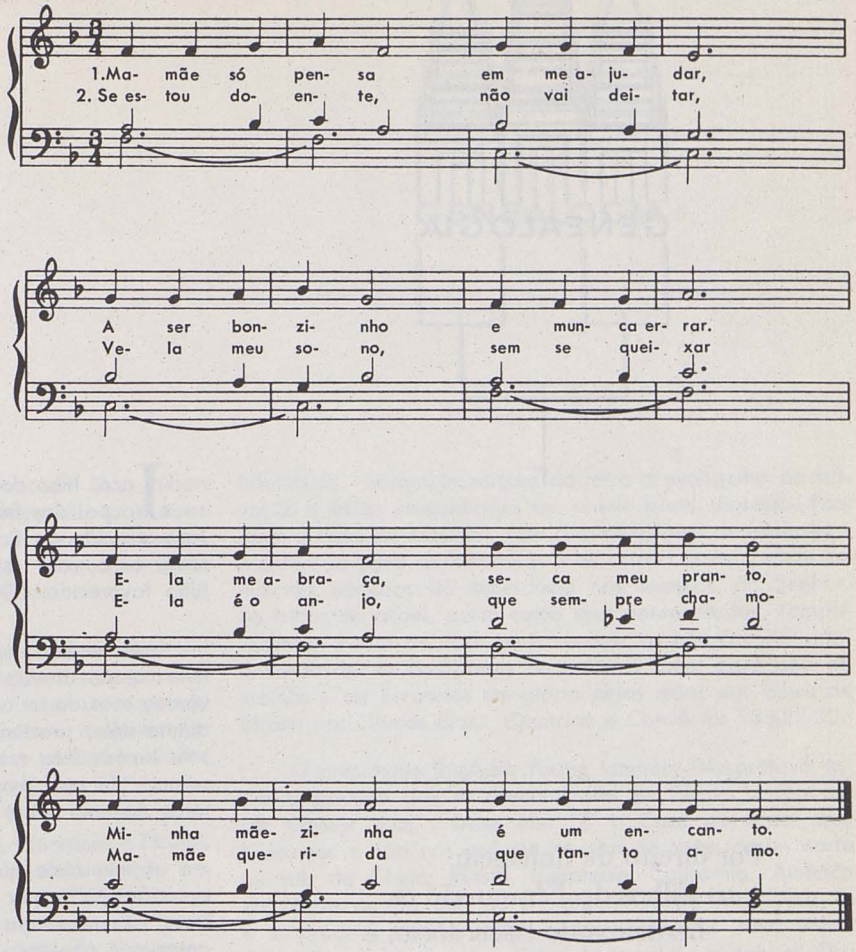
Escola Dominical Júnior

Disse Jesus: "O meu mandamento é êste: Que vos ameis uns aos outros assim como eu vos amei".

João 15:12

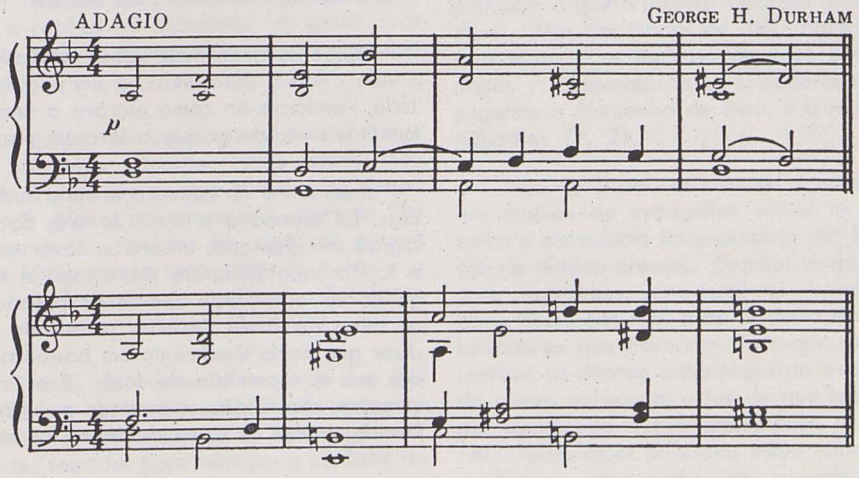
Esta é Minha Mamãe

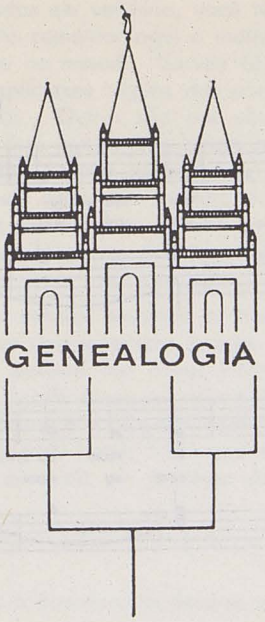
Becky Lee Hill



Esta é a nova cançãozinha para as crianças da Escola Dominical Júnior. Ainda faltam dois mêses para o Dia das Mães, mas os pequenos precisam tempo para aprendê-la, por isso a publicamos com a devida antecedência.

Acompanhamento ao Órgão para as Jóias Sacramentais de Março





Os Filhos do

X. Lição de Genealo

Por direito de linhagem, os Filhos de Efraim são os herdeiros do Sacerdócio, e proclamam o evangelho às nações, empenhando-se em reunir Israel dispersa.

Jacó, filho do convênio de Isaque, filho de Abraão, o pai dos fiéis, teve doze filhos. O penúltimo foi José, nascido de Raquel. Seu pai o amava mais que a todos os outros. Isto fêz com que os irmãos odiassem o filho favorecido. (Gênesis 37:3-4.)

José sonhou certa vez que êle e seus irmãos estavam num campo atando mólhos, quando o seu mólho se levantou e os de todos os seus onze irmãos vieram curvar-se diante dêle, prestando-lhe reverência. Quando contou a seus irmãos êste sonho, êles o odiaram ainda mais e disseram: "Tu pois deveras reinarás sôbre nós? Tu deveras terás domínio sôbre nós?" (Gênesis 37:3-8.)

A inimizade que tinham por José aumentou devido a sua retidão e por ter êle encontrado favor aos olhos de Deus. Como relata a escritura: "E viram-no de longe e, antes que chegasse a êles, conspiraram contra êle para o matarem. E disseram uns aos outros: "Eis lá vem o sonhador-mór. Vinde pois agora, e matemo-lo, e lancemo-lo numa destas covas e diremos: Uma besta fera o comeu: e veremos que será dos seus sonhos." (Gênesis 37:18-20.)

Rúben, o irmão mais velho, persuadiu-os a poupar-lhe a vida. Porém atiraram-no a um poço e, por sugestão de Judá, venderam-no como escravo a uma caravana de ismaelitas mercadores que o levaram para o Egito.

José serviu no cativeiro e mais tarde, devido a perfídias, foi atirado à prisão. Através da bondade de Deus logrou ser libertado, encontrou favor aos olhos de Faraó e foi tornado poderoso sôbre tôda a terra do Egito, segundo em autoridade apenas ao próprio Faraó. Quando os filhos de Israel estavam perecendo de fome, ouviram dizer que havia suprimento em bastança no Egito, recolhidos sob a supervisão de José. E os irmãos vieram e se curvaram diante dêle, cumprindo assim o seu antigo sonho. Devido a José, a Casa de Israel foi salva e preservada

Em Israel, o primogênito de uma família recebia as bênçãos da primogenitura, que eram as melhores. Essas

do Convênio

Genealogia



bênçãos seriam suas sòmente se permanecesse fiel. Rúben era o primogênito de Jacó, mas perdeu direito a suas bênçãos devido à transgressão, de forma que "a primogenitura foi conferida aos filhos de José, filho de Israel", porque havia mostrado maior fidelidade.

Jacó, como pai e patriarca, abençoou seus filhos em idade avançada. Sôbre José e seus descendentes pronunciou as maiores bênçãos, dizendo que teria uma grande posteridade; que preservaria e prosperaria a despeito das vicissitudes; e sua herança se extenderia às extremidades dos outeiros eternos.

Jacó adotou os dois filhos de José, Manassés e Efraim, como seus próprios e conferiu-lhes a mesma porção em Israel, como se tivessem sido realmente seus filhos. (Gênesis 48:5.) E disse a José: "Peço-te, traze-mos aqui para que os abençoe." "E tomou José a ambos, a Efraim na sua mão direita, à esquerda de Israel, e Manassés na sua mão esquerda, à direita de Israel e fê-los chegar a êle." Os olhos de Israel estavam obscurecidos pela velhice e êle mal podia ver. Apesar disso, estendeu a mão direita e colocou-a sôbre a cabeça de Manassés, "dirigindo suas mãos avisadamente, ainda que Manassés era o primogênito." (Gênesis 48:14.)

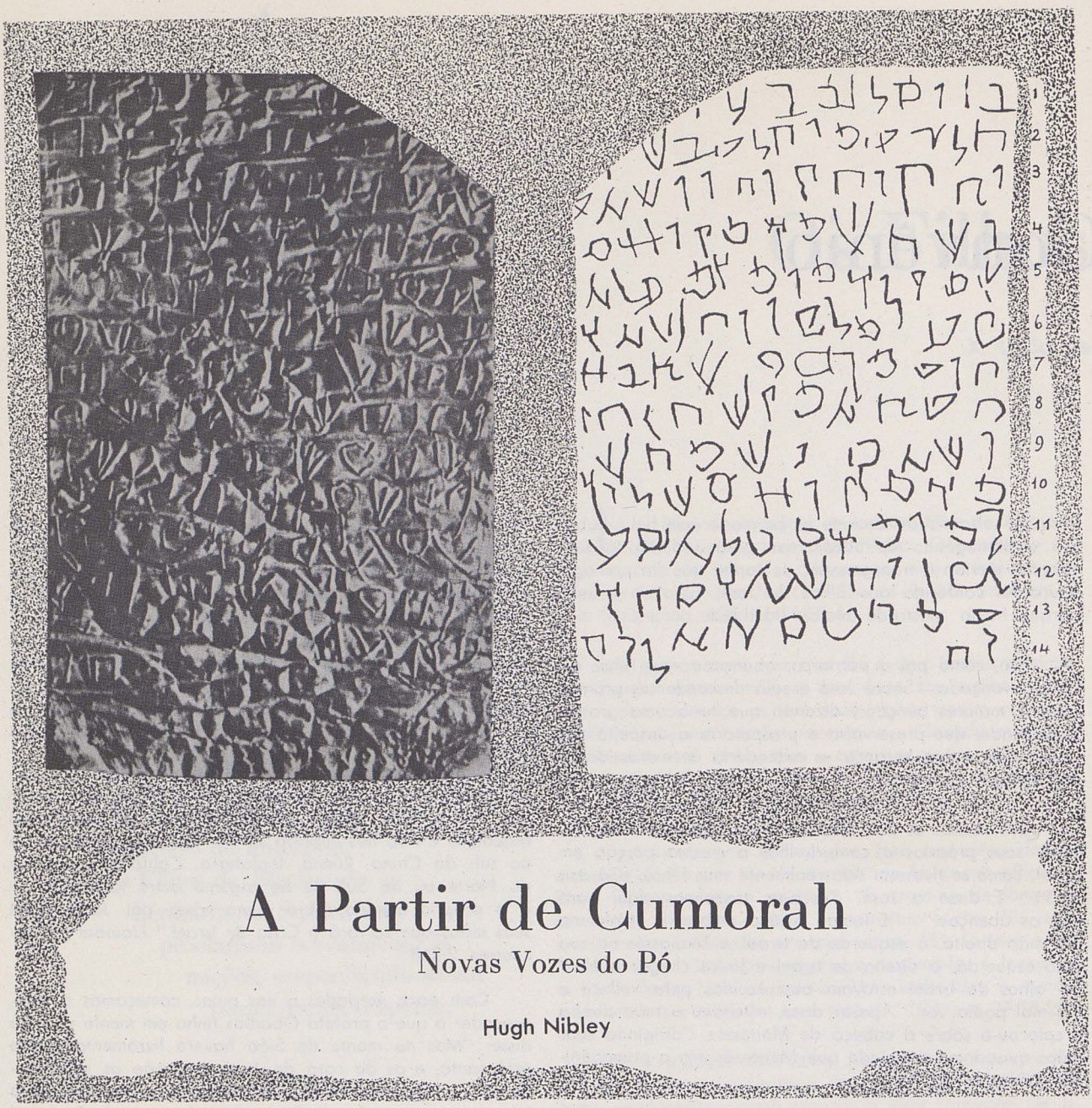
José viu o que julgou ser um engano de seu pai e tentou corrigir-lhe as mãos, dizendo: "Não assim, meu pai, porque êste é o primogênito; põe a tua mão direita sôbre a sua cabeça." Mas o pai recusou-se, dizendo: "Eu o sei, filho meu, eu o sei; também êle será um grande povo; contudo seu irmão menor será maior que êle e a sua semente será uma multidão de nações." E colocou Efraim adiante de Manassés. (Gênesis 48:17-19.)

Os filhos de Efraim, da mesma forma que seu pai José, foram levados em cativeiro e espalhados entre as nações. No entanto, como herdeiros do "primogênito", são os primeiros a ser reunidos para abraçar a verdade do evangelho nos últimos dias. Êles são portadores do sacerdócio de Deus por direito de linhagem e através de sua fidelidade. Levam às nações da terra o evangelho da salvação e estão empenhados em reunir Israel dispersa. Possuem o Livro de Mórmon, com sua mensagem de esperança e salvação para os lamanitas e as chaves para conferir as maiores bênçãos do sacerdócio nos templos do Senhor. As tribos de Israel, assim como seus antepassados, comparecendo diante de José para receber as bênçãos da vida, haverão de vir dos países do norte a Sião, para cair de joelhos e ser coroados em glória pelas mãos dos filhos de Efraim nos últimos dias. (Doutrina e Convênios 133:22-30.)

O presidente Brigham Young também interpretava assim a posição que os descendentes de Efraim ocupariam nos últimos dias. Disse êle: "É a Casa de Israel que buscamos e não nos importa se vêm do leste, oeste, norte ou sul; da China, Rússia, Inglaterra, Califórnia, América do Norte ou do Sul, ou de alguma outra localidade; e é o próprio menino sôbre quem nosso pai Jacó impôs suas mãos que salvará a Casa de Israel." (Journal of Discourses 2:268.)

Com essas verdades a nos guiar, começamos a compreender o que o profeta Obadias tinha em mente quando disse: "Mas no monte de Sião haverá livramento; e êle será santo; e os da casa de Jacó possuirão as suas herdades... E levantar-se-ão salvadores no monte Sião, para julgarem a montanha de Esaú; e o reino será do Senhor." (Obadias 17, 21.)

Nós de Israel, que fomos e estamos sendo reunidos nas malhas do evangelho, somos os filhos de Efraim, a quem o sacerdócio foi prometido por linhagem, sob condição de retidão pessoal. Estamos vindo de tôdas as nações, para tornar-nos salvadores da Israel dos últimos dias, como nosso pai José o foi na terra do Egito. Somos êsses salvadores que haveriam de surgir em Monte Sião, para realizar as divinas ordenanças do evangelho em benefício de nossos ancestrais, a fim de que Israel possa ser redimida, santificada e preparada para a glória prometida ao fiel. Todos êsses princípios estão relacionados com a casa do Senhor e com a obra de redenção de nossos ancestrais mortos.



A Partir de Cumorah

Novas Vozes do Pó

Hugh Nibley

XXII - Nefi e o Livro de Isaias

Notamos muitas vêzes nos últimos anos que a própria tônica da exegese bíblica tem mudado perceptìvelmente desde as descobertas de Qumran e Nag Hammadi.[1] Isto porque o tipo de correspondência que costumávamos receber com relação ao Livro de Mórmon tem-se alterado de forma surpreendente. Pela primeira vez estudiosos e clérigos, tanto neste continente como em outras partes, estão levando o Livro de Mórmon a sério. Não pretendem se deixar convencer por êle, mas o estão lendo. Descobrem falhas na estrutura, certamente, mas agora já conjeturam se não haverá uma explicação para elas como havia para tantas outras partes do livro outrora consideradas impossíveis ou absurdas.

Por exemplo, uma falha clamorosa, durante anos, foram as placas de ouro — até que começaram a surgir placas de ouro, prata e bronze com inscrições, em sítios arqueológicos: as últimas das quais "são três placas de ouro inscritas em etrusco e púnico", encontradas em 1964 próximo a um antigo sítio histórico na Itália. Elas "remontam a aprox. 500 A.C.", e a linguagem e caracteres das inscrições púnicas são muito semelhantes ao fenício, cuja terra de origem jaz às portas da de Lehi.[2] Faz

Frustraram-se os esforços dos eruditos em traduzirem esta placa de ouro da Sicília, supondo que estivesse escrita em pré-grego, durante noventa anos. Em 1964 foi afinal identificada como hebraico. Os peritos haviam insistido em ler o lado errado da placa. O texto correto está reproduzido à direita da foto.

bem pouco tempo que se reconheceu como hebraico as inscrições sôbre a placa de ouro de Comiso, na Sicília; apesar de essa placa ter sido descoberta em 1876, suas inscrições foram sempre consideradas pelos peritos como da linguagem pré-grega nativa denominada "Sikan".[3] São coisas como estas que nos dão o que pensar.

Considerando-se a recente atitude com relação à natureza das antigas escrituras, está-se tornando cada vez mais difícil descobrir objeções verdadeiramente sérias ao Livro de Mórmon e há hoje a tendência de se retomar um ponto de ataque que foi abordado no passado, a assim chamada questão de Isaías. Como a matéria já fôra manipulada por mãos capazes, orientamos nossa atenção em outros sentidos; mas as constantes incitações de não-mórmons, que parecem não desejar apenas atacar o Livro de Mórmon, mas estão verdadeiramente interessados em conhecê-lo, combinadas com alguns estudos recentes muito significativos que dão às coisas um nôvo e surpreendente aspecto, levaram-nos a encetar uma breve análise desta importante matéria.

O Livro de Mórmon explica Isaías. Por volta do século XII um exegeta judeu, Ibn Ezra, declarou que os capítulos de Isaías que vão de 40 a 66 pareciam constituir uma unidade literária, distinta em estilo e conteúdo do restante do livro. Para explicar isto, presumiu-se que esta parte do livro tivesse sido escrita não por Isaías, mas por outra pessoa e em outra época, presumìvelmente uns 200 anos mais tarde.

Desde 1789 êsse hipotético autor tem sido mencionado como Segundo Isaías ou Deutero-Isaías. Mas uma vez geralmente aceita a dupla autoria de Isaías, não havia mais necessidade de se parar em dois autores. Aplicando-se exatamente o mesmo raciocínio que fragmentou o livro original, era possível subdividir-se as duas seções principais em textos separados, cada um por seu turno submetido a processo de fragmentação para produzir séries de composições independentes, tôdas sob o título de Isaías.[4] Primeiramente, os capítulos de 40 a 66 formaram livros separados, os capítulos de 40 a 55 pertencendo a um autor e os de 56 a 66 a outro, devidamente rotulados Trito-Isaías. Por sua semelhança com 2 Reis 18:13 — 20:19, os capítulos 36 a 39 foram reconhecidos como um livro separado.

O primeiro Isaías, abrangendo os capítulos 1-35, tornou-se um aglomerado de provérbios extraídos, de acôrdo com determinada escola, de grande número de coleções menores ou médias e, de acôrdo com outra, agregados como adições de menor significado a uma obra principal. Alguns exegetas concordaram que os capítulos de 1 a 12 e 13 a 23 representavam coleções separadas, apesar de cada um ter sua teoria própria de como, quando, onde e por quem foram elaborados.[5] Não há propósito em nos aprofundarmos na questão. Basta citar como exemplo típico a datação atual do assim chamado Trito-Isaías, que é diversamente colocado no III, IV, V, VI, VII, VIII séculos A.C.[6]

As pesquisas mais recentes do problema tendem para a conclusão de que devido a sua "pré-história muito longa e complicada, nunca será possível atingir-se uma análise completamente satisfatória e inteiramente convincente" do livro original de Isaías.[7]

Porém nossa dúvida não diz respeito à unidade de Isaías, mas à datação de Deutero-Isaías, já que as acusações feitas ao Livro de Mórmon relacionam-se com citar essa obra, que não existiria ao tempo da saída de Lehi de Jerusalém. A datação de Deutero-Isaías baseia-se em três coisas: (1) a menção Ciro (44:28), que viveu 200 anos após Isaías e muito depois de Lehi, (2) as ameaças contra Babilônia (47:1, 48:14), que se tornou opressora de Judá após os dias de Isaías e (3) a linguagem e palco geral do relato, que sugerem um cenário histórico comumente associado com período posterior ao de Isaías.[8]

A datação posterior de Deutero-Isaías é uma dessas coisas tidas como certas por todos durante anos, de forma que hoje seria difícil encontrar-se um estudioso que pudesse realmente explicá-la e impossível descobrir um que conseguisse prová-la. Essa questão pertence eminentemente àquele "grande número de perguntas sôbre a história e pré-história do Velho Testamento, que, como notou há pouco J. A. Soggin, "foram formuladas numa época em que os homens possuíam conceito diferente do estudo histórico e muito menor conhecimento do Oriente antigo" do que se tem hoje.[9] Até há pouco, observa Soggin, a exegese bíblica era dominada pelo "sonho do investigador inteiramente objetivo, ou pelo menos pela crença de que tal ideal fôsse atingível."[10]

Mas ultrapassada a fase dos autoritários absolutos, a interpretação de Isaías tornou-se cada vez mais fluida. Assim, Eissfeldt pode agora afirmar que as referências a Ciro ou a Babilônia não estabelecem necessàriamente datação para os capítulos, ou mesmo para os versículos em que aparecem, sendo as passagens tão típicas de Isaías que os nomes podem bem ser substituições posteriores.[11] Salienta que Isaías sempre pregou a restauração ao lado da destruição de Jerusalém (êle deu a seu primeiro filho o nome de "O Remanescente Restaurado"!), e que a ameaça e a promessa aparecem necessária e inseparàvelmente juntas, de forma que o otimismo de Deutero-Isaías não é sinal de ser de outra autoria.[12] Ressalta ainda que nunca houve concordância entre os estudiosos quanto a quais pensamentos e expressões são "caracterìsticamente de Isaías"[13] e que enquanto um grupo enxerga organização e distribuição cuidadosamente planejadas no arranjo dos escritos, outros não encontram o menor traço disso.[14] Finalmente conclui salientando que há uma semelhança geral muito grande entre todos os capítulos de Isaías e que se não há capítulo que não contenha uma manifestação genuína do profeta, não há também capítulo que não inclua passagens inautênticas."[15]

A dificuldade na datação de qualquer parte de Isaías, como ressalta Eissfeldt, é não têrmos nada de realmente definido em que nos firmar; fixar datas ou lugares baseados em "quaisquer conceitos religiosos ou espirituais é muito inseguro... a única coisa com que contamos são impressões gerais e temos de nos satisfazer, na melhor das hipóteses, com meras possibilidades."[16]

No passado, os estudiosos depositavam grande confiança em sua habilidade de determinar origens de documentos baseados em evidências de linguagem e clima geral do texto. Exemplo clássico disso seria a apaixonada manifestação de Isaías contra as nações iníqüas —

(Continua na página 57)

História da Igreja no Brasil

A Estaca São Paulo

Sílvio G. Vazzoler
do Sumo Conselho da Estaca

A história da Estaca São Paulo, assim como a da Missão Brasileira do Sul, necessàriamente, por via de serem ramos que se desmembraram da Missão Brasileira, começa na história dessa Missão.

Por volta de 1950, a semente que na Missão Brasileira floresceria como Estaca São Paulo funcionava no primeiro andar da Rua do Seminário, 165, na Capital paulista.

Antes de vir a ser aí instalada, andou peregrinando pela Praça da Sé e pela Praça da República, sem muito êxito, até vir a estabilizar-se naquele local, firmando assim o marco inicial da expansão e do prestígio da Igreja em São Paulo.

O Ramo São Paulo era então conhecido, como o é até hoje, apesar de extinto há vários anos, como Ramo do Centro. Os irmãos antigos de São Paulo, sempre que a ocasião se apresenta oportuna, enfàticamente a êle se referem, dizendo: "Eu fui do Ramo do Centro...!" E é realmente um grande privilégio êsse. O Ramo do Centro foi a grande forja onde foram temperados líderes versáteis a quem caberia a futura responsabilidade de liderança da Estaca.

Mas não foi apenas do Ramo do Centro que vieram os líderes, muitos outros ramos da Missão Brasileira foram os celeiros que proveram êste indispensável material humano, e foram, êles mesmos, sementes de alas. Como história típica, pode-se contar como surgiu o Ramo de Vila Mariana, hoje Ala I. Êsse ramo nasceu na residência do Irmãos Leonel Abacherli, lá pelos idos de 1956. Nessa época apenas as reuniões sacerdotais e a Escola Dominical eram ali realizados, as reuniões sacramentais eram assistidas no Ramo do Centro.

O Irmão Abacherli ainda recorda com justificado entusiasmo: "Quantos investigadores vinham à minha casa para assistirem às reuniões..." Entre êstes alguns viriam a ser destacados líderes na Igreja mais tarde: Hélio da Rocha Camargo, atual bispo da Ala II, Walter Guedes de Queiróz, Floriano Peixoto da Costa e tantos outros, que ainda não esquecem a hospitalidade da Irmã Durvalda Abacherli.

Em novembro de 1959, a Igreja havia progredido o suficiente em São Paulo para justificar a primeira organização de distrito, presidido por membros locais. Foram chamados para dirigir o Distrito São Paulo os irmãos José Lombardi, Presidente, (atual Bispo da Ala V) Leonel Abacherli e Hélio da Rocha Camargo, Conselheiros. Êsse distrito abrangia nove ramos, com cêrca de 1.200 membros, sendo que três dos ramos estavam situados em Campinas, Santos e Sorocaba.

O Presidente Walter Spät, e seus conselheiros: Benjamim Octávio de Almeida e Wilson Sanches Netto (atual Bispo da Ala III), a 12 de janeiro de 1964 sucederam a anterior Presidência do Distrito São Paulo. A evolução dêste distrito foi rápida e satisfatória a ponto de já em maio de 1965 ter que ser desmembrado em dois novos distritos: Distrito Bandeirantes e Distrito Piratininga. O primeiro foi presidido por Benjamim Octávio de Almeida, Wilson Sanches Netto e Walter de Souza; o segundo, por Osíris Cabral Tavares, Saul Messias de Oliveira e Ângelo Delpino.

Ao findar abril de 1966, chegava a São Paulo o Élder Spencer W. Kimball, do Conselho dos Doze, acompanhado pelo Élder Franklin D. Richards, Assistente dos Doze, e respectivas espôsas. Essas autoridades passaram imediatamente a entrevistar os líderes locais, líderes êsses que deveriam integrar os quadros de liderança da Estaca prestes a ser criada.

Cêdo, pela manhã, em 1.º de maio de 1966, reuniram-se com as duas Autoridades Gerais todos os líderes entrevistados, na capela de Pinheiros, para ouvirem instruções e palavras de exortação. A sessão matinal da conferência às 10 horas foi bastante concorrida. Sob a presidência do Élder Kimball, o Pres. Wayne M. Beck, da Missão Brasileira, visìvelmente emocionado, procedeu à abertura da sessão, saudando os membros dos três distritos que alí se congregavam e também representantes da Missão Brasileira do Sul.

Após um inspirado discurso, o Élder Spencer W. Kimball solicitou o apôio da congregação para o programa que criava a Estaca São Paulo, a primeira da América do Sul, abrangendo 3.400 membros aproximadamente, distribuidos por sete alas e um ramo.

A seguir, o Irmão Kimball pediu o apôio para os Irmãos que presidiriam a Estaca: Presidente: Walter Spät; Primeiro Conselheiro: Osíris Cabral Tavares; Segundo Conselheiro: Antônio Carlos de Camargo, Secretário: Eduardo Tomanik.

Dando prosseguimento ao programa da reunião, fizeram uso da palavra êsses irmãos, transmitindo seus sentimentos sôbre a importância dos seus chamados. O Pres. Spät convertera-se à Igreja de Jesus Cristo em 1950, tendo vindo a ocupar, sucessivamente, vários cargos de importância na Missão Brasileira. O Pres. Osíris, convertido em 1959, ocupara diversos cargos de liderança e havia sido, até receber êsse chamado, Presidente do Distrito de Piratininga. O Pres. Camargo, o membro mais antigo a integrar a Presidência da Estaca, fôra batizado em Campinas em 1946; ao longo dêsses anos teve oportunidade de acumular muita experiência e conhecimento no trabalho da Igreja, tendo inclusive podido observar o funcionamento da Estaca a que pertenceu em Salt Lake City.

No período da tarde, foram ordenados pelos Élderes Kimbal e Richards, 38 sumo sacerdotes, sete setentas, abençoadas cinco crianças e designado o Irmão Oswaldo W. Spät, para cumprir uma missão de pregação do Evangelho na Suiça.

Dêsses sumo sacerdotes ordenados, 12 haviam de integrar o Sumo Conselho: Ângelo Delpino, Benjamim Oc-

távio de Almeida, Juan Condom Vidal, José Gimenez Galhardo, Walter Guedes de Queiróz, Nelson Ferreira de Carvalho, Walter de Souza, Reinhold Kraft, Júlio Klapoth, José Benjamin Puerta, Rodamés Sceppa e Sylvio Giacomo Vazzoler.

A nova Estaca venceu galhardamente todos os problemas que se lhe antepuseram no seu primeiro ano de existência. Afinal, em 12 de novembro de 1967, durante a Conferência Trimestral, foi chamado o primeiro Patriarca da América do Sul, o Bispo José Lombardi.

Desde a sua formação, duas novas capelas foram inauguradas, a da Ala I e a da Ala II, faltando apenas a entrega da capela da Ala VII para que tôdas as alas da Estaca venham a possuir prédios próprios. Essa capela dentro de mais uns poucos meses estará em uso.

Até o momento, a Estaca conta com oito missionários proselitistas de tempo integral, três em missão na Europa, quatro em missão na América do Sul, e um na Missão Brasileira do Sul. Além dêsses Missionários de tempo integral, existem mais cinco missionários locais.

A Estaca São Paulo agora olha para o futuro, e as autoridades por ela responsáveis desenvolvem esforços para que todos os programas da Igreja venham a encontrar uma expressão amadurecida entre nós. Na reunião geral trimestral do sacerdócio, realizada a 10 de dezembro de 1967, a Presidência da Estaca revelou a sua preocupação em desenvolver as condições necessárias para a criação de um sistema escolar da Igreja. A nossa liderança não descansou sôbre os louros já conquistados, consciente de que a parte maior da obra ainda está à sua frente, reunem tôdas as suas fôrças e seus talentos para levá-la a cabo, e para isso esperam o apôio do sacerdócio e de todos os seus membros.

A Partir de Cumorah

(Continuação da página 55)

evidente grito de um povo aflito a clamar vingança sôbre seus inimigos, anseio escatológico nascido do espírito do exílio — e que portanto deveria ter sido escrita durante o o exílio por algum dos exilados, muito depois dos dias de Isaías. Dessa forma se identifica o Deutero-Isaías.

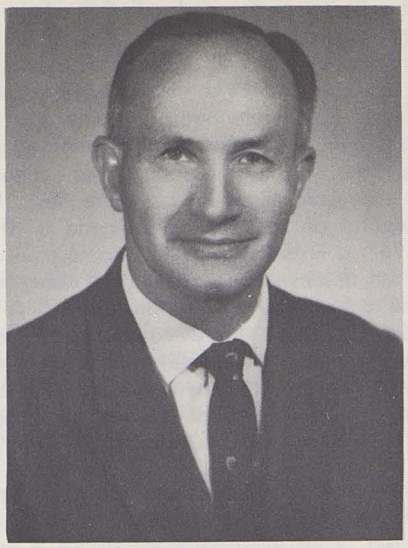
Mas, como ressalta agora Eissfeldt, não há razão pela qual essas imprecações não possam ter sido proferidas contra o exército do império assírio, que assolava tôdas as nações com suas hostes sinistras, nos dias de Isaías.[17] Nem, como notam outros estudiosos, há motivo algum pelo qual se tenha de ser exilado para escrever a respeito do exílio; em que medida poderemos confiar na percepção dos exegetas, quando cada um afirma ser óbvio para êle que essas passagens sôbre o exílio foram escritas na Babilônia (Volz), Palestina (Mowinckel), Egito (Marti) ou Líbano (Duhm)?"[18]

A mais notável dicotomia entre Isaías e Deutero-Isaías é a ênfase dada pelo último a um apocalipse de beatitude — o retôrno dos exilados e a reconstrução da cidade santa e seu templo, em contraposição com o horrível apocalípse de aflição que prevalece no texto anterior. Mas somos novamente alertados de que as duas concepções formaram sempre um todo indiviso no espírito de Isaías —. não se pode pensar em coligação sem que haja dispersão e vice-versa: elas não representam absolutamente dois conceitos diferentes de história, mas uma e a mesma doutrina, básica para todos os profetas e muito mais antiga que Isaías. É êste o aspecto que está sendo cada vez mais salientado hoje, à luz dos estudos comparativos que demonstram apresentar-se desde muito cedo na literatura egípcia e babilônica o conceito cíclico das coisas — de períodos alternados de sofrimento e derrota, seguidos por vitória e prosperidade — e isto parece ter sido elemento fundamental em rituais do antigo Oriente, desde longa data.[19]

Como o aspecto escatológico e apocalíptico predomina na apócrifa mais recente, presumiu-se que se tratasse de uma evolução religiosa posterior, mas o estudo comparativo de antigos textos e monumentos de ritual e a descoberta de um número cada vez maior dêles vêm alterando o panorama.[19] (continua)

NOTAS

1. Vide The Improvement Era, 68 (1965), (Março de 1965, págs. 210f, 213; abril de 1965, págs. 309ff, 328f etc.), e nosso capítulo intitulado "The Return of the Prophets?" em *The World and the Prophets* (Salt Lake City: Bookcraft, 1962), págs. 258-272.
2. G. Colonna, The Sanctuary at Pyrgi in Etruria", *Archaeology*, 19 (Jan. 1966.), pág. 21.
3. U. Schmoll, "Die hebräisch Inschrift des Goldplättchens von Comiso," *Zeitschift der deutschen Morgenlandischen Gesellschaft*, 113 (1964), págs. 512-4.
4. "Quanto mais a autoria do Livro de Isaías é investigada, mais complicada parece a questão." Finalmente "restaram muito poucas passagens de autoridade inquestionável... Parece que o livro inteiro foi melhor descrito como uma antologia da obra de muitos autores... um confuso amálgama de maiores ou menores fragmentos de muitas fontes." J. Eaton, em *Vetus Testamentum*, 9 (1960) págs. 138f.
5. O processo é descrito na última pesquisa extensa do problema, *Einleitung in das Alte Testament* de Otto Eissfeldt, (3.ª edição, Tübingen: Morh, 1964), págs. 408-412.
6. Ibid., pág. 460.
7. Ibid., pág. 413.
8. Ibid., pág. 408.
9. J. A. Soggin, "*Geschichte, Historie und Heilsgeschichte im Alten Testament*," em *Theologische Literaturzeitung*, 89 (1964), pág. 724.
10. Ibid., pág. 723.
11. Eissfeldt, op. cit., pág. 420.
12. Ibid., págs. 416, 424. Igualmente, os hinos de louvor e os versos satíricos, apesar de completamente opostos em tom, integram-se uns aos outros e não indicam autoria independente, pág. 457.
13. Ibid., págs. 431 seg. e *passim*.
14. Ibid., págs. 452-3.
15. Ibid., págs. 461, 466.
16. Ibid., págs. 464-5.
17. Ibid., pág. 421.
18. Ibid., pág. 447.
19. Uma das mais úteis coleções de textos sôbre o assunto é o de A. von Gall, *Basileia tou Theou* (Heidelberg, Winter, 1926). Para uma pesquisa mais recente, vide nosso "Expanding Gospel", em *BYU Studies*, 7 (1966), págs. 3-27.



Irmão George Franz Lippelt

Quarenta Anos Depois

segundo uma narrativa de

George F. Lippelt

Numa triste tarde de setembro de 1918, o pequenino coração de Robert Lippelt, deixou de bater encerrando a sua curta vida, de dez anos, vítima de um mal cardíaco.

Antes de cerrar os olhos para o mundo, o pequeno Robert deixara um estranho legado à sua desolada família: "Na semana da minha morte," dissera êle, "vocês encontrarão a Igreja verdadeira." Acrescentou em seguida que aquela revelação viera-lhe em um sonho.

Poucos dias após o passamento, a caminho da igreja protestante que freqüentava, Antônia, uma das irmãs de Robert, veio a conhecer uma certa Sra. Demmel e aceitou o seu convite para acompanhá-la à sua Igreja.

Quando Antonia abriu sua bolsa e tirou um "pffenig" para a oferta, seu gesto foi amàvelmente recusado. Voltando para casa referiu o evento dizendo: "Mamãe, fui domingo à Igreja, mas a uma Igreja muito diferente."

No domingo seguinte aumentou para três pessoas o grupo que compareceu à reunião da "Igreja diferente": Antônia, seu irmão George e Hans Schlaffel, seu companheiro de folguedos, ambos com seis anos de idade.

Com exceção dos pais, em breve tôda a família Lippelt freqüentava a nova Igreja. Naquêles tempos do após-guerra, tudo era mais difícil e o pequeno Ramo de Bremmen contava com apenas 25 membros, sendo muito poucos os portadores do Sacerdócio.

Uma feliz intervenção do supervisor do ramo, o Irmão Heinrich Bach, veio precipitar os acontecimentos. Maquinista de estrada de ferro na linha Hannover-Bremmen, vinha à cidade uma vez por mês. Numa destas visitas, enquanto presidia a Escola Dominical, pediu às crianças do ramo que trouxessem seus pais para a reunião que seria realizada às três horas da tarde.

Os pequenos Lippelts ficaram imaginando como fariam para trazer os pais à Igreja. Herr Robert Lippelt, o pai, não queria sequer que lhe falassem da Igreja. Afinal, como o Irmão Bach costumava hospedar-se na mesma rua em que vivia a família Lippelt, as crianças resolveram fazer-lhe uma visita e solicitar-lhe que fôsse pessoalmente à sua casa e fizesse o convite aos pais.

Com Herr Lippelt não houve jeito, mas Frau Lippelt, após uns momentos de resistência e hesitação, cedeu ao gentil convite e resolveu acompanhar os filhos à reunião.

Corria o ano de 1920. Tal como o falecido Robert predissera dois anos atrás, a família agora sabia que havia encontrado a Igreja verdadeira e dispunha-se a receber o batismo. George Franz Lippelt, então com oito anos, ficara entusiasmado com o fato de ter atingido a idade mínima requerida para êsse solene convênio, e pediu licença para recebê-lo. Como Herr Lippelt continuasse hostil à Igreja, coube a Frau Lippelt, por intermédio da Irmã Bensoll, professôra de George na Escola Dominical, convidar o Presidente do Ramo, o Irmão Franz Korosky, a sua casa para discutirem a respeito do batismo. O Irmão Korosky teve uma longa conversa com Herr Lippelt, explicando-lhe a necessidade de serem os seus filhos batizados. Herr Lippelt afinal consentiu no batismo da espôsa e dos filhos, mas recusou-o terminantemente para si mesmo.

O dia 20 de julho de 1920 sorria com tôda a sua gala estival sôbre as águas do rio Weser, nas quais George F. Lippelt recebeu o convênio do batismo das mãos de George Scholtz. Junto com êle, nesse dia memorável, sua mãe, suas irmãs, o amiguinho Hans e mais vinte e cinco pessoas receberam o batismo.

A família Lippelt crescia no Evangelho e no testemunho, progredindo na Igreja. Mas, tempos de provação já se levantavam tempestuosos à sua frente. Vieram uns

amigos de Herr Lippelt a sua casa e, sabendo que a família era mórmon, escandalizaram-se, pois, segundo informaram a Herr Lippelt, os mórmons tinham várias mulheres ao mesmo tempo. Nesse dia a fúria de Herr Lippelt contra a Igreja não conheceu limites. Era quarta-feira e as crianças achavam-se reunidas na Igreja. Herr Lippelt foi para lá munido de uma boa vara, para trazê-los à fôrça, se fôsse o caso, e dar-lhes uma boa lição.

Depois dêsse incidente, a família ficou proibida de comparecer à Igreja por oito anos.

Decidido a evitar os mórmons de vez, Herr Lippelt resolveu emigrar para a América e planejou estabelecer-se no Texas, mudando logo de idéia ao ser informado de que por lá os mórmons eram ainda mais numerosos que na Alemanha. "Vá para o Brasil," disseram-lhe os amigos, "a vida no sul do país é barata, há uma colônia alemã estabelecida lá e pode estar seguro de que não há mórmons.

E não havia mesmo, quando a família Lippelt veio morar em Pôrto Alegre.

Embora Herr Lippelt estivesse ativamente empenhado no contrário, a predição do pequeno Robert entretanto não se anularia tão fàcilmente. Em fins de 1925 era dedicada a América do Sul à pregação do Evangelho. George F. Lippelt, então com cêrca de treze anos, soube do fato por intermédio da correspondência secreta que mantinha, juntamente com suas irmãs, com o Irmão Demmel, Presidente do Ramo de Bremmen na ocasião. Não obstante a alegria inicial dessa boa nova, os três anos seguintes foram cheios de decepcionantes respostas negativas à incessante pergunta: "Já há missionários no Brasil?" "Não, mas não percam as esperanças no Senhor."

Afinal, em 1928, Reinhold Stoof, Presidente da Missão Sul-Americana, enviou os primeiros missionários ao Brasil, os quais iniciaram a pregação em alemão na cidade de Joinville. Nesse tempo, os Lippelts viviam em Rio Prêto, atual Ipoméia.

Através da diligência do Irmão Demmel, chegou às mãos do Pres. Stoof o enderêço da família Lippelt. Como a pregação era feita de preferência aos alemães que já haviam conhecido a Igreja em seu país de origem, o Pres. Stoof partiu para Rio Prêto com intenção de visitar a família Lippelt, que dêste modo iria tornar-se pioneira testemunhando o desenvolvimento da Igreja no Brasil.

George e sua irmã Georgina haviam saído de casa com destino a Rio das Antas quando viram um estranho na rua e ficaram imaginando se aquêle não seria o Pres. Stoof, que o Irmão Demmel lhes avisara por carta que viria visitá-los. Foi um alegre encontro.

No dia seguinte, 3 de agôsto de 1930, foi realizada a primeira reunião da Igreja que assistiam após oito anos de afastamento compulsório. George Lippelt foi ordenado mestre no outro dia, e exultava. Mas nem todos estavam alegres. Herr Lippelt fremira de fúria ao saber das novas: "Então, saimos da Alemanha e deixamos de ir para o Texas por causa desta seita, e agora ela vem atrás de nós!".

O Senhor, entretanto, havia reservado uma boa dose da sua infinita paciência para aquêle filho recalcitrante, que insistia no seu papel de Jonas enquanto a família seguia o Evangelho. Finalmente, depois de uma longa luta que durou 43 anos; Robert Lippelt converteu-se ao Senhor, sendo batizado aos oitenta e quatro anos, em 1963.

Quando a morte o recolheu em 7 de agôsto de 1965, pôde finalmente reunir-se ao pequeno Robert, há tantos anos falecido, levando-lhe a maior mensagem de amor que um homem pode anunciar em qualquer tempo: que a nossa esperança no Senhor não se resume a esta vida. (I Cor. 15:9) Na terra ficara seu filho George, ao qual caberia a doce tarefa de fazer todos os preparativos para que o pequeno Lippelt e todos os seus familiares no mundo espiritual pudessem participar das bênçãos da Igreja que lhe havia sido revelada tanto tempo atrás.







A êstes homens coube a árdua tarefa de semear o Evangelho restaurado no início da Igreja no Brasil. Da esquerda para a direita: Reinhold Stoof, Pres. da Missão Sul-Americana por volta de 1930; Rulon S. Howells, primeiro Presidente da Missão Brasileira (1935-38) e John A. Bowers, segundo Presidente da Missão Brasileira (1938-42).

L.D.S. CHURCH
TRANSLATION SERVICES DEPT.
LIBRARY



"Pois eis que passou o inverno: a chuva cessou e se foi: "Aparecem as flôres na terra, o tempo de cantar chega, e a voz da rôla ouve-se em nossa terra."

Cantares de Salomão 2:11-12